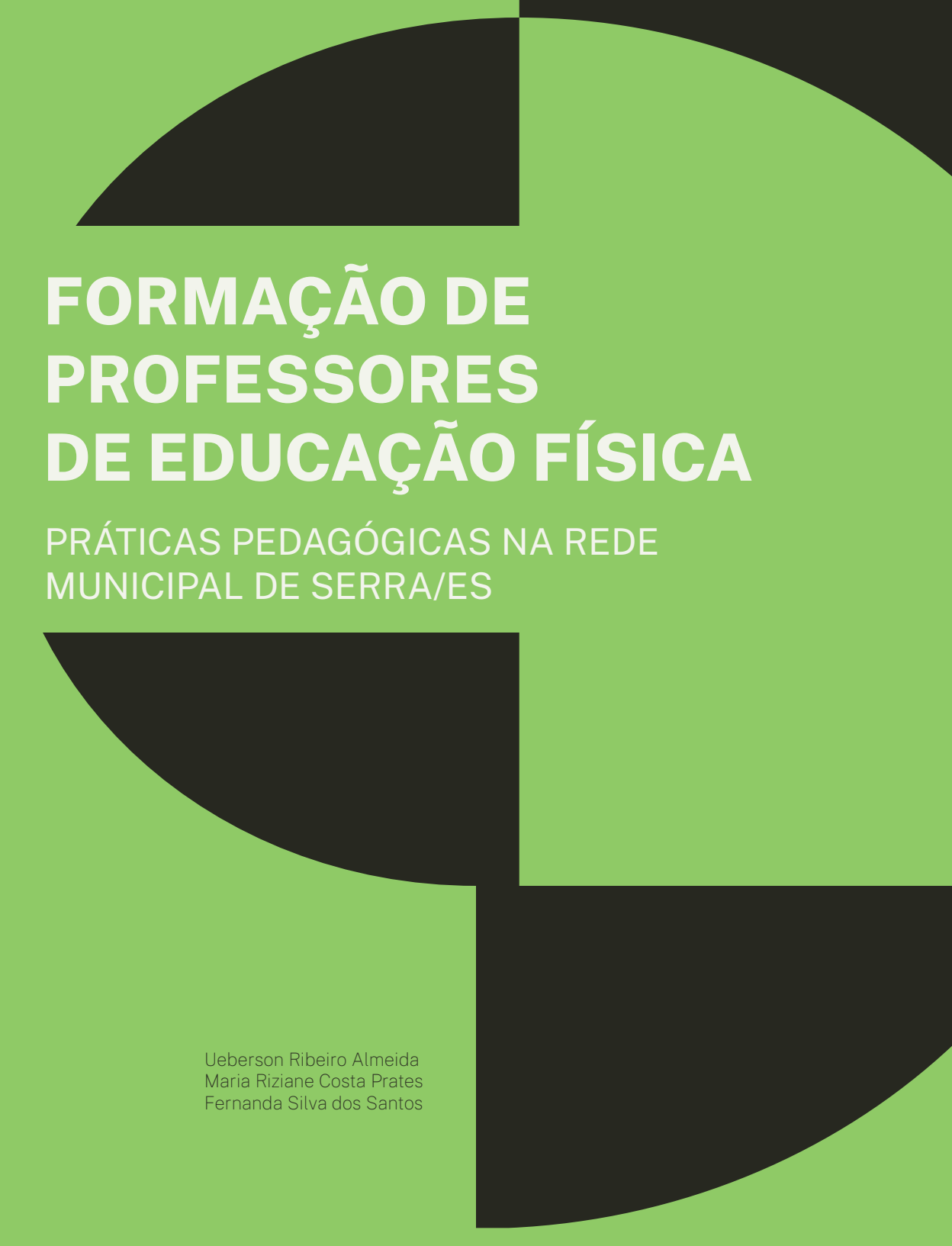


The background features a large green circle with a black square in the top-left corner. A black semi-circle is positioned at the bottom-left, partially overlapping the green circle. The text is white and centered within the green area.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA REDE
MUNICIPAL DE SERRA/ES

Ueberson Ribeiro Almeida
Maria Riziane Costa Prates
Fernanda Silva dos Santos

Formação de professores de Educação Física

**Práticas pedagógicas na Rede
municipal de Serra/ES**

ORGANIZADORES:

Ueberson Ribeiro Almeida

Maria Riziane Costa Prates

Fernanda Silva dos Santos

Formação de professores de Educação Física

Práticas pedagógicas na Rede
municipal de Serra/ES

ORGANIZADORES:

Ueberson Ribeiro Almeida
Maria Riziane Costa Prates
Fernanda Silva dos Santos

ProEx
PROFESSORIA DE LICENCIADO

Vitória, ES
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Paulo Sérgio de Paula Vargas

Reitor

Roney Pignaton da Silva

Vice-Reitor

Claúdia Maria Mendes Gontijo

Pró-Reitora de Graduação

Valdemar Lacerda Junior

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Renato Rodrigues Neto

Pró-Reitor de Extensão

Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitora de Administração

Rogério Naques Faleiros

Pró-Reitor de Planejamento e

Desenvolvimento Institucional

Josiana Binda

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Gustavo Henrique Araújo Forde

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

e Cidadania

Conselho Editorial

Ana Paula S. de Vasconcellos Bittencourt (UFES)

Angelica Espinosa B. Miranda (UFES)

Ariadne Mara de Souza (UFES)

Carolina Fiorin Anhoque (UFES)

Gloria Barreto (Universidade Nacional Caaguazú)

Gustavo Menendes (Universidad del Litoral)

Jaqueline Carolino (UFES)

João Meyer (UNICAMP)

Ligia Ribeiro e Silva Gomes (UFES)

Mariana Duran Cordeiro (UFES)

Maurice da Costa (UFES)

Patricia Moore (Universidad Pablo de Olavide)

Rogério Dias Fraga (UFES)

Viviana Borges Cortes (UFES)

Supervisão Gráfica

Paola Pinheiro Bernardi Primo

Capa

Fernanda Alves Cardoso

Editoração

Karina Ellen Ramos Neves (PROEX-UFES)

Pró-Reitoria de Extensão

Editora

Tiragem: 100 exemplares

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Espírito Santo

Pró-Reitoria de Extensão

Av. Fernando Ferrari nº 514 -Vitória/ES

CEP 29075-910

Dados internacionais de Catalogação pública (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

F723

Formação de professores de Educação Física : práticas pedagógicas na rede municipal de Serra/ES / organizadores Ueberson Ribeiro Almeida, Maria Riziane Costa Prates, Fernanda Silva dos Santos. - Vitória, ES : PROEX/UFES, 2023.

207 p. : il. ; 21 cm

Inclui Bibliografia

ISBN: 978-85-65276-73-3

1. Educação Física. 2. Educação permanente. 3. Prática de ensino. I. Almeida, Ueberson Ribeiro, 1977-. II. Prates, Maria Riziane Costa, 1977-. III. Santos, Fernanda Silva dos, 1980-. IV. Título.

CDU: 796

Elaborado por Elem Rodrigues de Oliveira –CRB-6 ES-537-O

SUMÁRIO

11 APRESENTAÇÃO
Os Organizadores

19 Prefácio
Maria do Socorro de Souza Marques

23 O que pode um Coletivo?
Luciana Galdino, Nilcéa Elias Rodrigues Moreira

25 Formação continuada de professores de Educação Física de Serra
Ueberson Ribeiro Almeida, Maria Riziane Costa Prates

Unidade I: O Trato Didático-Pedagógico das Ginásticas

47 O Circo na Educação Infantil: Ludicidade e cultura nas aulas de Educação Física
Lorena Nascimento Ferreira, Thacia Ramos Varnier

67 Ginástica "Pra Geral" nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental
Kenia Broedel Andrade

75 Ginasticando: Brincando de Ginásticas na escola
Bianca Jahel Boreli

83 Ginástica Artística: Possibilidades na Educação Física Escolar
Elisângela Moreira Dias Amaral, Maria Aparecida Passini

95 Ginástica Artística: Uma experiência na Escola
Antonio Junior Rodrigues de Barros

Unidade II: Danças, Capoeira e Cultura do Espírito Santo

107

Congo e Folclorices: Brincadeiras Populares e Cultura Capixaba na Educação Infantil

Poliana Nery de Castro Bispo

117

Dançando Congo e Capoeirando em um CMEI de Serra

Ana Paula Endlich Pereira Bastos, Renata Marques Rodrigues

131

Influências Africanas e Indígenas em manifestações culturais: Uma experiência interdisciplinar com as Danças e Capoeira no Ensino Fundamental

Alexsandra Evangelista Quadra

Unidade III: Jogos, Brincadeiras e Esportes

147

Jogos e brincadeiras como conteúdo das aulas de Educação Física

Samuel Coelho da Silva

160

Jogos e brincadeiras na Educação Infantil: Uma releitura de Ivan Cruz nas aulas de Educação Física e Arte

Renata Bernardo Narcizo, Renata de Souza Santos

174

Copa do mundo: O futebol da nossa escola

Fernanda Silva dos Santos

189

RUGBY: Uma abordagem didática "da" escola

Pedro Assunção Peito Macedo, Ubirajara de Oliveira, Fernanda Silva dos Santos

Apresentação

O livro “Formação de professores de Educação Física: práticas pedagógicas na Rede municipal de Serra/ES” é efeito do Curso de formação continuada intitulado “O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas”, realizado em 2018 por meio de uma parceria interinstitucional (Projeto de Extensão) entre Secretaria de Educação Municipal de Serra/Gerência de Formação e Universidade Federal do Espírito Santo/Centro de Educação Física e Desportos.

O Projeto de Extensão buscou contribuir com a formação continuada de professores de Educação Física (EF) das escolas do município de Serra/Grande Vitória a partir da problematização e experimentação teórico-prática do trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física Escolar (EFE). Nesse sentido, trabalhamos com os seguintes objetivos: a) discutir os conceitos atuais sobre o currículo e conteúdos, tomando como principal orientação a Base Nacional Comum Curricular; b) apresentar e discutir modos de trato didático-pedagógico dos conteúdos aliados à democratização e garantia de acesso às práticas corporais na escola pelos alunos; c) levar os docentes a experimentarem, corporalmente, modos de trato didático-pedagógicos dos conteúdos de Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas; d) ampliar a formação cultural docente via experimentação e desenvolvimento de “gosto/prazer” pelos conteúdos; e) sistematizar e experimentar os conteúdos Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas nas escolas da Rede municipal de Serra; f) promover aproximação entre a Universidade e a Rede de Ensino Municipal para elaboração e realização de ações conjuntas de formação.

A proposta deste livro constiu-se em socializar as produções do Seminário de Práticas Pedagógicas, realizado ao final do Curso de Formação Continuada, momento no qual os docentes de Serra apresentaram suas práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, ligadas direta e/ou indiretamente aos conteúdos e temas do Curso. Ressaltamos que embora os conteúdos privilegiados do Curso de Formação Continuada do ano de 2018 tenham sido as Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas, alguns docentes desenvolveram experiências pedagógicas nas escolas com os conteúdos ligados aos temas das brincadeiras, jogos e esportes. Como a formação continuada de professores de Serra começa após o início das aulas, muitos docentes chegam à formação com projetos pedagógicos em andamento em suas escolas. Respeitamos, acolhemos e incorporamos também essas experiências pedagógicas nesse livro, uma vez que elas dialogam com os temas da “Base Nacional Comum Curricular” e da “Educação Física Crítica no Contemporâneo”, ambos trabalhados no primeiro módulo do Curso de Formação Continuada.

Elaborar um livro sobre as experiências desenvolvidas nas escolas foi uma demanda do próprio grupo de professores participantes do Curso, uma vez que compreendem a importância de darem visibilidade a seu difícil e bonito trabalho na educação pública, bem como de compartilhar saberes e práticas com outros educadores. Trata-se, portanto, de um livro que fomenta o protagonismo docente, bem como concebe os professores e professoras também como produtores e autores da história da educação, do seu trabalho, da sociedade (NÓVOA, 2019; BRACHT, 2019). Nesse sentido, mais do que os produtos apresentados, nos interessa compartilhar e tornar público o processo de luta que alguns gestores, professores e professoras das escolas e da universidade empreendem todos os dias para cuidar da formação, das aprendizagens, das vidas e auxiliar na garantia da educação pública como emblema e exercício de uma sociedade democrática.

O livro está constituído por um capítulo “abre-alas” que descreve e

explica como ocorreu a formação continuada e de onde partiram os textos que compõem os relatos de experiências pedagógicas contidos nas três unidades temáticas. A primeira unidade apresenta capítulos no formato relatos de experiência acerca do trato didático-pedagógico das Ginásticas, empreendido pelos docentes nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) do município de Serra. A segunda unidade mostra como os docentes se apropriaram dos conteúdos relacionados às Danças e à Capoeira e sua importância na ampliação da formação cultural de professores e estudantes. A terceira unidade reúne relatos de experiências sobre o trato didático-pedagógico dos jogos, brincadeiras e esportes desenvolvidos pelos docentes no ano de 2018 e 2019. Embora os jogos e as brincadeiras não tenham sido tema central do Curso de Formação, acolher essas experiências se fez importante, uma vez que os jogos e as brincadeiras dialogam e/ou se transversalizam como recurso didático-metodológico no ensino dos esportes, das danças, das lutas, da capoeira e das ginásticas.

O capítulo “abre-alas” que inicia e dá ritmo ao livro intitula-se **“Formação Continuada de professores de Educação Física de Serra”**, de Ueberson Ribeiro Almeida e Maria Riziane Costa Prates. Este capítulo apresenta o planejamento e desenvolvimento do Projeto de Extensão interinstitucional **“O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: danças, lutas/capoeira e ginásticas”**, por meio do qual realizou-se a formação continuada dos professores de EF do município de Serra, no ano de 2018. Foi nesse Curso de Formação que os docentes de EF apresentaram suas experiências pedagógicas desenvolvidas nas EMEF’s e CMEI’s do município e que compõem os demais capítulos deste livro, os quais encontram-se distribuídos nas três unidades temáticas.

Nomeamos a primeira unidade temática de **“O trato didático-pedagógico das Ginásticas”**, a qual está composta por cinco capítulos que desenvolvem intervenções e reflexões sobre os diferentes modos de aprendi-

zagem dessa prática corporal nas EMEF's e CMEI's. Abrimos a unidade com um tema que está na base histórica da ginástica, todavia ainda pouco explorado na EFE. Trata-se do Circo, manifestação cultural repleta de cores, ludicidade, imaginação, habilidades e encantamentos. É sobre esse tema que as professoras Lorena Nascimento Ferreira e Thacia Ramos Varnier desenvolvem o relato de experiência “O circo na Educação Infantil: ludicidade e cultura nas aulas de Educação Física”. As atividades foram realizadas nos CMEI's “Zilda Arns” e “Tio Leandro”. O planejamento foi realizado de forma coletiva, entre as duas professoras, com a intenção de mobilizar saberes, práticas e os conhecimentos sobre a diversidade cultural do Circo e suas potencialidades para as crianças de 1 a 5 anos.

No capítulo “Ginástica ‘pra geral’ nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental”, a professora Kenia Broedel Andrade relata sua primeira experiência de trato didático-pedagógico com o conteúdo Ginástica Geral nas aulas de EF na EMEF “Altair Siqueira Costa”, município de Serra/ES. As atividades foram desenvolvidas com estudantes do Ensino Fundamental, dos 3º e 4º Anos. Na mesma toada deste capítulo, temos o relato da professora Bianca Jahel Boreli, intitulado “Ginasticando: brincando de ginástica na escola”. A intervenção foi desenvolvida em todas as turmas da EMEF Neusa Maria Peyneau, onde os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental aprenderam Artes Circenses via elementos acrobáticos e manipulativos. As turmas de 5º anos trabalharam com a Ginástica Geral (GG) a partir dos elementos acrobáticos e da Ginástica Rítmica (GR).

Fechando a primeira unidade temos os capítulos sobre a Ginástica Artística na escola. No capítulo “Ginástica Artística: possibilidades na Educação Física Escolar”, das professoras Elisângela Moreira Dias Amaral e Maria Aparecida Passini, a intervenção com uma sequência didática de movimentos básicos da GR foi realizada com as meninas e os meninos do Grupo 5 dos CMEI's Amélia Pereira e Dona Nina e na EMEF Américo Guimarães Costa. No capítulo que encerra a unidade I, o professor Antonio Junior

Rodrigues de Barros, faz um relato de experiência sobre o processo de ensino-aprendizagem da Ginástica Artística para alunos do 1º ao 3º Anos do Ensino Fundamental que estudam na EMEF Dom Helder Pessoa Câmara, localizada na região litorânea de Jacaraípe e, na EMEF Sônia Regina Gomes Resende Franco, localizada na região de CIVIT/Serra.

A segunda unidade é denominada de **“Danças, capoeira e cultura do Espírito Santo”**. O capítulo que abre a unidade traz para o currículo da Educação Infantil o Congo como prática corporal importante da formação cultural da população capixaba e serrana. Por meio do relato “Congo e folclóricos: brincadeiras populares e cultura capixaba na Educação Infantil”, de Poliana Nery de Castro Bispo, é possível compreender como a referida docente resgata brincadeiras populares ligadas ao Congo e ao Folclore para construir ritmos, sons e sentimento de pertencimento cultural nas crianças de um CMEI de Serra. Nessa mesma batida do tambor, o capítulo “Dançando congo e capoeirando em um CMEI de Serra”, das professoras Ana Paula Endlich Pereira Bastos e Renata Marques Rodrigues mostra a importância de um currículo da Educação Infantil que conheça e valorize o patrimônio imaterial das populações. O relato de experiência pedagógica das professoras apresenta um trabalho desenvolvido em parceria entre as professoras de EF e de Arte do CMEI Luciano de Souza Rangel, durante o ano de 2018/2019, tendo como eixo orientador a história do município de Serra, a partir da tematização do congo capixaba e da capoeira.

O último capítulo dessa unidade é um convite necessário a uma Educação Antirracista. Imerso na luta por justiça e valorização das culturas negras e indígenas, o capítulo “Influências africanas e indígenas em manifestações culturais: uma experiência interdisciplinar com as danças e capoeira no Ensino Fundamental”, de Alexsandra Evangelista Quadra, traz à cena da escola e das aulas de EF no Ensino Fundamental, um grupo de professores inconformados com o racismo e com as desigualdades sociais. Por meio de um trabalho interdisciplinar articulado, sistematizado e politicamente

engajado, o relato de experiência mostra como as práticas corporais (Capoeira; Maculelê; Dança do Congo; Dança do Olodum) podem se constituir como expressões culturais produtoras de sentimento de pertencimento, afirmação da diferença, da autoaceitação e autorrealização dos estudantes, principalmente, pretos e indígenas.

A terceira unidade denomina-se **“Jogos, Brincadeiras e Esportes”**. O Capítulo que abre essa unidade tem como título “Jogos e brincadeiras como conteúdo das aulas de Educação Física”, do professor Samuel Coelho da Silva. O relato de experiência é resultado de ações desenvolvidas nas aulas de EF na EMEF Prof^a Valéria Maria Miranda. Toma o tema da “Copa do mundo” de futebol para experimentar os fundamentos técnicos desse esporte de forma lúdica, bem como vivenciar e conhecer brincadeiras e jogos das Regiões Nordeste, Sul, Centro-Oeste, Sudeste e Norte. Ainda sobre o tema dos jogos e brincadeiras, o capítulo seguinte tem o título “Jogos e brincadeiras na Educação Infantil: uma releitura de Ivan Cruz nas aulas de Educação Física e Arte”, das professoras Renata Bernardo Narcizo e Renata de Souza Santos. O relato traz um interessante trabalho interdisciplinar entre as docentes de EF e Arte no CMEI Vantuil Raimundo Bessa. O objetivo das aulas de EF foi inserir atividades no currículo do CMEI para aprimorar o sentimento de valorização e prática das brincadeiras e jogos tradicionais que fazem parte da cultura brasileira, evidenciados nas telas do artista Ivan Cruz. Em conexão com essa perspectiva, a disciplina de Arte buscou ampliar o repertório visual das crianças por meio da apreciação de diferentes obras de arte, bem como despertar a atração e gosto pela arte, tendo como foco as obras de Ivan Cruz.

A segunda parte da terceira unidade tem o esporte como tema privilegiado. Sobre o trato didático desse conteúdo na escola, o capítulo “Copa do mundo: o futebol da nossa escola”, de Fernanda Silva dos Santos, apresenta um projeto interdisciplinar implementado na EMEF Jonas Farias, localizada no bairro Nova Carapina, com os alunos de 5º ao 9º Anos do turno vespertino, onde cada com-

ponente curricular trabalhou uma temática relacionada à Copa do Mundo de Futebol: origem, países envolvidos, culturas diversificadas, país sede, entre outros. O capítulo afirma a importância de uma proposta educacional e curricular multiculturalista, na medida em que leva a comunidade escolar a reconhecer o valor da pluralidade e da diversidade cultural, bem como a necessidade de formar para a cidadania com base na afirmação das diferenças.

Por fim, o capítulo “Rugby: uma abordagem didática “da” escola”, dos professores Pedro Assunção Peito Macedo, Ubirajara de Oliveira e da professora Fernanda Silva dos Santos, desenvolveu um trabalho de ampliação da Cultura Corporal de Movimento através do Rugby, oferecendo aulas de EF mais atraentes e que proporcionassem aos estudantes uma vivência esportiva nova, além de oportunizar uma forma diferente e lúdica de experimentação desse esporte tão pouco acessado pelos estudantes nas aulas de EFE.

Os Organizadores

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e que pode ser** (elementos de uma teoria pedagógica para a educação física). Ijuí: Unijuí, 2019.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação e realidade**. Porto Alegre. v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019.

Prefácio

Feliz, honrada e grata com o convite dos queridos professores/ autores e amigos Ueberson Ribeiro e Riziane Prates para prefaciarem o livro “Formação de Professores de Educação Física: Práticas Pedagógicas na Rede Municipal de Serra/ES”. Asseguro que este trabalho eficiente e competente será uma fonte de inspiração para todos aqueles que acreditam na formação continuada de professores.

De 2015 à 2018 quando atuei como gerente no Centro de Formação “Professor Pedro Valadão Perez” no município de Serra, no qual tivemos o privilégio de compor a equipe com esses competentes professores acima mencionados, elaboramos o plano de ação para formação de professores, acreditando no sistema educacional do município de Serra com as premissas ESCUTAR, VALORIZAR e FORMAR.

ESCUTAR para que os professores pudessem encontrar nas ações formativas os anseios e necessidades de estudos para suas práticas pedagógicas.

VALORIZAR para aproveitamento mútuo de experiências aliadas às práticas de acolhimento, composição, amorosidade, respeito à diferença, ética, compromisso no ensino-aprendizagem e no desenvolvimento profissional e pessoal do professor.

FORMAR para a vida, para a reflexão e transformação das práticas docentes nas Unidades de Ensino de Educação Infantil e Ensino Fundamental como um processo permanente e constante.

Assim, buscamos “com” os saberes acadêmicos da Universidade Federal do Espírito Santo, elaborar coletivamente, cursos de extensão para os professores do município, dentre eles, tecemos o curso “O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: danças, lutas/capoeira e ginásticas”. Este teve carga horária de 120 horas, realizado em 2018 por meio da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Serra/Gerência de Formação e a Universidade Federal do Espírito Santo/Centro de Educação Física e Desportos.

Esta obra é o resultado de um trabalho coletivo, coordenado pela professora Riziane Prates e pelo professor Ueberson Ribeiro, envolvendo professores das instituições parceiras, e representa a potência da formação continuada como experimentação teórico-prática do trato didático-pedagógico, o protagonismo docente em consonância com os temas da “Base Nacional Comum Curricular” e da “Educação Física Crítica no Contemporâneo”.

Cada um dos capítulos deste livro potencializa e contribui com as práticas pedagógicas, de modo que os professores possam utilizar metodologias dinâmicas e atrativas, possibilitando a aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Além disso, os professores e professoras de Educação Física têm em suas mãos uma excelente ferramenta para os processos de ensino-aprendizagem e, portanto, um instrumento que poderá auxiliar os estudantes, por meio de diversos temas da Cultura Corporal de Movimento, a se conhecerem melhor, explorarem suas potencialidades, elevarem a autoestima, respeitarem a si e ao outro, cuidarem da saúde e outros valores necessários para a formação do cidadão.

Finalizando, reitero a gratidão pelo convite, a admiração, carinho e competência dos autores e o meu desejo que este livro seja fonte de leitura constante, daqueles que acreditam na educação. Freire (1996, p.58), ao falar da pedagogia da autonomia e a educação na cidade, já dizia que “[...] ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Sabemos que a educação é o caminho para o desenvolvimento de qualquer nação, e a formação de professores um fator primordial para aprimoramento e fortalecimento da prática pedagógica.

Maria do Socorro de Souza Marques

Gerente de Formação da Secretaria de Educação de Serra em 2018

O que pode um coletivo?

Nos espaços/tempos de formação docente diferentes modos de afetar e ser afetado coexistem em forma de encontros, bons encontros, experiências aprendentes e criativas, que movimentam pensamentos e ações. Compreendemos que é pelo afeto que as intensidades de forças se movem e se constituem inventivos e produtores de muitos sentidos.

Parafraseando Deleuze (1978), quando superamos a ideia de formação docente como aligeiramento, como clichês do tipo “faça você mesmo”, individual e meritocrático; para a ideia de formação docente que se constitui no coletivo, pela aprendizagem inventiva, pela criação e agenciamentos que visam a noções comuns, dizemos que a potência de agir é aumentada. Nos ambientes de formação docente, a aprendizagem se dá pelo encontro, pelo afeto, e não apenas pela prescrição, pelo engessamento e pelo template.

A composição do livro “Formação de Professores de Educação Física: práticas pedagógicas na rede Municipal de Serra/ES” afirma a aposta em que diferentes enunciados de práticas docentes em composições que envolvem temas como a ginástica, dança, capoeira, jogos, brincadeiras, esportes e outras transversalidades potentes. Vimos parabenizar a toda coordenação e equipe envolvida na produção desse livro, que pode inspirar muitas outras inventivas práticas pedagógicas docentes no trabalho da Educação Física.

Luciana Galdino

Secretária de Educação de Serra em 2023

Nilcéa Elias Rodrigues Moreira

Gerente de Formação de Serra em 2023

Capítulo I- Formação continuada de professores de Educação Física de Serra

Ueberson Ribeiro Almeida, Maria Riziane Costa Prates

Esse capítulo apresenta como planejamos e desenvolvemos o Projeto de Extensão¹ interinstitucional **“O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: danças, lutas/capoeira e ginásticas”**, por meio do qual realizamos a formação continuada dos professores de Educação Física (EF) do município de Serra, no ano de 2018. Foi nesse Curso de Formação que os docentes de EF apresentaram suas experiências pedagógicas desenvolvidas nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), do município de Serra-ES e elaboraram os relatos de experiências que compõem os demais capítulos deste livro.

O projeto de extensão nasce da aproximação entre o Centro de Formação de Professores “Pedro Valadão Perez”, da Secretaria de Educação do município de Serra e o Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Após conversas entre a equipe da Gerência de Formação (GEFOR/Serra) e um professor do CEFD/UFES, estabelecemos uma parceria interinstitucional com o intuito de contribuir com a formação continuada de professores de EF das escolas do município de Serra/Grande Vitória, a partir da problematização e experimentação teórico-prática do trato didático-pedagógico dos conteúdos: Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas.

A escolha da temática e dos conteúdos para o ano de 2018, deu-se a partir do estudo e análise das avaliações realizadas pelos docentes de Serra, sobre a formação continuada oferecida pelo município no ano de 2017. No conjunto das avaliações, os docentes, por ordem de prioridade, solicitaram que gostariam de se apropriar das danças, lutas/capoeira e ginásticas, pois eram conteúdos pouco trabalhados nas escolas e, portanto, constituíam-se como desafios aos docentes ensiná-los.

1. Projeto apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo, registrado sob o número 100454.

Partindo das avaliações e das demandas que emanavam das escolas e dos docentes, pensamos em um curso de formação continuada que pudesse dialogar com o “chão” das escolas e que interessasse aos docentes. Percebemos que, sobretudo, era necessário entabularmos uma formação em que os docentes pudessem experimentar corporalmente os conteúdos, no diálogo com os conceitos e teorias, pois, estudos do campo da EF mostram que, quando os docentes possuem uma relação prazerosa com os conteúdos, as possibilidades de ensiná-los na escola também se ampliam (SOUZA JR., DARIDO, 2007; ANJOS, SILVA, ALMEIDA, 2012; ALMEIDA, 2014).

Também partimos da constatação feita por estudos dos cotidianos escolares que apontam certa “ausência” do ensino de Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas nas escolas, principalmente no Ensino Fundamental e Médio (SOUZA JR., DARIDO, 2007; NEIRA, 2014). Os professores de EF têm revelado dificuldades em trabalhar com conteúdos diferentes daqueles conhecidos como o “quarteto fantástico”: futebol, voleibol, handebol e basquete (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010; FENSTERSEIFER; SILVA, 2011). Embora estes esportes tradicionais sejam importantes temáticas da Cultura Corporal do Movimento, o acervo das práticas corporais é complexo e infinitamente diverso. O acesso e experimentação dessas práticas é elementar ao enriquecimento cultural exigido pela formação humana escolarizada.

Nesse sentido, partilhamos da compreensão de que, problematizar, experimentar e sistematizar as Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas a partir das condições situadas do trabalho docente pode contribuir para a ampliação do acervo cultural dos professores e, com efeito, interferir positivamente na diversificação dos conteúdos e na qualidade da EF oferecida nas escolas da rede de ensino do município de Serra.

Ressaltamos que a experimentação corporal foi uma via importante para levar os docentes a sentirem “o gosto do conteúdo” (ALMEIDA, 2014) de modo diferente daquele que eles conheciam e/ou ao qual foram culturalmente incorporados ao longo de suas vidas. Lembramos que, como constata Figueiredo (2007), os professores ingressam na formação inicial em EF com concepções técnico-biológicas da área, oriundas de suas

experiências “sociocorporais” com as práticas corporais construídas ao longo da vida. Tais concepções colocam entraves e produzem “filtros” que guiam as escolhas docentes desde a formação inicial, bem como interferem em sua relação com a teoria e com os conhecimentos pedagógicos necessários à formação ampliada e crítica de educação e de EF. Desse modo, os docentes se formam e aderem a concepções (nem sempre conscientes) acerca dos conteúdos de ensino da EF. Por essas razões, é necessário, na formação continuada, levar os docentes a outras formas de experimentação dos conteúdos e, portanto, abrir as possibilidades para que sintam, “incorporem” e ampliem suas relações com os processos de ensino-aprendizagem.

A equipe de trabalho que conduziu o curso de formação constituiu-se da coordenadora da Formação de Área de Professores de EF da Secretaria Municipal de Educação de Serra, do Coordenador do Curso – membro do Laboratório de Estudos em Educação Física, do CEFD/UFES, de um grupo de professores colaboradores do CEFD e de doutorandos² do Programa de Pós-Graduação em EF do CEFD. Essa colaboração multifacetada e rica possibilitou que os temas Currículo, Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas fossem tratados por formadores com experiência acadêmico-profissional, o que qualificou sobremaneira o Curso e atraiu o interesse dos professores da Rede de Serra. Pela importância que o trabalho colaborativo teve no Curso, destacamos a equipe de trabalho no Quadro 1.

2. Todos já concluíram o doutorado.

Quadro 1 – Equipe de trabalho do Curso de Formação Continuada.

Equipe Interinstitucional		
Nome	Instituição	Trabalho e/ou tema desenvolvido
Ueberson Ribeiro Almeida	LESEF/CEFD/UFES	Coordenação/Planejamento coletivo com os docentes
Maria Riziane Costa Prates	SEDU/Serra	Coordenação/Planejamento coletivo com os docentes
Valter Bracht	LESEF/CEFD/UFES	Currículo e nova Base Nacional Comum Curricular
Milainy Ludmila Santos Goulart	IFES Serra Grupo de Dança Andora ³	Danças
Fábio Luiz Loureiro	CEFD/UFES Grupo de Capoeira Beribazu	Lutas
Vinícius Martins Penha	LESEF/CEFD/UFES Grupo de Capoeira Beribazu	Lutas/Capoeira
Fernanda Simone Lopes de Paiva	LESEF/CEFD/UFES	Ginásticas

Fonte: Elaborado pelos autores

Embasados nas demandas advindas das avaliações dos docentes sobre a formação continuada do ano de 2017 e nos estudos do campo da EF, elaboramos os seguintes objetivos específicos para o curso de formação continuada do ano de 2018:

- Compreender conceitos atuais sobre o currículo e conteúdos tomando como principal orientação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC);
- Discutir e apropriar-se de modos de trato didático-pedagógico dos conteúdos aliados à democratização e garantia de acesso às práticas corporais na escola, pelos alunos;
- Experimentar corporalmente modos de trato didático-pedagógico dos conteúdos Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas;
- Ampliar a formação cultural docente via experimentação e desenvolvimento de “gosto/prazer” pelos conteúdos Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas;

3. O Grupo Andora está vinculado ao CEFD/UFES. Possui como objetivo a formação inicial e continuada de professores interessados na divulgação e preservação da cultura popular por meio da educação.

- Sistematizar e experimentar os conteúdos de Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas nas escolas da Rede municipal de Serra;
- Promover a aproximação entre a universidade e a rede de ensino municipal para elaboração e realização de ações conjuntas de formação.

A formação continuada contemplou atividades de encontros presenciais, planejamento coletivo; experimentação dos conteúdos nas escolas e um seminário de práticas pedagógicas. A dinâmica dos encontros formativos foi pautada no diálogo e compartilhamento das experiências dos professores e de seus contextos de trabalho. No CEFD/UFES, às segundas-feiras, foram realizados os encontros presenciais de caráter teórico-prático. Os encontros ocorreram por meio de atividades expositivas, oficinas, palestras e rodas de conversa sobre as experiências dos professores com os conteúdos na escola.

Após a formação nos encontros do CEFD/UFES, os professores planejaram atividades nas suas escolas a partir de um dos conteúdos trabalhados na formação continuada. Dessa maneira puderam entrar em composição com outras escolas e/ou professores de outros turnos de trabalho na mesma unidade de ensino, para planejamento e experimentações curriculares coletivas de ensino/aprendizagem de EF.

ENCONTROS FORMATIVOS

O curso foi realizado quinzenalmente envolvendo atividades no Centro de Formação de Professores do Município de Serra e nos espaços do CEFD/UFES. Foi desenvolvido de março a novembro de 2018, perfazendo um total de 120 horas-aula, sendo 60 horas de atividades presenciais na Universidade (UFES) e 60 horas de planejamento, sistematização e desenvolvimento do conteúdo escolhido nas escolas onde os professores trabalham. A Formação foi organizada em quatro módulos, os quais apresentamos nos próximos tópicos.

Módulo I - Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Educação Física Crítica e Danças

No módulo I, iniciamos o debate da BNCC, tema atual e latente na vida docente em 2018, ano da publicação do documento pelo Ministério da Educação. O texto inicial da BNCC “[...] aponta que o documento apresenta-se como fruto de amplo processo de debate e negociação com os diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira em geral, [...] sem, no entanto, estar nele contidas as muitas vozes que o negaram [...]” (PRATES, 2020, p. 99-100). O modo como a BNCC chegou aos docentes, causou muitas dúvidas, equívocos e medos. Portanto, o debate sobre esse documento foi importante para podermos pensar juntos, as possibilidades do trato didático-pedagógico das danças, lutas e ginásticas na formação continuada.

Foto 1 – Debate da Base Nacional Comum Curricular no CEFD/UFES.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Em seguida, iniciamos os encontros formativos com o tema da dança e suas possibilidades pedagógicas. Ensinar dança na escola é um grande desafio para os docentes, pois, além das questões de domínio técnico e de precária estrutura em algumas escolas, religião e questões de gênero atravessam os imaginários de estudantes, pais e professores acerca desse conteúdo. A partir de uma abordagem cultural da dança, a formadora, Professora Milayne Goulart envolveu os docentes em encontros formativos regados à cultura e história do Espírito Santo.

Imagem 1– Encontros formativos com a dança



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Como atividade transversal da formação continuada, os docentes de Serra participaram, ainda no Módulo I, do evento da Rede Internacional de Investigação Pedagógica em EFE (REIPEFE), cujo tema foi o “Lugar da Educação Física Crítica no Contemporâneo”. O evento foi realizado no CEFD, sob a coordenação do LESEF⁴, e consistiu em um momento de homenagearmos, publicamente, algumas professoras de EF da Rede Municipal de Serra que desenvolvem “práticas pedagógicas inovadoras” (BRACHT, ALMEIDA, WENETZ, 2018) de EF nas escolas.

4. A REIPEFE foi instituída em 2008 e atualmente é constituída por 11 grupos de pesquisa de diferentes universidades e instituições da América do Sul, a saber: Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil (Ufes); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Unijuí); Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (UFSC); Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, (UFSM); Universidad de la República, Montevideo, Uruguay (Udelar); Universidad Provincial de Córdoba/Instituto Provincial de Educación Física (UPC/IPEF); Universidad Nacional del Comahue, Bariloche, Argentina (UNCo); Instituto Superior de Educación Física Ciudad de General Pico, La Pampa, Argentina (ISEF); Universidad Nacional de La Plata (UNLP); Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (UFMG); e Universidad Nacional de la Matanza, La Matanza, Argentina. A REIPEFE teve como temática de pesquisa para o biênio 2018/2019 a “Formação continuada e transformação das práticas pedagógicas em Educação Física Escolar” (BRACHT; ALMEIDA; WENETZ, 2018).

Foto 2 – Professores de Serra no Evento da REIPEFE, no CEFD/UFES”.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Concomitantemente aos encontros formativos realizados no CEFD/UFES, realizávamos encontros para planejamento coletivo no Centro de Formação de Professores, do município de Serra. O planejamento individual e/ou coletivo foi realizado no Centro de Formação de Professores e/ou nas Unidades de Ensino, supervisionado pela coordenadora da Formação Continuada de EF do Município. Esta atividade compôs uma carga horária de 60 horas e foi importante para que os docentes pudessem experimentar em suas EMEF's e CMEI's, com mais segurança, os conteúdos que estavam sendo trabalhados no curso de formação continuada.

Foto 3 – Planejamento Coletivo no Centro de Formação de Professores, em Serra.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O planejamento coletivo e suas experimentações (desenvolvimentos) nas escolas foram o substrato sobre o qual os docentes elaboraram os relatos de experiência que foram compartilhados e apresentados no Seminário de Práticas Pedagógicas, ao final do Curso. Alguns desses relatos compõem os capítulos subsequentes deste livro.

Módulo II- Lutas e Capoeira

No módulo II, experimentamos os conteúdos das lutas e capoeira. Assim como a dança, as lutas e a capoeira são atravessadas por entendimentos equivocados, que dificultam que os docentes os ensinem nas escolas. Geralmente as lutas são atreladas à violência, masculinidade, brutalidade e rixas. Já a capoeira é atravessada por um duplo preconceito; por um lado carrega aqueles atrelados às danças (questões de gênero e religiosidade de matrizes africanas) e, por outro, é entendida como atividade apenas para homens ágeis, lutadores e fortes. Assim, nosso desafio na formação continuada foi experimentar e conhecer as lutas e capoeira como um direito de aprendizagem dos estudantes, portanto, como elementos da Cultura Corporal de Movimento, acessíveis a qualquer pessoa, independente de sexo, gênero, etnia e religião.

Imagem 2 – Estudo e experimentação de lutas com os docentes.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Foto 4 – Experimentação de capturas coletivas na luta



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

No conteúdo relacionado à capoeira, o professor formador, ao tomar a prática como meio de produção do conhecimento, envolveu os professores cursistas na história da capoeiragem por meio de brincadeiras, em que a questão do capitão do mato e das pessoas escravizadas foi problematizada; criou navios negreiros com os próprios corpos dos docentes sentados no chão; trabalhou com produção do mapa da África; reeditou a prática colonizadora dos processos de captura, compra e venda dos povos africanos; e mostrou como os imperialistas delas se apropriaram para captura, escravização e tráfico das pessoas negras. Também levou os docentes a experimentarem os instrumentos musicais referentes à capoeira, à prática afro-diaspórica e a simularem os movimentos de resistência ao processo de escravidão.

Foto 5 – Reconstruindo mapa da África

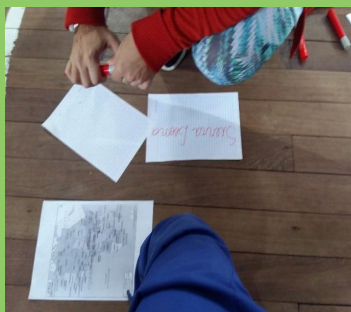


Foto 6 – Experimentando jogo de capoeira



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Foto 7 – Compartilhando experiências sobre práticas descolonizadoras



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Módulo III – Ginástica Geral

O Módulo III tematizou e experimentou a Ginástica Geral e suas possibilidades no contexto escolar. A professora formadora, Fernanda Paiva, revisitou a história da ginástica junto com os docentes, convidando-os a refletir sobre as expressões dessa prática corporal no contemporâneo, em suas relações com a estética, com o esporte, com o mercado e com o lazer.

Foto 8 – Docentes tateando formas de movimentos e Conceitos da ginástica.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Foto 9 – Experimentação de formas gímnicas



Foto 10 – Conversa sobre a ginástica



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Foto 11– Debate sobre formas contemporâneas de ginásticas e possibilidades pedagógicas



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

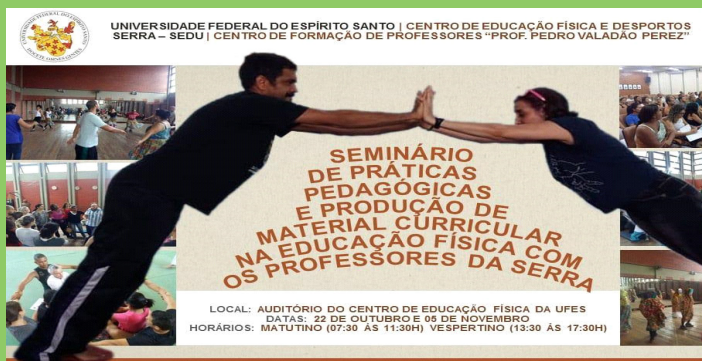
A maioria dos docentes participantes do curso de formação continuada, em momento algum havia experimentado a ginástica a partir de uma abordagem voltada à escola. Isso porque foram formados em currículos de cursos de graduação em EF que tematizavam apenas a Ginástica de Competição e/ou Ginástica Olímpica e Ginástica Artística, o que demanda aparelhos especializados e materiais de esporte de alto rendimento, gerando uma demanda muito distante daquelas da escola pública.

Ressaltamos que tais experimentações formativas possibilitaram engajamentos dos professores, bem como encorajamentos para desenvolverem o conteúdo da Ginástica Geral em suas escolas. Alguns docentes entraram em contato com a professora formadora para solicitar auxílio e materiais usados nos encontros formativos, objetivando ressignificá-los nas suas unidades de ensino.

Módulo IV- Seminário de Práticas Pedagógicas

O Seminário de Práticas Pedagógicas ocorreu no módulo IV, ao final do Curso de Formação Continuada, entre os meses de outubro e novembro de 2018, nos turnos matutino e vespertino. Para participar do Seminário, o docente deveria organizar a apresentação oral (com slides ou outra forma) de uma experiência pedagógica realizada na escola ligada aos conteúdos (Danças, Lutas/Capoeira e Ginásticas) desenvolvidos na formação continuada. Todavia, a pedido dos docentes, também foi possível acolher experiências pedagógicas que já se encontravam em andamento nas escolas e que tematizavam outros conteúdos, como brincadeiras, jogos e esportes. Além de apresentarem a experiência pedagógica, cada docente autor ou grupo, deveria entregar um relato escrito da referida experiência.

Imagem 3 - Convite e divulgação do Seminário de Práticas Pedagógicas



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Para a organização da apresentação das experiências pedagógicas docentes no Seminário de Práticas Pedagógicas, foi pactuado com os professores, a sistematização dos relatos e escritas a partir de três elementos básicos: I-Como o trabalho foi planejado? II –Quais foram as estratégias metodológicas utilizadas? e; III - Como a aprendizagem dos estudantes foi avaliada?

A experiência pedagógica poderia ser desenvolvida de modo individual ou coletiva, envolvendo outros docentes da mesma EMEF/CMEI e/ou de escolas vizinhas. Assim, boa parte dos docentes se juntaram aos amigos e aos colegas de trabalho de mesmo turno e de turnos diferentes para desenvolverem trabalhos em parceria.

O coletivo foi sendo tecido pelos diferentes agrupamentos, não engessados, não cristalizados em uma única modelagem, afinal “como escapar dessas lógicas perversas pelas quais fomos tomados ao seguir determinados fluxos? Talvez uma saída seja o processo formativo, pelas diferentes possibilidades de compartilhamento de saberes [...]” (PRATES, 2020, p. 163).

Imagem 4 – Docentes apresentando experiências pedagógicas no Seminário de Práticas



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Foram 40 trabalhos inscritos e 85 docentes autores participantes do “Seminário de Práticas Pedagógicas”. Devido ao grande número de trabalhos inscritos no Seminário, pactuamos 10 minutos para cada apresentação. Após um bloco de cinco apresentações, realizávamos uma roda de debate, durante 30 minutos, sobre as experiências pedagógicas apresentadas. Alguns dos professores formadores/colaboradores da Ufes participaram dos debates dos trabalhos dos docentes de Serra e enriqueceram o Seminário com experiências coletivas e compartilhadas. Assim, apostamos em um processo formativo “[...] em que o fundamental

se torna: EXPERIMENTAR. Aulas como criação, traçando contornos que, mais que traçar currículos prescritos que mantêm uma ideia de educação em *planos de organização*, provocam novas composições pela conquista de forças de ação e singularidades” (PRATES, 2020, p. 209, grifos da autora).

Foto 12 – Debate das apresentações pelo Prof. formador Vinícius Penha



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O Seminário de Práticas Pedagógicas foi um momento importante e bonito da formação continuada. Muitos docentes colocaram-se como protagonistas de seus trabalhos e da Educação, além de alguns terem relatado, de modo emocionado, que aquela era a primeira vez que haviam apresentado trabalho em uma Universidade Pública Federal.

Por fim, é importante mencionar que alguns dos relatos escritos e as experiências apresentadas pelos docentes no Seminário de Práticas Pedagógicas compõem os demais capítulos deste livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso foi realizado de março a novembro de 2018 e teve grande adesão por parte dos professores de EF da Rede Municipal de Serra/ES. No projeto do curso estimamos o número de 110 participantes, todavia, tivemos um total de 180 professores frequentadores da formação, incluindo docentes de EF atuantes na Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II.

As avaliações realizadas com os docentes durante o processo e ao final do Curso indica uma importante satisfação destes, ao relatarem seus laços com a Universidade e com o CEFD. Também indicam que as formações realizadas sobre o princípio da relação teoria/prática os auxiliaram a revisitar as memórias e a repensar seus modos de atuação docente.

As formações ministradas pelos docentes do CEFD/UFES sobre a BNCC, Ginásticas, Lutas e Danças inspiraram os professores a elaborarem projetos e experiências pedagógicas de trato didático-pedagógico em seus CMEI's e EMEF's. Essas experiências foram sistematizadas, apresentadas e debatidas no evento realizado.

O Seminário de Práticas Pedagógicas realizado ao final do curso foi um momento importante de visibilização das práticas docentes que estavam ocorrendo no “chão das EMEF's e CMEI's” de Serra, constituindo-se, dessa maneira, também como forma de reconhecimento dos saberes e das lutas que os docentes travam todos os dias, para garantir educação pública de qualidade. Ressaltamos que 85 docentes se envolveram em elaborar, apresentar e discutir suas práticas pedagógicas.

Dentre os obstáculos que enfrentamos, citamos as fortes chuvas dos meses de abril e maio, as quais nos levaram a adiar alguns encontros. Também destacamos como obstáculo a precária condição de trabalho de parte dos docentes cursistas, os quais lecionam em dois ou três turnos e nada lhes sobra de tempo para realizar estudos e leituras importantes à reflexão e aos processos de transformação das práticas pedagógicas.

Destacamos as dificuldades dos professores de EF que atuam na Educação Infantil de Serra para participarem da formação continuada de-

vido a estes/estas não terem um dia/turno da semana de planejamento. Para participar da formação, muitos desses/as docentes tiveram que contar com a boa vontade de seus diretores ou “pagar” o dia em que estiveram na formação com trabalho extra nos CMEI’s.

A parceria e o entrosamento entre a Secretaria de Educação – SEDU/ Serra e a Universidade foi de fundamental importância para o bom andamento do curso. A gerência de Formação de Professores de Serra cuidou de toda parte burocrática e pedagógica, com mediação, apoio e acompanhamento do planejamento coletivo. Essa atividade foi de central importância para que os docentes pudessem escrever sobre suas experiências pedagógicas.

Vale ressaltar que a todo tempo foi necessário conversar, avaliar e repensar nossas estratégias de intervenção nos encontros com o grupo de docentes. Essa postura dialógica e fraterna entre os gestores do curso, possibilitou a antecipação e gestão dos imprevistos de modo corresponsável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA U. R. **Tramas e urdiduras:** o protagonismo como exercício na atividade de professores de educação física. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito-Santo, Vitória, 2014.

ANJOS, A. F.; SILVA, E. B.; ALMEIDA, U. R. Formação continuada na escola: ampliação cultural do acervo de práticas corporais de professores de educação física. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 57-66, set. 2012.

BRACHT, V.; ALMEIDA, U. R.; WENETZ, I. (org.). **A educação física escolar na América do Sul:** entre a inovação e o abandono/desinvestimento pedagógico. Curitiba: CRV, 2018.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaando o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2007.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF Escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, p. 10-21, 2010.

NEIRA, M. G. **Práticas corporais:** brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

PRATES, M. R. C. **Políticas de amizade e alegria nos currículos e formação de professores da educação infantil.** Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA JR.; O. M.; DARIDO, S. C. **Para ensinar educação física:** possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papirus, 2007.



UNIDADE I

O TRATO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO
DAS GINÁSTICAS

Capítulo II- O Circo na Educação Infantil: Ludicidade e cultura nas aulas de Educação Física

Lorena Nascimento Ferreira, Thacia Ramos Varnier

Este relato de experiência trata da inserção da temática do Circo como conteúdo da Educação Física (EF) na Educação Infantil. As atividades foram realizadas no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Zilda Arns” e no CMEI “Tio Leandro”, no ano letivo de 2018, ambos localizadas no município de Serra. O Planejamento foi realizado de forma coletiva, entre as duas professoras, com a intenção de mobilizar saberes, práticas e os conhecimentos sobre a diversidade cultural do circo e suas potencialidades para as crianças de 1 a 5 anos.

Essa proposta foi realizada com a intenção de mobilizar aprendizagens sobre as diferentes culturas no contexto da Educação Infantil, potencializando a formação de crianças e estimulando o conhecimento no cotidiano escolar. Além disso, no ano de 2018, a proposta pedagógica para se trabalhar no CMEI “Tio Leandro”, possuía como tema: “Cultura e Arte por toda Parte”. Nesse sentido, tal proposta fortaleceu o anseio da professora de EF desta instituição em trabalhar o tema Circo em suas aulas, visto ser uma manifestação cultural presente em diferentes lugares do país e do mundo, além de possuir, como característica particular, um roteiro itinerante, podendo ser realizada de forma dinâmica em diversos lugares e contextos sociais. Assim, corroboramos com Souza (2012) ao destacar que na LDB 9394/96, entre outros conhecimentos, o ensino de Arte, Cultura e História constitui componentes curriculares obrigatórios nos diversos níveis da Educação Básica.

Isto posto, o Circo se apresenta como um tema transversal interessante a ser trabalhado na EF, já que as nossas aulas podem se consolidar como um espaço de manifestação da cultura corporal existente no pica-deiro, destacando as potencialidades de expressão, (re) criação, a imaginação e os aspectos lúdicos proporcionados por essa prática.

Ao dialogar sobre essa temática, Caramês, Krug e Silva (2012) destacam que as atividades circenses contribuem para relações de afetividade entre as crianças, o que permite um processo educativo por meio de atividades que exigem segurança e confiança, como: acrobacias, malabarismo, equilíbrio corporal e jogos expressivos.

Ainda nessa perspectiva, os referidos autores reafirmam uma das intencionalidades traçadas por nós: “[...] por se tratar de uma atividade que traz grande fascínio e motivação para as crianças e por ser algo diferenciado do que se está acostumado a ver no âmbito escolar, pode ser mais um instrumento a ser aplicado na escola” (CARAMÊS; KRUG; SILVA, 2012, p. 180). Além disso, destacamos o Circo como uma das manifestações artísticas e culturais que representam uma parte importante da cultura humana.

Portanto, destacamos as potencialidades do circo na EFE, enfatizando as possibilidades e os limites encontrados nas práticas pedagógicas desenvolvidas nos dois espaços de atuação, durante o ano letivo de 2018.

METODOLOGIA

As intervenções aconteceram nos CMEI’s “Zilda Arns”, localizado em Feu Rosa e “Tio Leandro”, situado em Taquara II, ambos localizados no município de Serra/ES. Na unidade de ensino “Zilda Arns”, o conteúdo foi trabalhado com todas as turmas da escola, abrangendo as faixas etárias de 3 a 5 anos. Já no CMEI “Tio Leandro”, o conteúdo do projeto também envolveu todas as turmas, mas abrangendo crianças de 1 a 5 anos. Vale ressaltar que o conteúdo das atividades do projeto foi adaptado respeitando as condições motoras das crianças.

Inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico sobre as possibilidades da inserção do circo nas escolas. Na sequência, elencamos as atividades que seriam realizadas, estabelecendo as práticas da seguinte forma:

- Explicação sobre a cultura circense;
- Contação e conversa sobre a história “Trombinha e o Circo”;

- História movimentada: “A Fuga do Palhaço”;
- Roda de Conversa, a partir dos vídeos, sobre os artistas de circo (Malabarista, trapezista, acrobata, equilibrista, mágico e palhaço) e as atividades realizadas por eles;
- Exibição do filme "Madagascar 3", cuja temática retrata, de forma divertida, a realidade do circo;
- Atividades de acrobacias/contorcionismo (rolamento para frente e para trás; ponte; estrela, vela e movimentos no tecido acrobático);
- Confeção e movimentos com o Balangandã;
- Malabarismo com tecidos, bolas de assoprar e de papel;
- Bailarinas e Bailarinos;
- Expressões corporais: pintura de rosto; e dança (Bailarina/bailarino);
- Movimentos na perna-de-pau;
- Confeção e atividades de equilíbrio com o pé-de-lata;
- Movimentos de corda bamba: com corda e/ou slackline (equilibrismo);
- Personagens do circo: Super Herói;
- Perna de Pau (pé de lata);
- Espetáculo de Circo (Dia do Circo): “Vem brincar que o circo já chegou”.

Ao final de todas as aulas dialogamos com as crianças sobre os movimentos, sentimentos e os aprendizados. Além disso, ao término do projeto, realizamos uma atividade avaliativa, por meio de relatos e desenhos no papel e com massa de modelar, sobre as experiências e conhecimentos adquiridos com o projeto do Circo⁵. Após finalizar as atividades realizamos o Espetáculo “Vem brincar que o Circo já chegou”, um evento de circo no qual as crianças participaram e ganharam visibilidade no processo de aprendizagem. Elas desempenharam os papéis de malabarista, equilibrista e palhaços.

5. Ressaltamos que o uso de capturas de fotografias foi também uma estratégia metodológica para registrar as atividades das aulas. Contudo, no decorrer do percurso, algumas intercorrências aconteceram, o que dificultou o acesso a essas fotos, bem como a qualidade das mesmas. Por isso, algumas atividades aqui expostas não apresentaram fotografias como forma ilustrativa.

No CMEI “Tio Leandro”, a professora de EF iniciou este dia com um teatro que tinha o tema Circo, cuja proposta envolvia músicas que retratavam o tema circense com a animação da garotada. No CMEI “Zilda Arns” foram realizadas apresentações do homem da perna-de-pau, malabaristas (adultos e os alunos da escola), apresentação de ginástica acrobática e finalizamos com uma divertida apresentação do palhaço, o qual convidou as crianças para participarem das suas trapalhadas.

Vale ressaltar que por se tratar da Educação Infantil, a professora de EF do CMEI “Tio Leandro” optou por apresentar os personagens e as atividades do projeto por meio da utilização da “caixa mágica”⁶. Nesta caixa (uma caixa pequena de plástico), ela inseriu desenhos dos personagens que as crianças iriam conhecer na semana, como uma forma de ilustrar a proposta da aula de forma concreta.

DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

O projeto foi realizado de forma independente em cada uma das escolas. Isto é, o projeto sobre o circo foi iniciado no começo do ano letivo de 2018 no CMEI “Tio Leandro”, mas no CMEI “Zilda Arns” foi desenvolvido a partir do terceiro trimestre⁷. Dessa forma, podemos encontrar diferenças em relação ao tempo em que as atividades foram desenvolvidas, bem como, variações no que se refere a algumas atividades do conteúdo trabalhado.

Assim, para facilitar a compreensão dos resultados apresentados neste projeto, como uma estratégia de organização textual, apresentaremos as categorias de conteúdos desenvolvidos em 2018: a) Palhaço e his-

6. Esta estratégia metodológica foi adotada em todas as turmas, mas especialmente nas turmas de 1 e 2 anos de idade, onde a experiência com o tema Circo deveria ocorrer por meio da representação visual, possibilitando uma assimilação melhor das crianças.

7. Essa escolha metodológica se deu em função do projeto institucional desenvolvido pela escola no ano letivo, visto que no 1º e parte do 2º trimestre foram utilizados para realizar atividades vinculadas à temática “A vida na roça”.

tória do Circo; b) Contorcionismo (ginástica/acrobacia/tecido acrobático); c) Malabarismo; d) Bailarinas e Bailarinos; e) Equilibrista (Corda Bamba); f) Personagens do Circo: Super herói; g) Perna de Pau (pé de lata) e h) O espetáculo: “Vem brincar que o Circo já chegou”.

a) História do Circo e o Palhaço

Neste conteúdo, procuramos trabalhar a temática Circo aproximando-nos de forma lúdica da realidade circense. Para isso, foram exibidos trechos do filme “Madagascar 3”, o qual retrata a fuga dos animais de Madagascar para a Europa. No meio do caminho, eles se deparam com um trem circense que viajava para realizar apresentações na região. Entre uma cena e outra, é possível visualizar os animais, brincadeiras e personagens característicos do universo do circo. Ao final do filme, as crianças são indagadas sobre os elementos do filme que remetem ao nosso circo convencional. Além disso, realizamos a exposição de vídeos relacionados às práticas corporais como malabarismo, equilíbrio, ginásticas, dentre outras atividades, que também foram exibidos com a intenção de estimular e trazer a memória de cada criança sobre o tema.

Foto 1 - História do Circo - "Filme Madagascar" 3



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Logo após esta etapa inicial, apresentamos a História da “Trombinha e o circo” e a História movimentada “A fuga do palhaço”. Ambas são histórias do universo infantil que alinham o movimento com trechos contados da história.

Foto 2 – História Movimentada: Fuga do Palhaço – Grupo 5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 3 - História: Trombinha e o circo – Grupo 4



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Indagados sobre quais os personagens do circo conheciam, com unanimidade, as crianças apresentaram a figura do palhaço. Dessa forma, o palhaço foi visto como um personagem referência do circo e, por tal motivo, resolvemos explorar o personagem com mais cuidado. Assim, foi realizada uma atividade de expressão corporal que alinhava música, movimento e pintura de rosto para representar o palhaço.

No Cmei “Tio Leandro”, realizou-se atividades de expressão e reconhecimento corporal, no qual, em uma das atividades propostas, foi utilizado o espelho e o uso de tinta própria para pintura de rosto. A proposta

da atividade era fazer com que as próprias crianças pudessem desenhar o nariz de palhaço em sua face e se reconhecer/perceber como protagonistas da atividade.

Nesta tarefa, algumas crianças com características como autismo, tiveram dificuldades em se reconhecer no espelho. Uma criança, em específico, reagiu com choro. Vale lembrar que todas as atividades foram adaptadas para cada faixa etária, sendo que nos grupos menores, era necessário um maior auxílio da professora.

Foto 4 – Expressão corporal: Palhaço – Grupo 4



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

b) Contorcionismo (ginástica/acrobacia)

Na categoria contorcionismo, a figura da/do ginasta também é muito presente no circo. Assim, abordamos a ginástica e o tecido acrobático, trazendo movimentos que fossem adequados para a realização das crianças. Como forma de sistematizar o conteúdo aprendido, inicialmente, realizamos movimentos da Ginástica Geral como aviãozinho, equilíbrios com diferentes partes do corpo, posições individuais e movimentos ginásticos em duplas e grupos. Criamos o pique “ginástica”, variação do pique gelo, em que a criança boiada teria que parar numa posição de ginástica aprendida nas aulas. Para ser “desboiada”, teria que uma outra criança reproduzir o movimento junto. Foi trabalhado também a ginástica no colchão,

movimentos como vela, ponte e rolamentos para frente foram executados. A utilização de pneu e tecido também fizeram parte da atividade, visando variar a metodologia do ensino do movimento.

Imagem 1- Ginástica Geral e rolamento com tecido



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 5- Ginástica Geral – Grupo 4



Foto 6 – Ginástica Geral - Grupo 5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

A ginástica também foi trabalhada com o tecido (liganete), o qual permite amplitude e altitude de movimento. Os movimentos são realizados com o tecido estendido do teto ao chão. A escolha pela ginástica com uso de ligante se deve pelo fato de muitos circos apresentarem acrobacias em tecido como atividade.

Trazer essa atividade como proposta para as crianças da Educação Infantil exigiu um maior cuidado, visto que a faixa etária das crianças coloca alguns limites à experiência motora. Contudo, é fundamental enriquecer e ampliar o repertório motor e cultural das crianças por meios das práticas corporais.

Foto 7 – Tecido acrobático – Grupo 2



Foto 8 – Tecido acrobático – Grupo 5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 9- Tecido Acrobático – Grupo 5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

c) Malabarismo

No que se refere ao malabarismo, foi trabalhado diferentes métodos: iniciamos com a utilização de lenços, em que as crianças teriam que pegar e lançá-los ao alto. Gradativamente foram inserindo mais lenços na atividade para que houvesse a complexidade do movimento.

Utilizamos também os balões de festa como uma forma adaptativa da atividade. Por fim, trabalhamos o malabarismo com bolinhas de papel e de plástico com cores variadas, mas nesse último passo eles executaram o movimento respeitando as individualidades e sempre sendo estimulados a tentarem com 2 ou 3 bolinhas.

Foto 10 – Malabarismo com tecido – G4



Foto 11 – Malabarismo com bolinhas – G4



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 12 – Malabarismo com tecido – G4



Foto 13 – Malabarismo com bolinhas – G3



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

d) Bailarinas e Bailarinos

Esta atividade surgiu a partir do levantamento dos personagens do circo que os alunos do CMEI “Tio Leandro” fizeram ao assistirem o filme “Madagascar 3”. Trazer esse personagem para as aulas fez suscitar algumas questões de gênero, como: “Existe Bailarino?”, “Dançar é coisa de menina?”, “Menino pode dançar?”, dentre outros questionamentos de iden-

tidade e gênero presentes em algumas falas das crianças. Possibilitar a dança, como uma linguagem corporal para além das questões de gênero, possibilitou que as crianças do sexo masculino se sentissem mais a vontade para se expressar durante as aulas.

Foto 14 – Bailarinos - Grupo 4



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

e) Equilibrista (Corda Bamba e Pé de Lata)

Para trabalhar o personagem equilibrista, trouxemos a corda como uma referência do personagem. A corda inicialmente foi trabalhada com uma dimensão menor. Ao longo das aulas, como progressão do conteúdo, foi-se aumentando o tamanho da corda e complexificando a realização dos movimentos: passar de frente, costas, lado, sozinho, com o colega, correndo, pulando, abaixando, dentre outros. Como última etapa da corda bamba, realizamos as atividades com a utilização do “slackline” (tipo de corda que possui uma catraca de segurança). O “slackline” é amarrado de um lado a outro, tendo a utilização de duas árvores como suporte. As estratégias metodológicas com esse objeto nos permitiu usar diferentes alturas e incorporar a falsa baiana (corda presa na parte superior paralela ao “slackline”) que possibilitou experimentar passar pelo objeto sozinho e sentir a dificuldade de se equilibrar.

Vale ressaltar que algumas alterações da atividade foram necessárias como medidas de segurança, como no CMEI “Tio Leandro” onde há crianças de 1 e 2 anos. Para essas faixas etárias uma fita adesiva demarcada no chão

simulando uma corda bamba foi utilizada como variação metodológica. A progressão de conteúdo para estas crianças foi a própria corda, que era esticada ao chão. Transportar a atividade de um desenho ao chão, para o uso de uma corda é uma etapa de progressão de conteúdo significativo para as crianças, visto que exige maior equilíbrio e percepção corporal para a atividade. Além do mais, proporcionar o uso do “Slackline” na Educação Infantil, para as crianças de 3 a 5 anos é desafiador, visto que algumas crianças podem possuir receio de altura ou dificuldades para a execução da atividade, o que pode proporcionar risco de quedas e frustrações. Por isso, é necessário um cuidado redobrado na atividade como o uso de falsa baiana, o “slackline” com altura adequada e usos de colchões para gerar um ambiente de segurança e diversão para as crianças.

Foto 15 – Corda Bamba com corda – G5



Foto 16 – Corda Bamba com Slackline – G2



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 17 – Corda Bamba com corda – G5



Foto 18 – Corda Bamba com corda – G5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

f) Personagens do circo: Super-herói

Esta atividade foi realizada no CMEI “Tio Leandro”, visto que em muitos momentos, ao serem questionados: “Qual o personagem iriam conhecer na semana?”, nomes de personagens de desenhos e filmes de super-heróis como “Homem-Aranha”, “Super-Homem” e “Mulher Maravilha” eram rotineiramente citados. Assim, acreditamos que, na atualidade, a figura do Super-herói foi a representação encontrada para os personagens de filmes que aparecem em alguns circos como uma forma de animar a criançada. Para retratar este personagem, caracterizamos as crianças com alguns acessórios clássicos que os Super-Heróis geralmente utilizam em sua vestimenta: capa e faixa na cabeça. Logo após a caracterização das crianças, realizamos a brincadeira do super-herói em que as crianças eram estimuladas a “cumprir” algumas missões: correr com uma perna só, imitar animais, abraçar os colegas, dentre outras tarefas.

Foto 19 – Super Heróis - G5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

g)Perna de Pau (pé de lata)

Nesta temática aproximamos a brincadeira tradicional do circo com a utilização de latas apoiadas no pé das crianças. Com esse objeto elas conseguiram experimentar andar numa altura superior e superar a difi-

culdade de não poder colocar o pé no chão. Conseguimos um exemplar infantil da perna de pau, confeccionado exclusivamente para a execução da brincadeira. Como é feita de madeira maciça e possui um peso considerável, preferimos que este equipamento fosse utilizado somente com as crianças de 5 anos. Por considerar tais crianças com um melhor desempenho motor, acreditamos que teriam um maior domínio do movimento e, conseqüentemente, menor risco de lesão.

Foto 20 – Pé de lata - G5



Foto 21 – Perna de Pau - G5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

h) O espetáculo: “Vem brincar que o circo já chegou”

Encerramos o desenvolvimento do projeto com um espetáculo de circo. Essa atividade ocorreu no CMEI “Zilda Arns” e contou com a colaboração de 8 residentes⁸ do curso de EF, possibilitando diferentes atores para realizar malabarismo, equilibrismo, ginástica, perna de pau, brincadeiras com o palhaço e apresentações de músicas que permitiram o movimento corporal de todos. Foi realizado um espetáculo para todas as crianças, mas os alunos do grupo 5 participaram da atividade como artistas de circo. Eles fizeram brincadeiras com o palhaço e o malabarismo com 2 bolinhas de plástico. Essa atividade mobilizou a participação de todas as

8. O ‘Residência Pedagógica’ é um programa da Capes que compõem as ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores, tendo como principal objetivo possibilitar o aperfeiçoamento da formação de graduandos dos cursos de licenciatura, promovendo a imersão dos discentes na Educação Básica. O CMEI “Zilda Arns” foi contemplado com o projeto e contou com 8 residentes do curso de EF no ano de 2018.

crianças e profissionais da escola. Podemos destacar que essa atividade foi fundamental para possibilitar uma experiência singular para as crianças, especialmente para aquelas que nunca estiveram em um espetáculo de circo.

Já na Unidade Didática desenvolvida no CMEI “Tio Leandro”, o evento foi intitulado “O Dia do Circo”, sendo apresentado um teatro, no qual houve a participação de alguns professores e da equipe da limpeza da instituição na preparação e encenação da peça. A ideia em realizar um teatro com o tema “Circo” surgiu, pois, a professora de EF observou, ao longo do projeto, que as crianças gostariam de ver um palhaço de perto. Perguntas como: “Que dia o palhaço vai vir na escola?”, “Quando vamos ver um Palhaço?”, eram constantemente feitas durante as aulas.

Nesse sentido, a professora fez uma busca inicial para tentar trazer um “palhaço” que fizesse apresentações em circos e/ou atividades culturais para se apresentar na escola. Contudo, tal tentativa não teve sucesso. No desejo de não deixar de atender a expectativa das crianças, a professora de EF confeccionou, junto com a Professora de Arte (de um outro CMEI), uma roupa de palhaço, agregando acessórios característicos do personagem (peruca, meias coloridas, sapatilhas, nariz de palhaço, óculos coloridos, maquiagem, dentre outros). Tendo em vista que algumas crianças poderiam se assustar com a figura do palhaço, a professora de EF optou por se caracterizar de “palhaço” na frente dos alunos, sendo construída ao longo da apresentação teatral.

Ao final do teatro, algumas músicas que retratam o tema circo no universo infantil como “Vem Brincar que o Circo já Chegou” (Xuxa), “Palhaço atrapalhado” (Xuxa), “Circo da Alegria” (Patati e Patata), foram selecionadas para serem dançadas junto com as crianças. Confetes e papéis coloridos picados foram utilizados ao final da apresentação, tornando o teatro em uma grande festa. Vale ressaltar que “O dia do Circo” acabou entrando na programação da escola na semana da criança, sendo repetido no ano de 2019.

**Foto 22 – Espetáculo Circo –
profissionais da escola**



Foto 23 – Espetáculo Circo - Grupo 5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Outra questão importante a ser ressaltada é que realizamos uma avaliação, por meio de desenhos em papel e em massa de modelar para que as crianças pudessem representar o que aprenderam sobre a temática do circo. Além disso, realizamos a avaliação processual, todos os dias, dialogando com as crianças sobre os diferentes aprendizados.

**Foto 24 – Avaliação processual com desenhos de
massa de modelar- Grupo 5**



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse relato de experiência, narramos a trajetória desenvolvida com a temática do Circo na Educação Infantil no ano de 2018. Optamos por destacar as experiências marcantes e os acontecimentos que contri-

buíram de maneira singular no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Nesse sentido, como demarca Larrosa (2002, p. 21),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

A partir disso, percebemos quão vantajosa é a oportunidade de rememorar e narrar as experiências, o que atravessou o aprendizado das crianças e as contribuições para a construção da docência. De modo similar, corroboramos com Caramês, Krug e Silva (2012) ao destacarem que nossa intenção não é esgotar o tema e limitar o olhar sobre o modo de pensar essa prática no contexto da Educação Infantil, mas sim discutir e evidenciar a importância das Atividades Circenses na EFE, trazendo um modo diferente de olhar, onde o aprendizado se faz por meio do imaginário infantil e da vivência do lúdico. Dessa forma, observamos este tipo de atividade como um conteúdo pedagógico a ser também explorado nas aulas de EFE, haja vista a riqueza do universo de possibilidades que este proporciona ao desenvolvimento holístico das crianças.

Compreendemos também, ao final do processo avaliativo, que o trato pedagógico tendo como pano de fundo a utilização do lúdico e de jogos, foi fundamental para que as atividades propostas fizessem sentido e significado para as crianças. Segundo Huizinga (2000, p. 24),

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida quotidiana'.

Nesse sentido, compreendemos que a representação do lúdico por meio da temática do circo contribuiu para retratar diferentes práticas corporais de forma prazerosa, sem deixar de abordar temas sérios e complexos que estão presentes no cotidiano das crianças. Temas como gênero, identidade, medos, cuidados com os animais em circos, dentre outros assuntos puderam ser abordados na prática educacional e contribuíram no processo aprendizagem de forma leve e representativa para as crianças.

Por fim, ressaltamos a importância da formação continuada oferecida aos professores de EF pela Prefeitura Municipal de Serra, como um espaço de compartilhamento de experiências, bem como, de reflexão da práxis existentes nas escolas. Ter esse espaço de diálogo entre a rede de professores foi potente, pois contribuiu para que o planejamento de projetos pedagógicos pudessem ser realizados de forma coletiva, proporcionando, também, maior visibilidade e reconhecimento entre os pares.

REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CARAMÊS, A. S.; KRUG; H. N. C. T.; SILVA, D. O. Atividades circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. **Motrivivência** Ano XXIV, Nº 39, P. 177-185 Dez./2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/24777>>. Acesso em: 17 de Out. 2018.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Editora Perspectivas S.A. 4ª ed. São Paulo, 2000.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Espanha, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 01 de nov. 2019.

SOUZA, A. C. Circo e educação: uma experiência de prática circense no espaço escolar. **Revista eletrônica de extensão**. ISSN 1807-0221, Florianópolis, v.9, n.13, p.21-31, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2012v9n13p21/23281>. Acesso em: 17 de Out. de 2

Capítulo III- Ginástica “Pra Geral” nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental

Kenia Broedel Andrade

O presente trabalho consiste em um relato de experiência sobre o conteúdo Ginástica Geral (GG), ministrado durante as aulas de Educação Física (EF) na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Altair Si-queira Costa”, localizada no município de Serra/ES, durante os meses de abril e maio de 2018. As atividades foram desenvolvidas com estudantes do Ensino Fundamental, do 3º e 4º anos, no turno vespertino.

As intervenções aconteceram durante dez encontros com as turmas, sendo divididos em dois encontros semanais e tiveram como enfoque algumas movimentações referentes ao conteúdo GG. O interesse em trabalhar tal conteúdo surgiu durante os encontros de formação de professores de EF do município de Serra oferecidos pela Secretaria de Educação. Foi discutida a importância da GG na escola, mostrando que é um conteúdo possível de ser ensinado nas aulas de Educação Física Escolar (EFE).

Neste contexto de formação, a Ginástica foi abordada e apresentada de forma que permitiu levá-la com facilidade e embasamento para dentro do meu ambiente escolar, a partir de sistematizações experienciadas pelo formador e por alguns dos professores presentes nestes momentos de estudo que compartilharam suas experiências. Este tema tão rico de possibilidades antes não era por mim trabalhado por falta de vivência pessoal e, por consequência, reduzida confiança em propor movimentos ginásticos.

Entretanto, com a visualização de que seria possível colocar em prática o conhecimento adquirido, elaborei e apresentei um projeto à direção da escola que também compreendeu a importância da proposta de trabalho e providenciou a compra de colchões necessários para proporcionar a segurança dos alunos durante a execução dos movimentos. Conhecimento e materiais providenciados, só restava iniciar as intervenções com os estudantes.

Dentre os objetivos da escolha desse conteúdo estão:

- Proporcionar vivências das diferentes possibilidades de movimentação do corpo;
- Contribuir para a ampliação do repertório motor;
- Estimular a autoconfiança e a descoberta dos limites do próprio corpo;
- Trabalhar a cooperação e o trabalho em grupos;
- Incentivar a criatividade.

Para Soares et al. (2012), a prática da ginástica na escola só é legítima quando permite ao aluno uma interpretação individual e subjetiva das ações corporais e possibilita relações interpessoais a partir de atividades em grupo. O ensino da Ginástica na EFE deve proporcionar vivências das diferentes possibilidades de movimentação do corpo em diferentes situações e ambientes.

O fato de a GG não ter materiais específicos para se trabalhar, a criatividade é fundamental e proporciona diversidade, pois a participação de todos é necessária e contribui para que o conteúdo se adapte aos interesses do grupo. Além de promover conhecimentos sobre manifestações corporais, na GG o estudante respeita as suas limitações e as dos colegas, reconhecendo o outro e, assim, tendo alegria em estar fazendo uma atividade física.

DESENVOLVENDO A GINÁSTICA GERAL NA ESCOLA

Na primeira aula apresentamos o tema “Ginástica Geral” aos alunos, a qual teve como objetivo averiguar o conhecimento das crianças em relação ao tema. Alguns alunos responderam que a ginástica era feita nas academias, outros falaram que praticavam ou conheciam a Ginástica Artística (referindo-se a um projeto oferecido pela liderança comunitária do bairro no qual a escola está inserida). Após essas opiniões explicamos

sobre o enfoque da GG e como esta seria trabalhada nas aulas de EF. Na segunda aula o tema foi abordado através de alguns pequenos vídeos de apresentação do *Cirque du Soleil*. Os alunos ficaram muito impressionados e empolgados querendo saber se aprenderiam tais movimentos.

Nas terceira e quarta intervenções foram realizados circuitos envolvendo saltos, rolamentos e deslocamentos priorizando as pranchas, tanto em decúbito dorsal quanto frontal no intuito de fortalecer as musculaturas que foram envolvidas na proposta das próximas aulas. As fotos abaixo mostram um deslocamento via brincadeira da cadeirinha.

Foto 1 – Cadeirinha



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foto 2 – Cadeirinha cruzada



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na quinta aula foram trabalhados os rolamentos de frente e de costas, evoluindo para o movimento com salto e finalização do movimento em pé com pernas unidas e braços elevados acima da cabeça.

Na sexta aula foram feitas algumas movimentações coordenativas para promover o aquecimento, seguidos de exercícios de flexibilidade. Muitas crianças apresentaram dificuldades na realização de tais exercícios. Na sequência foram ensinados os movimentos de bandeiras, ponte e parada de mãos, os quais foram praticados pelo grupo durante o restante da aula.

Foto 3 – Bandeira de frente



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A sétima aula foi iniciada com uma explicação sobre a importância da segurança para execução das formas e pirâmides que seriam trabalhados nas próximas aulas. Demonstramos a melhor forma de se fazer as pegadas de mãos, a necessidade do auxílio dos outros colegas para se conseguir chegar a algumas posições.

Solicitamos que se evitasse as desconcentrações durante as posições, a fim de evitar acidentes. Realizamos movimentos em duplas como o triângulo de frente e invertido e a bandeira.

Foto 4 – Triângulo de frente



Foto 5 – Triângulo invertido



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nas oitava e nona aulas foram propostas formas mais complexas e que envolveram grupos maiores de pessoas, como o viaduto, pirâmides e torres.

Imagem 1- Viaduto, Pirâmide 4 apoios e Torre



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Também permitimos que os estudantes criassem e apresentassem formas por conta própria. Registramos tais movimentos por meio de registros fotográficos e mostramos aos grupos, identificando detalhes interessantes de estética da forma e posições que poderiam ser aperfeiçoadas para maior segurança e beleza da atividade. Ao ficarem livres para criar movimentos, as pirâmides foram bastante utilizadas pelos estudantes dos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental.

Foto 6 – Pirâmide 4 apoios



Foto 7 - Pirâmide com 2 apoios



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na décima e última aula, os alunos foram levados para a sala de informática onde fizemos a projeção das fotos de todo o processo vivido por eles durante as aulas. Utilizando o powerpoint, criamos uma

apresentação na qual eles puderam se ver como protagonistas de todo o processo. Ao final fizemos uma roda de conversa discutindo o que foi observado e os resultados das atividades.

PROCESSO AVALIATIVO

A avaliação aconteceu de forma contínua. Iniciamos com perguntas orais diagnósticas no início das aulas. Posteriormente, essa avaliação foi realizada de forma observacional, levando em consideração a atenção e interesse dos alunos por cada etapa da proposta. O trabalho em grupo, a cooperação na busca da realização dos movimentos ginásticos e o registro fotográfico, foram outros pontos avaliados durante a progressão do projeto. Por fim, durante as rodas de conversa, os alunos foram estimulados a refletir sobre seu aprendizado, evolução do desempenho e dedicação à realização dos movimentos, elaborando, dessa forma, uma autoavaliação em relação ao conteúdo GG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o conteúdo vivenciado nas aulas foi de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, pois foram observadas mudanças significativas nas relações interpessoais, no interesse em participar das aulas de EF e em atividades em grupos. Quanto ao desenvolvimento da aprendizagem foi possível notar que os alunos demonstraram suas próprias maneiras e novas formas de movimentos corporais.

Dentre os benefícios obtidos através da inserção da Ginástica Geral nas aulas de EF posso ressaltar a coordenação, a confiança, a disciplina, a organização e a criatividade. Um outro fato curioso foi perceber que os alunos que participaram dessas vivências, continuaram praticando as formas aprendidas também fora do horário da aula, como no horário do intervalo de recreio e na sala de aula, segundo relatos das professoras e coordenadores.

REFERÊNCIAS

SOARES, C. L.; et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

Capítulo IV- Ginasticando: Brincando de Ginásticas na escola

Bianca Jahel Boreli

Meu primeiro contato com a ginástica veio com a minha avó materna brincando de “rolar biscoito” em sua casa, na sala de estar, em um tapete verde e nele eu e meus irmãos nos divertíamos fazendo os rolamentos. Mas foi na escola dos anos 1980 que meus olhos brilharam e tomei gosto por essa prática corporal nas aulas de Educação Física (EF) da escola onde estudava.

Como docente de EF, cheguei na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Neusa Maria Peyneau” onde atuo desde 2011 e desenvolvi o conteúdo “Ginástica”. Mas foi em 2016 que introduzi o projeto “Ginasticando: Brincando de ginástica na escola”.

O projeto foi iniciado por eu me identificar e gostar da modalidade, pelo espaço (na época a escola não tinha uma quadra, era um pátio de chão batido –barro), pelo material ou pela falta dele e, por ser um conteúdo que auxilia a desenvolver habilidades motoras básicas (andar, correr, saltar, pular, trepar, rolar, lançar) visto que muitos alunos do Ensino Fundamental ainda não desenvolveram algumas habilidades básicas como o saltar, o lançar e o rolar.

De acordo com o Soares, et al. (1992, p. 177) as ginásticas podem ser entendidas “[...] como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, do homem, em geral”.

Assim, a ginástica faz-se necessária para ampliar o repertório motor dos alunos, bem como a sua necessidade de dialogar com assuntos pertinentes como: gênero, colaboração, entre outros. Também auxilia os estudantes a pensar suas formas de ver e vivenciar o mundo.

O Projeto foi desenvolvido em todas as turmas da EMEF “Neusa Maria Peyneau”. Os 1º, 2º e 3º anos ficaram com as artes circenses, onde destacamos os elementos acrobáticos, manipulativos e a ginástica artística. Já as turmas de 4º e 5º anos trabalharam com a Ginástica Geral (GG) a partir dos elementos acrobáticos e da Ginástica Rítmica (GR).

Iniciamos fazendo uma roda de conversa para saber sobre o conhecimento dos alunos de todas as turmas envolvidas no projeto sobre as ginásticas e as artes circenses. Nesse primeiro momento deixamos os alunos muito à vontade para expor as suas ideias e suas falas como protagonistas. Muitos alunos já conheciam, ouviram falar e/ou acompanharam pela televisão (durantes as olimpíadas) e conheciam alguns atletas da ginástica, assim como seus movimentos. Todavia, também haviam estudantes que nunca tinham ouvido falar e nem vivenciado nenhum movimento da ginástica.

RESPEITÁVEL PÚBLICO, O CIRCO VAI COMEÇAR!

Com os 1º, 2º e 3º anos desenvolvemos as artes circenses com uma prática mais lúdica, com elementos de acrobacias, equilíbrios e manipulativos. Iniciamos o trabalho apresentando a história da ginástica e das artes circenses aos estudantes por meio de vídeos da federação de ginástica e imagens de atletas praticando a modalidade. Após esse momento, realizamos um diagnóstico das turmas para sabermos em que nível de conhecimento cognitivo e motor sobre a ginástica os estudantes estavam. A partir deste diagnóstico partimos para a aprendizagem dos movimentos da ginástica ligados ao circo.

Fizemos circuitos com cambalhotas, saltos, giros, equilíbrios (estático, dinâmico e recuperado) e avião. Com elementos: bolas, bambolês, cordas, bastões. Rolamentos para frente e para trás, a rondada (estrela), parada de mãos, parada de três apoios e pontes. Praticamos e construímos um malabar de bolinhas de papel.

Foto 1 - Experimentação dos malabares confeccionados



Fonte: Arquivo pessoal da autora

As turmas interagiram bem durante as práticas corporais. Para progredir com o conteúdo circense, assistimos um vídeo do *Cirque du Soleil*. Os estudantes se encantaram com os acrobatas e as acrobacias, o que os estimulou ainda mais para vivenciarmos alguns movimentos do circo nas aulas.

Ressaltamos que, inicialmente, alguns meninos apresentaram resistência ao conteúdo alegando que “isso é coisa de menina”, mas tentamos mostrar e dialogar que a ginástica acrobática é uma prática da cultura, portanto, de todos os povos, de todas as pessoas, independente das questões de etnia, gênero e classe social. Percebi, entretanto, que não é possível convencer os estudantes apenas pelo discurso e os convidei a experimentarem os movimentos. Logo que experimentaram mudaram de perspectiva e entenderam que poderiam praticar sem constrangimentos.

Apesar de algumas adversidades, podemos dizer que o projeto conseguiu atingir o seu objetivo de levar os estudantes a experimentarem uma nova prática corporal, bem como quebrar preconceitos culturais levando a ampliação do conhecimento e das possibilidades de vivência da ginástica no lazer.

GINASTICANDO

Iniciamos o projeto com as turmas dos 5º anos do Ensino Fundamental. Tivemos algumas dificuldades para o desenvolvimento do trabalho durante o ano. Destacamos o desinteresse de alguns alunos pela modalidade devido ao preconceito de gênero ou por não quererem vivenciar a ginástica por influência da família dizer que é perigoso. Durante as aulas fomos, gradualmente, sem obrigar os estudantes, dialogando e brincando de ginástica. Aos poucos a adesão voluntária dos estudantes às vivências foi aumentando. Isso fez com que algumas questões muito pertinentes fossem colocadas pelos alunos, como o fato de perceberem que necessitam uns dos outros; a importância da confiança; da prática de atividade física e; a questão do conhecimento corporal e de seus movimentos.

Tentamos mostrar para os alunos através do nosso conhecimento que a ginástica é praticada e evoluiu desde os nossos ancestrais, mostrando vídeos e fotos do site da Confederação Brasileira de Ginástica e lançando algumas questões como: Era possível chegar a esse nível? A discussão rendeu vários questionamentos dos alunos sobre o que é rendimento e saúde.

Nas aulas iniciais contamos a história e falamos sobre os homens das cavernas que saltavam sobre rios, subiam em árvores, usavam lanças para caçar, pulavam em pedras. Foi bem interessante, pois os alunos interagiram quando fiz com que pudessem entender a história da ginástica a partir dos movimentos praticados no dia a dia, como correr e saltar uma poça durante a chuva, por exemplo.

Trabalhamos a cooperação e a confiança entre os alunos, o que foi um dos pontos positivos do projeto, pois havíamos identificado que alguns alunos das turmas de 3º e 5º anos respeitavam muito pouco uns aos outros.

Durante as aulas, os estudantes perceberam que tanto homens quanto mulheres podem praticar ginástica independente de altura, gênero, peso, entre outros. Todavia, isso não se deu sem conflitos, pois houve resistências de meninas e meninos dos 5º anos, principalmente, por rejeitarem tocar nos colegas e serem tocados durante as formações cole-

tivas da ginástica. Durante as práticas isso foi se dissolvendo, e as turmas se tornaram mais unidas e essa questão do toque ajudou a aproximação desses alunos e também a quebrar preconceitos.

Outro ponto positivo foi os meninos experimentarem as fitas da Ginástica Rítmica (GR). No dia da aula com o elemento fita, alguns meninos vieram me perguntar se poderiam experimentar e eu disse que sim e um deles era autista. Alguns colegas meninos ficaram rindo, debochando daqueles que experimentaram as fitas. Então, parei a aula e fomos conversar, mostrei que não havia problema e que todos poderiam experimentar, relatei que também existem treinadores homens nessa modalidade. Convidei todos a experimentarem o elemento fita.

Foto 2 – Manipulação das fitas de GR por meninas e meninos



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em um primeiro momento, os estudantes ficaram um tanto sem graça e arredios, mas aderiram e vivenciaram. Logo em seguida, conversamos e perguntei como foi a experiência com a fita. Muitos tiveram a mesma sensação de poder vivenciar uma ginástica que é praticada somente por mulheres e se mostraram bastante desenvolto com as fitas.

CULMINÂNCIA

Ao final das vivências propomos para algumas turmas de 3º, 4º e 5º anos uma montagem de coreografia para ser apresentada na aula e também na apresentação da Festa da Primavera como uma das formas de avaliação do conteúdo. Abaixo temos a produção coreográfica em registro fotográfico.

Foto 3 – Apresentação da coreografia de ginástica na festa da primavera



Fonte: Arquivo pessoal das autora

PROCESSO AVALIATIVO

Realizamos a avaliação durante todo o processo por meio de desenhos, fotos, filmagens, produção coreográfica, autoavaliação, trabalhos em grupo, construções coletivas de textos, cartazes e pela participação do aluno nas vivências corporais.

Foto 4 – Estudante fazendo sua autoavaliação.



Foto 5 – Alunos confeccionando bolinhas de malabares de papel.



Fonte: Arquivo pessoal das autora

Após as vivências e discussões podemos perceber uma evolução dos movimentos corporais dos alunos e também um maior interesse em praticar e vivenciar novos movimentos da ginástica. Houve um aumento significativo da participação masculina nas aulas, o que foi um grande avanço. Embora ainda com participação tímida, os meninos se permitiram experimentar a ginástica e se tornaram mais próximos corporalmente dos colegas.

Foto 6 – Meninos vivenciando a ginástica



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Avaliamos a participação dos alunos como positiva, pois, se interessaram pela aula e se dedicaram a vivenciar os movimentos das ginásticas geral, rítmica e acrobática. Um ponto interessante foi quando apresentei as fitas para as meninas e houve interesse dos meninos em manuseá-las. Foi interessante ver os meninos vivenciando uma modalidade que, tradicionalmente, é praticada por mulheres.

Concluimos que apesar das adversidades, os alunos aprenderam sobre cooperação, ajuda, equilíbrio, ritmo corporal e, além de tudo, se divertiram e conheceram uma prática corporal nova.

REFERÊNCIAS

SOARES, C. L; et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

Capítulo V- Ginástica Artística: Possibilidades na Educação Física Escolar

Elisângela Moreira Dias Amaral, Maria Aparecida Passini

UM BREVE CONHECER DOS ENVOLVIDOS

As autoras se conheceram em 2003 na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Dom Helder Pessoa Câmara”, em Jacaraípe, município de Serra/ES, onde a parceria ocorreu de forma muito ética e profissional. De lá para cá, os encontros se deram nas Formações Continuadas dos municípios de Serra e de Vitória. Em 2018, na Formação de Serra – “O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: danças, lutas e ginástica”, surgiu a oportunidade de produzirem juntas um projeto, mesmo estando em unidades de ensino diferentes. A profa. Elisângela estava nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) “Amélia Pereira” e “Dona Nina”, e a profa. Aparecida encontrava-se atuando na EMEF “Américo Guimarães Costa”.

Aproveitando o tema Ginástica estudado na Formação Continuada, optamos pela Ginástica Artística (GA), por ser um conteúdo de suma importância para as crianças da faixa etária que naquele momento tínhamos como alunos (entre 5 a 7 anos). Acreditamos que a escola pública tem que oferecer o máximo de oportunidades de experiências corporais e a GA auxilia na formação da personalidade da criança, levando-a a ser criativa, espontânea, segura, equilibrada e consciente de suas reações e emoções, pois, é uma prática corporal desafiadora, que exige cuidado, produção de grupalidade e confiança. Segundo Bezerra, Ferreira Filho e Feliciano (2006, p. 128), a GA é considerada uma das modalidades gímnicas básicas, “[...] por proporcionar muitas possibilidades de movimentos, aprimorando as capacidades e habilidades motoras do praticante. O pleno domínio do corpo, a segurança e a elegância postural são as características fundamentais desta modalidade.”

Todos os alunos, meninas e meninos, das turmas envolvidas – grupo 5 dos CMEI's e 1º ano da EMEF participaram, sem exceção. Vale ressaltar que estas unidades de ensino se encontram em bairros periféricos de Serra, atendendo uma clientela com baixo poder aquisitivo, não permitindo participar de projetos pagos dessa ou de outra modalidade esportiva, portanto, não havendo opção na escola, eles acabam não tendo a oportunidade de vivenciar essa prática corporal.

Objetivamos nesse projeto contribuir para o desenvolvimento da GA, possibilitando aos alunos vivenciar seus fundamentos básicos: saltar, equilibrar-se, rolar/girar, trepar, balançar/embalar, e outras habilidades motoras como: andar, correr, arremessar, lançar, manusear e explorar diferentes materiais e aparelhos fixos e móveis.

DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A possibilidade de apresentar um trabalho elaborado a quatro mãos, mas aplicado cada qual em sua escola, foi decisivo para realização desse projeto, onde o desfecho seria no Seminário de Práticas Pedagógicas, realizado ao final do Curso de Formação Continuada ofertado pelo município de Serra em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Apesar de realizá-lo nas unidades de ensino do município de Serra, os encontros para elaboração, planejamentos de atividades, troca de ideias, avaliação e escrituração se deram nos horários de planejamento das escolas do Município de Vitória, uma vez que as escolas onde atuamos neste município se encontram na mesma rua, o que facilitou os nossos encontros. O projeto não foi estanque, e sim trabalhado durante todo o processo educativo, intercalado com os demais conteúdos da disciplina.

Houve um diferencial no CMEI “Dona Nina”, onde a GA se tornou um subprojeto do Projeto Institucional “Alimentação Saudável”, que se dividiu em dois momentos. No primeiro semestre foi vislumbrado a Copa do Mundo – “Bola que rola entre contos, cantos e recantos”, como elemento

de preparação para os jogos de futebol. No segundo semestre, elegemos o projeto “Reconhecendo os alimentos saudáveis e não saudáveis”, onde abordamos a ginástica e seus elementos como prática saudável de vida, agregando movimento ao projeto. Já no CMEI “Amélia Pereira” e na EMEF “Américo Guimarães Costa”, o projeto se deu no cotidiano das aulas, baseado na Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Como estratégia, aproveitamos o momento da Copa do Mundo de Futebol para incentivar hábitos saudáveis e prática de atividades físicas, como também envolvemos os pais na ginástica e práticas corporais no Dia da Família. As atividades foram elaboradas e adequadas conforme o repertório motor verificado em cada turma através da observação. No início das aulas eram utilizados sempre elementos da ginástica para realizarmos alongamento e aquecimento durante o ano letivo.

Quadro 1 - Sistematização das atividades por trimestres

1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
Trabalho com a Ginástica associado ao Futebol.	Ginástica Artística propriamente dita com fundamentação e aprofundamento dos seus elementos.	Continuação da ginástica como elemento de prática diária e o uso dos seus elementos em jogos e brincadeiras.
• Ginástica Geral • Ginástica Natural (imitando os bichos) • Consciência Corporal • Jogos recreativos • Jogos Pré-desportivos, com ênfase no futebol	• Rolamentos para frente • Rolamento para trás • Parada de três apoios • Parada de dois apoios • Estrela	• Ponte para frente • Ponte para trás • Reversão • Flic-Flac • Mortal • Piques diversos

Fonte: Arquivo pessoal da autoras

Nas três unidades escolares não havia espaço e materiais específicos para a GA, utilizamos os espaços e materiais possíveis de cada uma: quadra, pátio aberto e fechado, como também a própria sala de aula. Os materiais utilizados foram: colchonetes, tatame, pneus, bancos, bolas diversas, giz, entre outros.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O projeto foi desenvolvido durante o ano e não teríamos como apresentar todas as atividades, destacamos aqui apenas alguns momentos. No início das aulas eram realizadas rodas para alongamentos e consciência corporal, dando ênfase ao conhecimento das partes e funcionalidades do corpo. Os alunos tinham muito interesse e muita curiosidade pelo novo. Em alguns momentos eles também diziam quais os movimentos e atividades faríamos naquela aula.

Foto 1 – Alongamento em roda



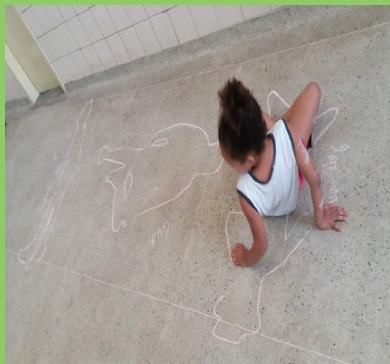
Foto 2 – Alongamento em grupo



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

No alongamento, as crianças tiveram oportunidade de conhecer a importância desse exercício para uma boa execução da ginástica, conhecendo os segmentos do corpo, melhoria da flexibilidade, amplitude dos movimentos e o aquecimento articular para diminuição de possíveis dores. Era um momento satisfatório a todos, que passou a se tornar frequente em todo início de aula, independente dos conteúdos propostos durante o decorrer do ano letivo. Os exercícios eram realizados lúdicamente, fazendo alusão aos movimentos da natureza, como plantas e animais.

Foto 3 - Trabalho de consciência corporal



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

No trabalho realizado para a consciência corporal, uma das atividades era propor às crianças deitar no chão em uma pose de sua escolha, a professora contornava o corpo com giz e a seguir, as crianças a um sinal, trocavam de lugar, onde deveriam experimentar a pose da outra. O interesse foi grande, porém a dificuldade estava em identificar a pose do colega. Às vezes, não conseguiam devido serem complexas e intuitivas.

As mais simples eram feitas com naturalidade e haviam disputas para ficarem nelas. Em outras oportunidades, colocou-se as próprias crianças para contornar o corpo do colega, o que tornou ainda mais complexa a atividade, pois, muitas vezes, ficava incompreensível a figura do corpo.

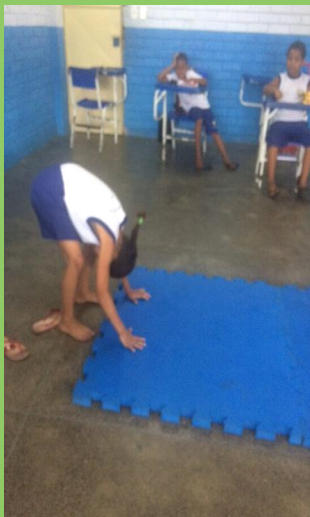
Foto 4 – Pique-sela



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

O aquecimento era realizado com ginástica natural, imitando o movimento dos animais e piques diversos. Era uma algazarra, alegria total, mas a todo instante era necessário lembrar da segurança de si e do próximo. No pique-sela, por exemplo, era sempre advertido sobre a importância do impulso anterior ao apoio do colega para não forçar as costas do mesmo e já antecedendo o movimento técnico de salto no aparelho plinto. Além do alerta da aterrissagem segura, com o flexionamento das pernas para o amortecimento da queda. Iniciou-se com posições baixas, aumentando a sua dificuldade de acordo com a necessidade dos participantes.

Foto 5 – Rolamento para frente



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Os exercícios de rolamento se deram inicialmente com a professora executando com segurança, mostrando a técnica do encaixe de cabeça e queda do corpo para perfeita e segura execução. Conforme as crianças ficavam mais seguras, realizavam os movimentos sozinhas. Esse avanço na aprendizagem nos permitia ir aumentando o grau de dificuldades para rolamentos mais complexos, como para trás e o peixinho. Ressaltamos que cada criança tinha o seu momento de consolidação de aprendizagem, nada era forçado.

Foto 6 – Parada de 3 Apoios



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Como os alunos já estavam adaptados a realizar os rolamentos, as paradas de apoio não foram difíceis de serem assimiladas e executadas. As crianças tinham que perceber o equilíbrio entre a posição de cabeça e mãos para que as pernas ficassem suspensas, a princípio apoiadas na parede e, posteriormente, sem apoio. Era possível perceber a alegria de todos ao alcançar o objetivo proposto que era a parada de 3 apoios. A seguir foi trabalhado a parada de mãos com rolamento para frente seguindo a sequência didática.

Foto 7 – Ponte



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Seguindo a sequência didática, aproveitando a evolução dos exercícios de paradas de apoio, a ponte foi iniciada com a segurança das professoras para evitar possíveis quedas e contusões. Posteriormente, a partir da evolução de cada criança, fomos aumentando o grau de dificuldade do exercício: ponte sem apoio de cabeça para frente e para trás, reversão e flic-flac. Um dos desafios iniciais foi trabalhar o medo de algumas crianças para execução desse movimento acrobático. Porém, após aprenderem o flic-flac, surgiu uma nova problemática, pois, era difícil acompanhar as crianças em horários diversos (entrada, recreio, em casa) que queriam realizar esses movimentos, mas não possuíam a segurança devida.

PROCESSO AVALIATIVO

Percebemos, nas crianças, uma grande evolução motora relacionada aos elementos da ginástica, ocasionando ganho nas demais atividades motoras na execução dos elementos combinados. Ao término do ano as crianças executavam os movimentos com mais autonomia e noção de segurança, inclusive eram capazes de auxiliar e incentivar os outros, de forma a vibrar pelo êxito dos colegas, sabendo esperar a sua vez com paciência.

Vale ressaltar que no decorrer de todas as aulas, as autoras incentivaram as crianças a se auxiliarem no apoio técnico e emocional. Corroboramos com as colocações de Correia (2010, p. 56), quando o autor afirma que “O compromisso dos educadores é buscar o desenvolvimento e a transmissão de valores que estimulem a solidariedade, o respeito mútuo, a compaixão e muitos outros”. Todavia, nos lembra o autor, que tais valores não deveriam incentivar os alunos à conformação e à subserviência.

Nas avaliações das crianças, que foram realizadas ao final de cada aula, as atividades foram totalmente aprovadas pelas turmas. Adoravam fazê-las, sempre pediam para repetir, além de criarem novas possibilidades de movimentos.

De acordo com Freire (2010, p. 131) “As variações das atividades motoras existem exatamente para que os esquemas motores e mentais sejam utilizados em situações diversas.” Sendo assim, concluímos que o conteúdo da GA atende aos anseios das crianças dessa faixa etária, nas diferentes demandas de manifestações corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar GA não é algo tão fácil, mas não é impossível. Requer conhecimento, segurança e trato pedagógico, visto que é algo novo para as crianças e o nível de dificuldade de alguns elementos tanto pode despertar o desafio de conseguir realizar para algumas quanto a desistência e a perda de interesse pela prática em outras.

A problemática de dividir espaço com crianças de outras turmas no parquinho ou na quadra, muitas vezes em brincadeiras espontâneas, também foi mais um desafio. Mas conseguimos atingir os objetivos propostos, ao final as crianças estavam brincando de fazer ginástica: virando estrelas pelo pátio e quadra, com as pernas para cima em alguma parede das unidades de ensino, fazendo parada de dois apoios ou ponte na areia e na grama. A ginástica se tornou elemento do contexto social e pedagógico dessas crianças.

Vale ressaltar que não tivemos só os desafios perante as crianças, pois trabalhar em dupla nas escolas já não é uma tarefa das mais fáceis, imagina na correria do dia-a-dia, encontrar momentos para planejar, trocar ideias, dicas e organizar as escritas com a colega de outra escola e depois executar, tentando alcançar as metas propostas, cada qual em seu espaço. Mas a parceria mostrou que há possibilidades além dos muros da escola, exige persistência, organização e o querer dar certo. Quem saiu ganhando? Simples, todos os envolvidos: as crianças, as professoras, as unidades escolares, enfim, toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, S. P.; FERREIRA FILHO, R. A.; FELICIANO, J. G. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** –Volume 5, número Especial, 2006, p. 127-134.

CORREIA, M. M. **Trabalhando com jogos cooperativos:** Em busca de novos paradigmas na educação física. 4^a ed., São Paulo: Papirus, 2010.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 2009.

Capítulo VI- Ginástica Artística: Uma experiência na escola

Antonio Junior Rodrigues de Barros

A percepção da realidade educacional brasileira a partir da técnica de relato de experiência docente representa uma contribuição peculiar e real sobre o cotidiano escolar, traduzindo para os meios acadêmicos as experiências e dilemas da realidade da escola. Assim, a fim de compreender melhor a realidade docente em Educação Física (EF) e contribuir para as discussões acerca das vivências didáticas desse componente curricular, o presente estudo faz um relato de experiência em duas escolas da rede municipal de Serra denominadas Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dom “Helder Pessoa Câmara” (em 2018), localizada na região litorânea de Jacaraípe e EMEF “Sônia Regina Gomes Resende Franco” (em 2019), localizada na região de CIVIT.

O trabalho objetivou demonstrar a inserção do conteúdo Ginástica Artística (GA) para estudantes do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental I nas unidades de ensino supracitadas, uma vez que a experiência compartilhada nesse texto resulta de anos de trabalho docente, especificamente como atleta profissional e técnico desta modalidade.

A partir da experiência profissional destacada acima, resalto a ação integrada entre as diferentes áreas do conhecimento que compõe o currículo escolar, uma vez que realizei a junção do conhecimento técnico do esporte de alto rendimento com o conhecimento acadêmico das práticas corporais, com atividades/aulas lúdicas para o público alvo das EMEF's “Dom Helder Pessoa Câmara” e “Sônia Regina Gomes Rezende Franco”.

A GA, também conhecida no Brasil como ginástica olímpica, é uma das modalidades da ginástica. A denominação “Ginástica” surge em épocas anteriores ao séc. XIX e seu sentido original vem de uma associação entre o exercício físico e a nudez, neutralidade (exercitar o corpo nu, neutro, puro... a fim de fortificá-lo e dar-lhe agilidade) (AYOUB, 2003).

Historicamente, enquanto forma de prática física, a ginástica surgiu na Pré-História, mas foi na Grécia que a ginástica começou a ser entendida como os exercícios físicos em geral (esportes, danças, acrobacias, jogos, entre outros) (AYOUB, 2003). Baseado na concepção grega de ginástica surgiu o “Movimento Ginástico Europeu”. Inicialmente, este movimento teve como conteúdo as expressões culturais originais das relações cotidianas de festas populares, espetáculos de circo e de rua e outros passatempos da aristocracia. De um modo geral, eram práticas corporais criativas e lúdicas, destinadas aos espaços de lazer e divertimento, no entanto, a disciplina, o autocontrole e o autoconhecimento corporal, também eram características dessas práticas.

Com o passar do tempo, o movimento ginástico europeu passou a ser influenciado pela ciência e pela técnica. A partir daí ocorreu uma forte ligação da ginástica com a saúde, beleza, força e moral. Suas finalidades eram: regenerar da raça (eugenismo), desenvolver a saúde, força e coragem para servir à pátria, e moralizar os indivíduos, intervindo em seus modos de ser e viver (AYOUB, 2003).

Para a maioria dos especialistas, a ginástica atual teve no início do século XIX seu grande momento, pois foi neste período que surgiram as quatro grandes escolas (Inglesa, Alemã, Sueca e Francesa) e os principais métodos e aparelhos ginásticos, o que alavancou ainda mais o desenvolvimento desta modalidade esportiva. Foi nessa época que teve início o projeto de institucionalização da EF no Brasil, chamado “Ginástica” (AYOUB, 2003). Foi muito influenciada por vários desses métodos e apresentava como objetivo contribuir para a formação dos corpos eugênicos e higiênicos como disciplina obrigatória nas escolas, e por isso, inicialmente era confundida com a Educação Física.

Para Brochado e Brochado (2005), a ginástica veio a se tornar uma modalidade esportiva apenas em 1881, em escolas alemãs tipicamente masculinas. Desse modo, a GA sagrou-se como a forma mais antiga do desporto e em decorrência disto, sua história é constantemente confundida com a da ginástica em si, o que não fere sua evolução artística individual posterior. Mais tarde, em 1896, até então praticada somente por ho-

mens, passou a ser um esporte olímpico, e em 1928 as mulheres puderam participar nos seus primeiros Jogos.

O fenômeno esportivo sobressaiu no século XX e logo adquiriu importância sócio-política e conquistou o espaço das práticas corporais nas sociedades contemporâneas. Em nossos dias, a esportivização das práticas corporais é uma das características mais importantes no espaço da cultura corporal, e isso tem contribuído para a substituição do que antes era um “corpo-sujeito”, “corpo-autêntico”, “corpo-expressivo” pelo que se pode chamar de “corpo-objeto”, “corpo-mercadoria”, “corpo-consumo”, “corpo-máquina” (AYOUB, 2003).

No ano de 1950, a ginástica passou a ser praticada em aparelhos da forma como se conhece hoje. Apesar de despontar para o mundo como um esporte inicialmente masculino, a ginástica tornou-se uma prática mais ativa entre as mulheres. Em decorrência disso, os eventos artísticos femininos tornaram-se mais disputados, admirados e destacados entre todas as modalidades do esporte (BROCHADO; BROCHADO, 2005).

A ginástica na Educação Física Escolar (EFE), parte integrante do componente curricular, está presente de múltiplas formas em nossa sociedade, nas mídias, nas práticas discursivas, nas academias, nos clubes, nos diferentes eventos esportivos e nas escolas. Dessa forma, entende-se como de fundamental importância que os/as alunos/as possam conhecer, vivenciar e ressignificar as diversas possibilidades de ginástica na escola.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS

A EF vista com o objetivo de integrar o aluno na Cultura Corporal de Movimento tem papel fundamental dentro da escola. Dessa forma, é preciso que o profissional que está inserido no contexto escolar esteja apto para integrar em seus conteúdos de ensino vastas oportunidades de movimentos. Nessa perspectiva, o professor deve utilizar os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas como forma de inserir o aluno em um novo formato de EFE, que visa o desenvolvimento integral do educando.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) ressaltam a relevância da introdução da ginástica, luta, dança, esporte e jogos como conteúdos a serem ministrados nas aulas de EF, oportunizando ao aluno conhecer e reconhecer dentro de suas vidas outras culturas de movimento, ampliando o leque de atividades que possam estar presentes em seu cotidiano dentro e fora da escola (BRASIL, 1997).

Percebemos a ginástica como necessária no processo de desenvolvimento do aluno, como justifica Soares et al. (1992, p.77):

Pode-se entender a ginástica como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral.

Apesar das várias modalidades da ginástica, este trabalho se concentra na GA, sobre a qual Brochado e Brochado (2005, p. 24) afirmam:

A GA é, sem dúvida, um esporte completo, desenvolvendo em seus praticantes diversas qualidades físicas, morais e intelectuais, como força, coordenação, flexibilidade, resistência, reflexo, memória, concentração, coragem, companheirismo e disciplina, entre outras.

Com isso, uma vez assumida a vaga de professor de EF nas referidas EMEF's, preocupei-me em inserir a GA como um dos conteúdos a ser ministrado em minhas aulas. Pratiquei a GA ao longo de 12 anos consecutivos como atleta de alto rendimento e busquei aplicar os movimentos da modalidade de forma lúdica, dinâmica e interativa entre os alunos, sem objetivar exclusivamente a técnica e o alto resultado do desempenho.

Neste sentido, o esporte como instrumento pedagógico precisa se integrar às finalidades gerais da educação, de desenvolvimento das individualidades, de formação para a cidadania e de orientação para a prática social. O campo pedagógico do Esporte é um campo aberto para a exploração de novos sentidos/significados, ou seja, permite que sejam explorados pela ação dos educandos envolvidos nas diferentes situações.

A partir de então, foi necessário aliar esse conhecimento esportivo ao plano de ensino anual desenvolvido conforme análise dos PCN's e proposta da rede de ensino municipal da Serra e o Projeto Político Pedagógico (PPP) das EMEF's. Foi realizada uma experiência com a GA a partir de observações iniciais através do diagnóstico das vivências motoras que as crianças traziam em seus repertórios motores, estimulando novas possibilidades de movimento através de questionamentos e desafios propostos nas aulas.

Foi possível observar que a maioria dos alunos trazia em si um repertório motor riquíssimo para sua idade/série e, esse fato possibilitou até mesmo ressignificar essa prática na escola, uma vez que os estudantes participavam de maneira integral das aulas. Foi possível realizar dinâmicas lúdicas com inserção dos primeiros passos da modalidade sem que houvesse rejeição, principalmente por parte dos meninos, uma vez que há certo preconceito em praticar a modalidade, principalmente nas minhas turmas de 3º anos.

Uma vez que os alunos testaram várias possibilidades de rolamentos, saltos, equilíbrios e inversões no 1º ano do Ensino Fundamental, continuamos com os trabalhos de GA no 2º ano até as turmas de 3º ano, utilizando alguns exercícios específicos para uma preparação, com o intuito de facilitar a realização dos movimentos básicos, desenvolvendo nos alunos a força e a flexibilidade, que são as principais capacidades físicas exigidas pela modalidade trabalhada.

Após termos desenvolvido essas capacidades e uma consciência corporal consequente do trabalho, realizamos a aprendizagem dos movimentos mais simples (rolamentos, pontes e equilíbrios). Finalizamos esse processo de aprendizagem segmentado, com os movimentos mais complexos (de força, inversões e saltos). Ao final do processo de ensino-aprendizado, juntamos os movimentos apreendidos individualmente em uma única sequência de oito movimentos de solo, sendo que a ordem de execução poderia ser escolhida pelos estudantes. Cada movimento apareceu nessa sequência e de forma contínua, ou seja, sem intervalos. Por isso

foram sugeridas possibilidades de ligação entre um movimento e outro.

Na EMEF “Sônia Regina”, foi proposta uma apresentação dos alunos ao final do processo na Mostra Cultural, denominada “Dia V” do projeto “Valores”, inserido na escola no início do ano letivo. Nesse sentido, alguns alunos foram convidados e orientados sobre a possibilidade de se apresentarem neste evento e a adesão foi quase unânime. Foram feitos seis ensaios envolvendo alunos dos 2º, 3º e 4º anos, que com entusiasmo e empolgação se apresentaram no evento, sendo a última apresentação do dia, levantando o público com palmas e alegria por ter sido uma apresentação diferenciada das demais.

Entende-se que se trata de uma relevante experiência, que buscou proporcionar às crianças uma vivência significativa acerca da GA, considerando-se a necessidade de uma EFE que contemple as várias possibilidades oferecidas pelo universo da Cultura Corporal.

ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS

Considerando-se o planejamento anual realizado pelos (as) professores (as) de EF nestas escolas, que possibilitou o desenvolvimento da ginástica desde as turmas de 1º ano, foi utilizada como forma de avaliação final do processo de aprendizagem e com intuito de estimular o interesse de participação dos alunos, a oportunidade de conhecer como são organizados os treinamentos nos centros esportivos e eventos esportivos externos à escola, promovidos por diversas instituições durante o ano e, ao mesmo tempo, através de vídeos extraídos da internet, a fim de aproveitar a experiência vivida, anteriormente, pelos estudantes que irão prosseguir para os anos finais do Ensino Fundamental.

DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Em geral, a aprendizagem é provocada por situações, propiciada por um experimentador com referência a algum ponto didático; ou por

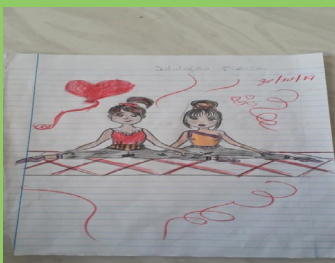
uma situação externa. Ela é provocada, em geral, como oposta ao que é espontâneo. Além disso, é um processo limitado a um problema simples ou uma estrutura simples (PIRES, 2018).

Abaixo podemos visualizar alguns desenhos produzidos pelos estudantes, demonstrando no momento de avaliação do conteúdo, as cenas mais marcante que vivenciaram nas aulas.

Foto 1 - Desenho de um aluno do 2º ano.



Foto 2 - Desenho de um aluno do 2º ano.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Foto 3 - Desenho de um aluno do 2º ano.



Foto 4 - Desenho de um aluno do 2º ano.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das imagens destacadas acima, foi possível verificar a aprendizagem sobre o conteúdo Ginástica ministrado nas aulas de EFE, uma vez que os alunos passaram a se interessar mais sobre esse conteúdo e buscaram pesquisar sobre o assunto em sites e em competições oficiais

transmitidas pelos meios de comunicação.

Entendemos que tal projeto buscou proporcionar aos alunos uma vivência significativa acerca da GA, considerando-se a necessidade de uma EFE que contemple as várias possibilidades oferecidas pelo universo da Cultura Corporal.

Assim, por meio deste trabalho, foi possível unir minha experiência no meio esportivo (como atleta e treinador) com o meio educacional proporcionando aos estudantes uma vivência diversificada e voltada ao trato do conteúdo GA nas aulas de EF, vislumbrando a possibilidade de se ensinar essa modalidade esportiva na escola de uma forma lúdica e atrativa às crianças.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

BROCHADO, F. A., BROCHADO, M. M. V. **Fundamentos da Ginástica Artística e de Trampolins**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PIRES, M. A. R. Educomunicação: o uso dos meios de comunicação e das novas tecnologias para levar os atores sociais à construção de conhecimento. **GETEC**, v.7, n.16, p.65-77 /2018. Disponível em: < file:///C:/Users/PC%20Wcom/Downloads/1331-4854-1-PB.pdf>. Acesso em 22 set. 2020.

SOARES, C. L.; et.al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

APÊNDICE – FOTOS DAS AULAS

Imagem 1 - Aulas na EMEF Sônia Regina G.R Franco



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Imagem 2 – Aulas na EMEF “Dom Helder Pessoa Câmara”



Fonte: Arquivo pessoal do autor



UNIDADE II

DANÇAS, CAPOEIRA E CULTURA
DO ESPÍRITO SANTO

Capítulo VII- Congo e Folclorices: Brincadeiras Populares e Cultura Capixaba na Educação Infantil

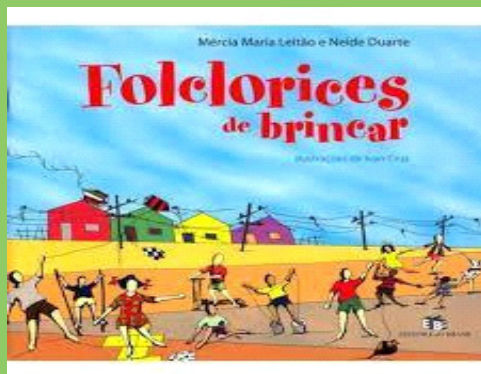
Poliana Nery de Castro Bispo

Este trabalho foi desenvolvido no ano de 2017 em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Serra/ES, mas foi a partir da formação de professores em Educação Física (EF) da rede municipal no ano de 2018 intitulado “O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: danças, lutas e ginástica”, que fui incentivada a pensar sobre minhas práticas, sistematizar saberes e fazeres, e compartilhá-los. A partir dessa formação, me senti estimulada a escrever e refletir sobre minha prática, e com isso também acabei participando de um Congresso Estadual de EF.

No ano de 2017, atuava no CMEI Curumim, no município de Serra/ES e desenvolvi esta proposta de trabalho interventivo junto às crianças do Grupo V (que possuem 5 anos). O projeto institucional daquele ano foi denominado “Brincadeiras de criança como é bom!”. A unidade de ensino, a cada ano, tem como proposta de aprendizagem trabalhar os conceitos da Educação Infantil por meio do brincar, com dinâmica concreta de ações e intervenções desenvolvidas por cada professor regente em diálogo com os professores de área (EF e Arte).

Na ocasião, a disciplina de EF para o Grupo V, do turno vespertino, teve sua própria temática de trabalho com transversalidade ao projeto institucional do CMEI, já que nossa proposta foi conduzir a prática pedagógica a partir da obra literária de Neide Duarte, Mércia M. Leitão e Ivan Cruz: “Folclorices de Brincar”. Entretanto, como o livro não contemplava todas as especificidades da EF, em específico, a Cultura Corporal de Movimento (SOARES, et al., 1992), inserimos o conteúdo congo ao projeto como patrimônio imaterial capixaba (ESPÍRITO SANTO, 2013; SILVA; LOUREIRO, 2015), contemplando assim o movimento, música e dança.

Imagem 1 – Livro Folclorices de brincar



Fonte: Leitão e Duarte (2009)

O município de Serra, localizado no Estado do Espírito Santo, faz parte da Grande Vitória e assim como outros municípios capixabas teve forte influência dos jesuítas, indígenas e escravos em sua composição territorial e cultural. Com um crescimento desordenado grande parte dos bairros no município foi constituída por invasões aos grandes hectares de terras existentes, sendo esta a realidade do bairro onde se encontra o CMEI envolvido neste trabalho.

O Bairro Jardim Carapina está localizado próximo a Carapina e faz divisa com o município de Vitória (Capital do Estado). Apesar de ser bem localizado, o bairro só começou a receber infraestrutura e saneamento básico em 2000, ou seja, 14 anos após sua fundação, e com muita militância das representações locais (CONTEÚDO DIGITAL, 2018). Atualmente, o bairro possui Escolas Municipais de Educação Infantil e Fundamental, Posto de Saúde, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e um comércio local estabilizado. No entanto, a violência é um dos principais desafios da localidade.

Assim, em meio a este contexto de lutas e batalhas, com espaços restritos de lazer e cultura para a população, em especial para as crianças, o projeto “Folclorices de Brincar” veio como uma proposta interventiva que teve como objetivo resgatar e experimentar as brincadeiras populares e

apropriação pelas crianças de sua própria cultura local, com o auxílio da música e dança de Congo.

Em nosso olhar, isso se fez necessário por nossas crianças, muitas vezes, estarem limitadas a pequenos quintais ou terraços (quando os possui), sem a possibilidade de explorar a rua como tempo/espaço do brincar. Assim a experimentação se fez presente em grande parte de nossas aulas no ano de 2017, possibilitando o movimento e dança como expressões culturais.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO

Metodologicamente, o trabalho desenvolveu-se por meio de um estudo bibliográfico, experimentação e vivência corporal, colaboração da equipe escolar, rodas de conversas, apresentação musical e artística.

A proposta de trabalho teve início a partir do projeto institucional “Brincadeiras de criança como é bom!”, com a participação da disciplina EF transversalmente com a temática e obra literária de Neide Duarte, Mércia M. Leitão e Ivan Cruz “Folclorices de Brincar”. A partir do livro, as aulas foram estruturadas para a experimentação, pesquisa e prática corporal com a inserção da música, dança e ritmo, os quais não eram contemplados no livro.

Ao estudar o livro “Folclorices de brincar” observamos o quão vasto eram as oportunidades de movimento e descobertas a serem exploradas nas aulas de EF. Neste contexto, inicialmente a proposta de trabalho foi desenvolvida com os grupos V e, posteriormente, os grupos IV (crianças de 4 anos) foram sendo inseridos no processo.

Dentre as descobertas e possibilidades de exploração do movimento, da arte, da expressão corporal, consciência corporal e música, desenvolvemos e multiplicamos vários conteúdos relativos ao brincar, a saber: cirandas, brincadeiras tradicionais em roda (o gato e o rato, galinha do vizinho, passa bambolê), pião, amarelinha tradicional, amarelinha adaptada, bolhas de sabão, cabra-cega, brincadeiras com estímulo dos cinco sentidos, peteca, lançamento de disco adaptado, brincadeiras de rebater, bolinha de gude adaptada a jogos matemáticos, patinete (skate), pipa (sa-

cola de pipa), oficina de pipa, futebol adaptado (pelada), brincadeiras com corda, com bola, dança da cadeira, estafetas, brincadeiras cantadas, bandinha, entre outros.

Foto 1 – Brincando de Pião ⁹



Foto 2 – Oficina de Pipa



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Com a aproximação da festa cultural da escola, que é bastante tradicional na região, bem como pelo anseio em explorar a cultura capixaba por meio do ritmo, música e dança, lancei ao grupo de professores do CMEI a proposta de se trabalhar o congo como manifestação cultural imaterial capixaba, já que observamos que pouco havia sido “estudado” pelas crianças a respeito da cultura do município de Serra.

A princípio a proposta foi recebida com estranhamento por parte do grupo, com exceção da pedagoga. Mas, ao esclarecer a forma como tal conteúdo iria ser conduzido nas aulas de EF, tive o apoio de duas professoras do grupo V, as quais deram o suporte necessário ao projeto e construção da apresentação artística que teria parte de sua culminância na festa cultural. As demais turmas iriam conhecer o congo por meio do brincar, da música, ritmo e dança dentro do espaço programático das aulas de EF.

A partir dessa reunião, foi pensado coletivamente como iríamos desenvolver esta nova etapa do projeto “Folclorices de Brincar”, como as aulas iriam ser conduzidas nas aulas de EF e qual seria o papel das professoras

9. As fotos e imagens dos alunos aqui identificadas possuem autorização.

regentes neste processo, quais materiais e recursos iríamos adotar, bem como as estratégias de ensino a serem desenvolvidas. Organizadas tais etapas e, com a necessidade de permitir o contato dos alunos com um maior conhecimento possível sobre a cultura, o Congo foi destaque na escola como dança, ritmo, música e cultura do povo capixaba.

Assim, como estratégia metodológica, estudamos e exploramos o conteúdo Congo de forma concreta a partir da banda capixaba “Casaca”, com a seleção de algumas músicas, apresentação de imagens dos componentes da banda, com destaque para o vocalista Renato Casanova, mostra de vídeos, contação de história, manipulação de instrumentos musicais como a casaca, tambor, pandeiro, apito, triângulo e percussão, formação de bandinha, rodas de dança e movimento.

Dessa maneira, nas aulas de EF, o Congo teve destaque em grande parte das aulas. Tivemos o cuidado de fazer com que a curiosidade das crianças não fosse perdida ou que a temática se tornasse desinteressante ao longo do processo.

Explorados os instrumentos musicais, músicas, histórias, imagens, vídeos e experimentado os movimentos e batidas rítmicas do Congo, a organização de nossas práticas pedagógicas se voltaram para os ensaios da Mostra Cultural. Concomitantemente a este processo, pensamos em proporcionar também uma homenagem à Banda Casaca, onde houve a tentativa de contato via produtores (telefone e e-mail) e via vocalista Renato Casanova por redes sociais (facebook e instagram).

A partir de um retorno positivo dado pelo vocalista da banda, foi possível fazer um convite para que este pudesse nos visitar no CMEI para uma apresentação e roda de conversa com os pequenos. Desta maneira, o projeto teve como proposta de culminância duas apresentações artísticas: uma na festa cultural no CMEI (julho) e outra na visita feita pelo cantor Renato Casanova à instituição de ensino (agosto), momento onde os alunos puderam conversar com o artista, cantar e interagir de forma bem festiva.

Foto 3 – Visita do cantor Renato Casanova ao CMEI Foto 4 – Roda de Congo ao som do tambor



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 2 – Banda de Congo e dança (apresentação das crianças)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foto 5– Alunos do Grupo V, professoras e o cantor Renato Casanova



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A construção do projeto “Folclorices de Brincar” foi planejada e re-estruturada ao longo de todo o processo, pois, a partir das demandas das crianças e observação pedagógica, fomos nos entusiasmando e contagiando toda a escola. Se a princípio estávamos mais inseridos no cotidiano de quatro turmas, em especial em duas, durante o percurso, foi-se abrindo espaços de diálogos e brincar com todo o CMEI. A unidade de ensino respirava música, ritmo e tambor. O congo, através da Banda Casaca, invadiu as salas de aula, o pátio, o refeitório, o parquinho... As crianças reconheciam sua própria cultura.

Iniciamos esta proposta de trabalho em março e caminhamos com ela até meados de novembro de 2017, foi um lindo processo de descobertas e reinvenção. Como é bom desmistificar preconceitos, histórias e achismos... por meio do brincar e do movimentar, foi possível falar do negro, de sua história, da nossa história.

AVALIAÇÕES E CONSIDERAÇÕES

Avaliamos a construção desse trabalho de forma muito positiva e gratificante. O projeto foi um sucesso de vivência e conhecimento junto à equipe pedagógica, crianças e familiares.

É sabido que ao trabalhar temáticas de cunho cultural com forte influência afro e religiosa, muitas vezes, emergem preconceitos, discriminação e negação ao conhecimento a ser estudado. Ciente de tais dificuldades procuramos abordar o tema de forma bem leve e divertida, destacando elementos que poderiam agregar o interesse dos alunos e despertar neles a vontade de ir além.

Foi possível, de forma lúdica, trabalhar a história do Congo, do negro, as dificuldades encontradas em manifestar suas crenças. Até as escolhas das músicas a serem estudadas durante as aulas seguiram esta lógica de percepção.

Acreditamos, assim, que o sucesso de nossas ações foi possível por nos atermos em trabalhar a cultura capixaba, a música, o ritmo e a dança, agregando valor ao universo de conhecimento de nossos pequenos, respeitando e dialogando com as ideologias e escolhas familiares.

Neste processo vale destacar que não houve nenhum tipo de embate ou questionamento dos pais e responsáveis sobre o conteúdo estudado, pesquisado e explorado. Todos os alunos puderam participar de todas as etapas e descobertas.

Como destacado anteriormente, um estranhamento inicial foi observado de forma “subliminar” por parte da equipe de professores. Acredito que isso tenha ocorrido, mas em função de um desconhecimento a respeito da temática ou mesmo da dificuldade em manusear tal conteúdo de forma simples e produtiva. Mas o que se destacou neste processo foi o crescimento e conhecimento adquiridos por toda a comunidade escolar.

Ao final do trabalho realizado foi possível perceber que as crianças antes do processo de intervenção não conheciam o Congo como manifestação cultural do Estado do Espírito Santo, bem como desconheciam grande parte dos instrumentos musicais utilizados por este ritmo. O mesmo se destaca para algumas brincadeiras populares e as possibilidades e formas de brincar.

A participação e inserção das crianças foi bastante proveitosa, bem como todo o processo de construção e realização dessa intervenção de ensino. No entanto vale destacar uma reflexão para com a sistematização da aprendizagem com relação ao processo avaliativo. Confesso que tal prática não se fazia presente em minhas práticas pedagógicas até o ano de 2018 na Educação Infantil.

Foi na formação de professores deste referido ano que fui alertada sobre a importância de, além de observar o processo de aprendizagem dos pequenos, também sistematizar minhas ações em processos avaliativos, pois, até então eu não os fazia. Assim, no Curso de Formação Continuada, pude, por meio da experiência de outros colegas professores de EF, ver como tal estratégia é importante. Foi mais um aprendizado para minha formação docente.

REFERÊNCIAS

CONTEÚDO DIGITAL, s.d. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160901_aj15931_serra_bairro_jardimcarapina.pdf>. Acesso em: 26 de set. 2018.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Cultura-SECULT. **Plano Estadual de Cultura do Espírito Santo, 2013 – 2023.**

LEITÃO, M. M.; DUARTE, N. **Folclorices de brincar.** São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

SILVA, P. S.; LOUREIRO, A. M. R. Carnaval de Congo de Roda D'água: cultura e memória de um povo. In: II Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação -II EREBD SE/CO/SUL, 2015, São Carlos. **Anais.** São Carlos: UFSCR, 2015. p. 161-166. Disponível em: <<http://www.2erebd.ufscar.br/index.php/erebd/erebd/paper/view/47/26>>. Acesso em 10 jul. 2018.

SOARES, C. L.; et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau –série formação do professor.

Capítulo VIII- Dançando Congo e Capoeirando em um CMEI de Serra

Ana Paula Endlich Pereira Bastos, Renata Marques Rodrigues

Este relato de experiência pedagógica apresenta um trabalho desenvolvido em parceria entre as professoras de Educação Física (EF) e de Arte do Centro Municipal de Educação Infantil “Luciano de Souza Rangel” (CMEI LSR), localizado no município de Serra/ES, durante o ano de 2018 e 2019, tendo como conteúdo a história do município de Serra, a partir da tematização do congo capixaba e da capoeira. Essa experiência articula-se às ações pedagógicas socializadas durante o Seminário de Práticas Pedagógicas realizado ao final do Curso de Formação Continuada intitulado: “O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: Danças, Lutas e Ginásticas”, em 2018¹⁰.

No ano de 2018 o CMEI LSR, pertencente a rede de ensino municipal de Serra, completou dez anos e a equipe de profissionais decidiu resgatar alguns dos projetos trabalhados ao longo dessa caminhada pedagógica. Para isso, sistematizou um projeto institucional intitulado: “CMEI LSR: 10 anos de história”.

Neste contexto¹¹, escolhemos resgatar o subprojeto intitulado “Brasil de sons, cores e sabores”, realizado no ano de 2015, e que teve como objetivo apresentar a diversidade de culturas nas artes, música, danças regionais e seus sabores presentes em comidas típicas. Tomando como ponto de partida esse projeto anterior, decidimos enfatizar o município de Serra e criamos o projeto “Serra nossa terra, Serra nossa história”, foco deste texto. O objetivo foi resgatar e valorizar uma parte da história do município, trazendo a Insurreição de Queimados¹² como um movimento de luta do povo negro escravizado em prol

10. Trata-se de um curso realizado em parceria interinstitucional (Projeto de extensão) entre Secretaria de Educação Municipal de Serra/Gerência de Formação e Universidade Federal do Espírito Santo/Centro de Educação Física e Desportos.

11. Embora o texto seja escrito na primeira pessoa do plural (nós), ressaltamos que a experiência narrada foi vivenciada pela professora Ana Paula Endlich Pereira Bastos no CMEI LSR, com o auxílio da integrante do grupo Andora, Renata Marques Rodrigues na redação e estruturação do relato escrito.

12. Principal movimento de luta contra a escravidão ocorrido no Espírito Santo, a Insurreição do Queimado é resultado da construção de um processo político de conquistas e foi um marco na história da negritude capixaba (FREITAS, 2011)

da liberdade, e representado pelo jogo da capoeira e a festa de São Benedito, apresentando o congo como manifestação cultural (BOA MORTE, 2011; 2014).

Trabalhamos a capoeira como prática de resistência/luta dos escravizados e, no contexto da Educação Infantil, destacamos o jogo e a diversão presentes na prática. Em parceria com a professora de Arte (Zélia Maria Sonegheti), trabalhamos com um teatro sobre a Insurreição de Queimados e com a manifestação cultural do Congo, de modo que os estudantes tivessem contato com a cultura local/regional, resgatando a história, ampliando as formas de movimentar-se, compreendendo a corporeidade e contribuindo para emancipação crítica e social (SOARES et al., 1992).

O Congo é uma manifestação folclórica reconhecida como patrimônio imaterial do estado do Espírito Santo desde o ano de 2014. Estima-se que no estado existam cerca de 70 bandas de Congo que desfilam pelas ruas durante as festas religiosas e comemorações como a festa de São Benedito, em Serra, dia 25 de dezembro (ATLAS DO FOLCLORE CAPIXABA, 2009). É uma festa processual que engloba momentos diferentes de cortada do mastro, fincada e retirada do mastro com influências religiosas¹³. Diante do caldo sociocultural no qual o Congo está imerso e de sua importância para a população de Serra, escolhemos trabalhá-lo nas aulas de EF, pois,

Ao tematizar esse patrimônio imaterial nas instituições de ensino, buscamos trabalhar com a ideia de ampliação cultural dos alunos, com o reconhecimento e valorização da diversidade cultural, e, principalmente, a consolidação de paradigmas identitários. Enfatizar o Congo nas disciplinas e conteúdos escolares em instituições de ensino permite um olhar crítico diante de manifestações sociais que até hoje contam e recontam aspectos da vida comunitária de determinado grupo social, contribuindo com a ampliação de noções de pertencimento social por crianças e jovens nas escolas (ALVES et. al, 2016, p. 76).

13. Para maiores informações assista o documentário “O congueiro do Santo Preto” com direção e produção de Fábio Carvalho. Disponível em: <https://youtu.be/t-5eVNX9tz8> e ao filme “Queimado-Luta pela liberdade”, com direção de Rogério Morais. Disponível em: <https://youtu.be/3f9gIXrb9OI>

Buscando a tematização do congo capixaba, a apresentação e reflexão das variadas danças populares desenvolvidas durante o curso de formação continuada, contribuiu com o trabalho que vinha sendo estruturado e desenvolvido na escola. Nesta formação pudemos experimentar danças populares de diversas regiões do país, como danças de Tarituba/RJ, o Bumba-meu-boi com os bois Caprichoso e Garantido do Norte e algumas danças regionais capixabas como o congo de máscaras de Roda D'água de Cariacica, o Boi Pintadinho, Boi de Goiabeiras e o congo capixaba.

As atividades desenvolvidas pela professora formadora Milayne Goulart durante o curso de formação continuada motivaram-nos ao aprofundamento no tema do Congo que estava sendo trabalhado com os alunos, evidenciando a importância da formação em diálogo com os saberes e fazeres no chão da escola. Os novos movimentos, a conversa que a professora mediadora teve sobre a Festa de São Benedito vieram a somar e ampliar os conhecimentos sobre o tema Congo e contribuiu significativamente com os planejamentos pedagógicos e com nossa prática.

Estas experiências destacam a importância da formação continuada como espaço de reflexão da atuação docente e também da formação cultural e acesso a espaços de cultura pelos professores para (re)conhecer os saberes e tratar os conteúdos de forma escolarizada. Destaco que desde que me efetivei em 2013 na Prefeitura de Serra, nunca havia trabalhado com danças populares, mas sempre tive curiosidade e interesse.

Tanto a capoeira quanto o congo são reconhecidos como patrimônio cultural imaterial, ou seja, são entendidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) como práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer transmitidos de geração em geração e constantemente recriados pelas comunidades e grupos, gerando sentimentos de identidade e continuidade, sendo reconhecidas como parte importante e constituidora da nossa formação cultural (IPHAN, 2023).

Franco, Prados e Bonini (2015, p. 321) apontam para a importância de uma educação patrimonial pelo processo educativo, pois dessa forma, os docentes podem abordar questões iminentes e presentes no mundo contempo-

râneo, “[...] ampliando de forma significativa as responsabilidades da escola e dos profissionais que nela atuam, principalmente sobre a preservação das tradições culturais, incluindo-se aí patrimônio material e imaterial”.

Este projeto foi desenvolvido e teve início em setembro de 2018 com todas as 10 turmas do CMEI (Grupos 2 a 5), dando maior ênfase nos grupos 4 e 5. Teve como culminância um evento cultural realizado na escola ao final do mês de novembro do mesmo ano, com os grupos 5, porém as outras turmas também participaram. A apresentação aconteceu em dois momentos: encenação da luta dos escravos pela liberdade na revolta do Queimado e a festa de São Benedito com a puxada do navio, fincada do mastro e dança de congo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para embasar nosso trabalho buscamos conhecer um pouco mais sobre a perspectiva histórica do município de Serra, de maneira a conseguir relacionar esse passado com a vivência atual de nossas crianças no CMEI. Entendemos que para planejar um conteúdo é preciso buscar conhecimentos sobre ele, assim, nós professores prescindimos da pesquisa para tratar pedagogicamente os conteúdos.

Destacamos, neste relato, parte do trabalho desenvolvido com o Congo, visando enfatizar o trato pedagógico com uma dança popular. Entendemos que, geralmente, as danças ainda são bastante ressaltadas em momentos festivos dentro dos espaços escolares, em momentos estanques, contudo, sem uma contextualização pedagógica.

O trabalho com a capoeira foi realizado de maneiras diferentes para cada faixa etária. Utilizamos vídeos e áudios do youtube, como o “Kids capoeira Instructional Video” – onde alguns movimentos de capoeira são demonstrados por crianças; e músicas do CD “Capoeira Infantil: Jogos e Brincadeiras”. O registro das aulas se deu por meio de fotos e desenhos elaborados pelos estudantes, como é possível visualizar na foto a seguir.

Foto 1 – Roda de capoeira desenhada por aluno do grupo 5



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

No trabalho com o Congo realizamos uma pesquisa que reuniu materiais com vídeos sobre a Festa de São Benedito: “O congo como patrimônio imaterial”, reportagem exibida pelo programa televisivo Fantástico; CDs de Congo: “O canto da alma – Homenagem ao Mestre Antônio Rosa” e “Batuque Moleque-Grupo Congo Mirim da Ilha”, por meio dos quais os estudantes escutaram e aprenderam algumas músicas como: Madalena, Solte os cabelos, A baleia, Gabiroba, Tindolelê e Adeus. As crianças puderam realizar registros por meio de desenhos sobre o que aprenderam. Os desenhos fizeram parte de uma exposição no CMEI, assim como as fotografias feitas nas aulas.

Foto 2 – Desenho da Festa de São Benedito por alunos de grupo 5.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

A avaliação foi processual e realizada ao final de cada aula, com roda de conversa sobre o que aprenderam, o que mais gostaram e quais foram suas dificuldades.

BRINCANDO DE CAPOEIRA

Para dar início ao conteúdo, foi abordado a vinda dos escravos para o Brasil e realizamos uma representação do navio negreiro, onde a turma caminhou unida pelo pátio dentro de um espaço reduzido com uma corda amarrada em suas extremidades. Ao conversarmos sobre aquele momento, as crianças relataram que estava muito apertado, que o colega pisou no pé. Lembramos que era assim que os escravizados eram transportados nos porões dos navios, viajando por dias e meses em condições indignas.

Em seguida, contamos a história da Insurreição de Queimados, destacando a importância que os líderes de escravos como Chico Prego, Eliziário e João da Viúva tiveram na revolta. A turma demonstrou interesse pela história e as crianças relataram aos pais em casa, visto que tivemos o feedback destes na reunião pedagógica.

Em outras aulas, relembramos a história e realizamos algumas brincadeiras como pique-pegas com alusão à Revolta de Queimados, onde senhores fazendeiros, capitães do mato e policiais corriam atrás dos escravizados rebeldes e fugitivos, a fim de prendê-los. Um aluno recordou do líder Chico Prego e permitimos que incorporasse os líderes na brincadeira. Quando estavam na prisão, área interna da escola como uma varanda separada por grade, eles gritavam: “-Liberdade, liberdade!”

Brincamos de pique-pegas do leão (cocorinha), no qual os alunos deveriam fugir do pegador que, ao boiar, transformava os colegas em estátuas de leões. Para libertar o colega do encanto deveriam fazer o movimento de meia lua sobre o colega em posição de cocorinha.

Realizamos o pique-caranguejo, no qual deveriam andar em quadrupedia (como caranguejos) e ao serem boiados só poderiam ser libertos se outro colega passasse rastejando por baixo deles.

Fizemos os movimentos básicos da capoeira, a ginga (no triângulo desenhado com giz no chão), cocorinha, meia-lua, benção, aú. Na Educação Infantil é importante fazer relações dos movimentos de capoeira com os animais, como cocorinha ao leão e sua juba, aú à estrelinha, movimentos adapta-

dos como elefante em decúbito ventral com três apoios e uma perna erguida e; o caranguejo, em decúbito dorsal, com quatro apoios e com três apoios e uma perna erguida. Enfatizamos que associar os movimentos de capoeira ao movimento dos animais auxilia a trabalhar o imaginário infantil e possibilita aprendê-los com mais naturalidade.

É importante destacar que o conteúdo capoeira e ginástica haviam sido tematizados no ano anterior, o que facilitou a imersão dos alunos, visto que já tinham algum domínio do conteúdo pela semelhança de alguns golpes a movimentos gímnicos.

A maioria das aulas foi realizada com aparelho de som reproduzindo músicas de capoeira. Orientamos as crianças a jogarem capoeira em duplas e a realizar a roda. Alguns movimentos foram trabalhados com segurança usando colchonetes, até a execução final do movimento. Também introduzimos novos movimentos da capoeira como benção e martelo. Ao final das aulas sempre realizamos uma roda de capoeira.

Foto 3 – Crianças do Grupo 4 e 5 jogando capoeira



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Trabalhamos a musicalização com palmas, músicas, apresentação dos instrumentos pandeiro e berimbau. Também falamos do atabaque e caxixi. As crianças aprenderam a cantar algumas músicas como “ABC da capoeira”,

“A E I O U” e “Lá no sítio da vovó”.

Realizamos ainda ensaios de teatro representando a Insurreição de Queimados, que foi apresentado no CMEI LSR, finalizando com a capoeira sendo utilizada como defesa e luta dos escravizados.

DANÇANDO CONGO

A festa de São Benedito foi trabalhada no mês de outubro, através de vídeos e conhecimentos da origem do evento. Trabalhamos a musicalização, o ritmo, a dança, o teatro e os instrumentos musicais utilizados nessa festa, como casacas e tambores.

Para dar início às atividades sobre a festa de São Benedito passamos alguns vídeos já descritos sobre essa festa e sua história para que as crianças pudessem visualizar todo o contexto histórico e cultural do evento.

Trabalhamos movimentos de dança específicos do congo capixaba: meio giro, movimento da mão em concha levando água e movimento de marcação dos pés. Experimentamos noção de ritmo e tempo através de palmas e toque dos instrumentos. Aprendemos a cantar músicas e realizamos o cortejo pelo pátio da escola assim que o Palermo foi ficando pronto.

Os ensaios eram realizados geralmente com as turmas de EF e Arte, a quais coincidiam no horário e, depois, fomos abrindo para outras turmas. Os dois estandartes eram disputados, pois, dizemos que eram as rainhas do congo que os conduziam e as dançarinas eram as princesas. No momento de pegar os instrumentos era um rebuliço, pois queriam logo tocar e tivemos que usar do apito como faz o mestre da banda de congo, para conduzi-los e organizá-los de modo que só tocassem depois do sinal do apito e após o início da música. Importante lembrar que os instrumentos que tínhamos eram alguns tambores de madeira e outros confeccionados por nós.

Como finalização do projeto realizamos uma apresentação com os Grupos 5. Entretanto, todas as turmas puderam participar, assistir, cantar e dançar. Os familiares também foram envolvidos, pois, os convidamos para que levassem o navio Palermo no cortejo.

Enquanto eu desenvolvia as aulas de EF, a professora de Arte e as crianças confeccionaram o navio Palermo com uso de papelão, fita durex largo, fita crepe, cola e tinta guache. Também foram confeccionados tambores feitos com um recipiente de gel acendedor 10kg (utilizados para acender réchaud) semelhantes a um tambor. As crianças ajudaram a pintar e fazer desenhos e depois foi colocado uma corda nas laterais para pendurar.

Além disso, a professora de Arte também trabalhou os pontos turísticos de Serra ligados à Festa de São Benedito e Insurreição de Queimados, mostrando imagens da Igreja Nossa Senhora da Conceição, onde ocorre a fincada do mastro e a Igreja de São José de Queimado¹⁴, palco da Revolta de Queimados. Foi confeccionada a Igreja de São José de Queimado com papelão e auxílio das crianças, material que fez parte do cenário da apresentação. Foram feitos ainda os estandartes com imagem da Igreja Matriz e bandas de congo.

É preciso destacar a parceria com as professoras regentes dos Grupos 5 que embarcaram no projeto e auxiliaram na confecção de pequenos estandartes com as turmas como casacas feitas com garrafa pet e jornal, os quais fizeram parte da exposição.

DESDOBRAMENTOS

Após o trabalho realizado neste projeto¹⁵, fomos a campo e participamos da culminância da Festa de São Benedito, a fincada do mastro no dia 26 de dezembro, no bairro de Serra Sede/ES. Pudemos observar e vivenciar essa linda manifestação cultural. Seguimos o cortejo das bandas de congo, cantamos, dançamos e tocamos na extensa corda que traz o barco Palermo e é puxada pelos fiéis em devoção a São Benedito.

Pudemos sentir e acompanhar toda energia e vibração do povo reunido

14. Em 17 de Agosto de 2020, as Ruínas de São José do Queimado foram reinauguradas como museu a céu aberto, o monumento se encontra na área do Sítio Histórico São José do Queimado, um sítio arqueológico cadastrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2023).

15. O trabalho com o Congo levou a professora Ana Paula Endlich Pereira Bastos a participar da Festa de São Benedito.

em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição, no aguardo do momento crucial que é a fincada do mastro. Sempre tivemos o desejo de participar e, então, depois de trabalhar esse tema, foi uma imersão e tanto estar em contato e ver como a população é conectada à festa e agradecida ao Santo Benedito pelas graças alcançadas.

Fomos além da formação de Serra e da vivência da festa. Buscamos conhecimento no ano seguinte (2019), na Oficina de Percussão Orgânica e Ritmo de Congo Capixaba, no Centro Cultural Eliziário Rangel, ministrada por Fábio Carvalho. O objetivo da oficina era fazer com que as pessoas pudessem ter contato com a percussão orgânica de forma lúdica, tendo como instrumento o próprio corpo e a voz. A segunda parte da oficina foi dedicada ao ritmo de Congo Capixaba, onde aprendemos noção de tempo e ritmo, como tocar os instrumentos tambor e casaca (instrumento típico do congo capixaba) e suas melodias, músicas e toadas. A finalização da oficina foi uma Roda de Congo.

Foto 4 – Oficina de Percussão e Congo Capixaba.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Essa oficina aconteceu na época em que estávamos prestes a trabalhar a musicalização com as crianças, quando tinha pouca noção de como tocar os instrumentos tambor e casaca. A Oficina me auxiliou muito na prática pedagógica para dominar algumas questões técnicas fundamentais ao ensino-aprendizagem do conteúdo.

MOSTRA PEDAGÓGICA DE DANÇAS POPULARES

Tivemos ainda a segunda culminância do projeto, quando fomos convidados a participar da 5ª Mostra Pedagógica de Danças Populares, organizada pela Companhia de Dança Andora/UFES, realizada no Teatro Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em outubro de 2019.

Tivemos um mês para preparação da apresentação das crianças na referida Mostra Pedagógica. Foram 8 aulas para relembrar o conteúdo, passamos os vídeos e já iniciamos os ensaios, relembrando os passos. Foi necessário reformar o navio Palermo, fazer ajustes nos standartes que estavam guardados e confeccionar um novo mastro para o navio.

Optamos pela realização de um ensaio geral no CMEI, como pré-apresentação para o Teatro da UFES, a qual foi aberta aos familiares que pudessem prestigiar as crianças.

Foto 5 – Ensaio Geral no CMEI LSR



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Junto com a professora de Arte, decidimos levar somente a festa de São Benedito. Tivemos o mês de setembro para resgatar o conteúdo, relembrando a história, a manifestação folclórica, a musicalização, utilização dos instrumentos, reforma do barco Palermo e dos standartes, os passos de dança e todo o contexto que envolve a manifestação popular.

O figurino foi orientado pelas professoras previamente e confeccionado em parceria pelas famílias. Os instrumentos tambores e casacas foram emprestados gentilmente por dois CMEI's, um da Prefeitura de Serra e outro de Vitória.

Optamos por levar os dois Grupos 5 e um Grupo 4, totalizando um número de 27 crianças. Muitos familiares foram conferir e prestigiar esse momento na vida de seus filhos. As crianças ficaram ansiosas e admiradas

com a grandeza do teatro e do evento. No início da apresentação estavam um pouco acanhadas, mas depois foram soltando-se, dançaram, tocaram e divertiram-se com a apresentação e encheram de orgulho, nós professoras e equipe escolar.

Foto 6 – Apresentação na 5ª Mostra Pedagógica de danças populares: navio Palermo e Mastro, no Teatro da Ufes



Fonte: Registro do grupo da Cia de Dança Andora – 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esse projeto oferecer às crianças um contato mais próximo com a história e cultura popular de Serra, valorizando as manifestações populares, suas origens e, principalmente, o patrimônio imaterial do município.

Faz-se importante incluir a cultura popular de modo reflexivo, enfocando a formação humana, estimulando o autoconhecimento corporal por meio de uma pedagogia transformadora.

Também evidenciamos nas observações das vivências e registros avaliativos que as crianças ampliaram o repertório cultural, artístico e de corporeidade, além de terem compartilhado esse conhecimento com seus familiares.

A formação continuada vem somando aos nossos conhecimentos e nos conscientizando da necessidade de incluir outros conteúdos em nossa prática, além dos já massificados e tradicionais da EF.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. P. F.; et. al. Patrimônio cultural imaterial e educação: intervenções pedagógicas com o congo capixaba. In: TOLENTINO, Átila Bezerra.; BRAGA, Emanuel Oliveira (Orgs.). **Educação patrimonial:** políticas, relações de poder e ações afirmativas. Caderno Temático n. 5. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

ATLAS DO FOLCLORE CAPIXABA. **Usina de Imagem.** Coordenação de Humberto Capai. Fotografias da Usina de Imagem - Espírito Santo, SEBRAE, 2009. Disponível em: <<https://observatoriodoturismo.es.gov.br/Media/observatorio/Publicacoes/Livros/Atlas%20do%20Folclore%20Capi-xaba.pdf>>. Acesso em 09 mar. 2023.

BOA MORTE, Teodorico. **Insurreição do Queimado em Poesia de Cordel.** 6ª Ed.-Espírito Santo: Vitória, Grafita, 2011.

BOA MORTE, Teodorico. **Serra, Serra, Serrador...** Histórias da Serra (ES) e Outras Histórias. Serra/ES: Edição do Autor, 2014.

FRANCO, F. C., PRADOS, R. M. N.; BONINI, L. M. Cultura, cidadania e patrimônio cultural: interfaces entre a escola, a cidade e as políticas culturais na cidade de Guararema, SP. **Perspectiva**, v. 33, n.1, p. 319–344, 2015.

FREITAS, J. **Insurreição do Queimado**, um marco da luta pela liberdade. Fundação Palmares, 2011. Disponível em < <https://www.palmares.gov.br/?p=9431>>. Acesso em 08 mar. 2023.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial – ES.** Ministério da Cultura. Brasil, Governo Federal, União e reconstrução. 2023. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/632>>. Acesso em 09 mar. 2023.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

Capítulo IX- Influências Africanas e Indígenas em manifestações culturais: Uma experiência interdisciplinar com as Danças e Capoeira no Ensino Fundamental.

Alexsandra Evangelista Quadra

A escola, por meio da educação, tem o objetivo de promover a formação humana em todas as suas dimensões, gerando impacto positivo na vida do indivíduo. Por outro lado, ser professor e desenvolver atividades educacionais capazes de fazer com que a educação cumpra seu papel em sua plenitude torna-se cada vez mais desafiador, mesmo para aqueles educadores considerados mais experientes.

Trabalhar questões étnico-raciais no ambiente escolar tem sido um entrave para alunos e até mesmo para professores, pois, o tema racial ainda vem carregado de preconceito. Felizmente, nos dias atuais já é possível contar com algum suporte para essa árdua tarefa, como é o caso da Lei 10.639 de 2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003). Foi através desse tipo de apoio que pessoas já comprometidas com essa causa ganharam mais forças para lutar contra o preconceito racial impregnado na educação escolar.

Minha trajetória como **docente preta** começou cedo, em 1999, quando eu ainda adolescente comecei a trabalhar voluntariamente num projeto social destinado a promover a inclusão de crianças e adolescentes em situação de risco e grande vulnerabilidade social. Foi assim que me apaixonei pela arte de educar. Durante minha trajetória (quase 15 anos), vi naquelas crianças e adolescentes, discriminados por parte da sociedade, um pouco de mim, já que eu também passei por diversas situações de discriminação.

Minha família veio da zona rural e éramos muito carentes, tanto economicamente quanto em relação ao acesso à educação escolar. O fato de ter trabalhado naquele projeto – inicialmente com o intuito de ajudar a comunidade e também para usufruir de benefícios como alimentação e outras atividades gratuitas –, me levou a buscar um futuro melhor para mim e minha família. A

paixão pela área educacional serviu de incentivo para que eu conquistasse meu primeiro título de curso superior.

De lá para cá, com mais de 20 anos de atuação, fui conquistando mais conhecimento e experiência em diversas áreas específicas da educação, entre os títulos mais importantes posso citar o de Bacharel e Licenciatura em Educação Física (EF), Pedagogia, Especialista em Educação Física Escolar (EFE), Especialista em Psicopedagogia Institucional, entre muitos outros cursos rápidos que serviram para me atualizar na área. E o que começou como um trabalho voluntário se tornou minha paixão e minha profissão que exerço com prazer.

Para que esse meu relato de experiência fosse possível usei todas as ferramentas que tive a meu alcance, pois, é necessário estar em constante renovação de conhecimento para cumprir o papel de educadora. Então, além dos títulos de curso superior e das pós-graduações, considero a formação uma ferramenta poderosa para aperfeiçoamento da aprendizagem, pois, a troca de experiências promove a atualização educacional, além de transformar os conhecimentos já adquiridos em novos conhecimentos.

Com o passar dos anos, meus ideais amadureceram e com eles veio a convicção de que promover práticas educacionais sustentáveis buscando recursos facilitadores que amenizam as desigualdades sociais é que faz cada vez mais valer a pena ter abraçado a profissão de professora.

Vale ressaltar que episódios envolvendo etnia e raça ou preconceito ocorre mais frequentemente do que se pensa e de formas variadas. Como exemplo é possível relatar um caso surpreendente que aconteceu no ano de 2018 na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Cidade Pomar”. Trata-se do caso de um aluno visivelmente negro que ao realizar uma atividade aplicada em sala de aula, em que teria que responder qual a sua cor, respondeu que era branco, ou seja, ele não se via como negro. E mais surpreendente ainda foi que, oportunamente, ao abordar sutilmente a mãe do aluno, que da mesma maneira é visivelmente negra, foi constatado que ela também não via a si própria nem o filho como negros. Foram casos como este que nortearam um trabalho pedagógico sobre a visão dos alunos daquela escola a respeito do assunto envolvendo questões étnico-raciais e culturais e, que, posteriormente,

se transformou em um projeto que foi desenvolvido na escola.

Refletindo sobre os apontamentos da Lei 10.639 (BRASIL, 2003), voltada para o caso citado acima sobre mãe e filho de aparência negra que não se veem como tal, foram realizados alguns diálogos com os professores das disciplinas de EF, História e Matemática da referida escola. A partir daí surgiu a ideia de realizar um trabalho interdisciplinar voltado para as questões étnico-raciais que envolvessem prática e teoria de maneira prazerosa para os alunos.

Todos os professores envolvidos no diálogo compartilhavam a ideia de que desenvolver atividades sobre esse tipo de questão produz efeito positivo quando trabalhada desde cedo na escola com metodologias educacionais voltadas para o espírito de alegria. Essa proposta de trabalho surgiu sob a perspectiva de que é possível despertar a ludicidade e o espírito de aventura contidos em cada humano que se encontra em fase de desenvolvimento da aprendizagem. O aprendizado como tudo que está a sua volta, representa uma aventura (BENJAMIN, 1984).

Diante do exposto até aqui foi possível desenvolver um projeto voltado para o contexto da EMEF “Cidade Pomar”, destinada a atender o público alvo de crianças e adolescentes do 1º ao 9º anos, porém, o projeto foi desenvolvido somente com os alunos do 6º ao 9º anos do turno matutino, já que os professores das 3 disciplinas (EF, História e Matemática), envolvidos no projeto, davam aulas na escola somente para estas turmas, envolvendo um total de 182 alunos.

A EMEF CIDADE POMAR

A estrutura escolar da EMEF de Cidade Pomar retrata a carência da própria comunidade (público alvo) apresentando algumas improvisações, pois, funciona em 3 edificações sendo uma principal e 02 anexos. O imóvel principal é composto por 8 salas de aula, 01 sala onde funciona a secretaria, 01 sala pequena com apenas 02 computadores para professores, cujo espaço não suporta a quantidade total de professores quando é necessário reunir todos, causando desconforto. No anexo 01, há 01 sala para escritório da direção, 01 quadra de piso grosso sem cobertura com alambrados bem danificados, cozinha, área de

refeitório e sanitários. O anexo 02 é composto por 2 salas de aula construídas de maneira improvisada em material de pvc no pátio da edificação principal. O espaço foi alugado como alternativa para atender o excesso de demanda de vagas da comunidade. Esse anexo encontra-se situado em outro endereço, nas adjacências, e é parte de um imóvel onde funciona uma igreja. A EMEF de Cidade Pomar não possui laboratório de informática, bibliotecas e auditórios.

O desenvolvimento deste trabalho dentro da escola é importante no sentido de levar os educadores a refletirem sobre os métodos de ensino engessados por padrões mentais, que podem e devem ser flexibilizados, como também a maneira mais adequada de transmissão do conteúdo ao aluno. Os estudantes não precisam receber o conteúdo das aulas como um remédio amargo e obrigatório, e sim, como atividades prazerosas e interessantes. Outra relevância deste tipo de trabalho é promover aos alunos uma visão mais coerente de si mesmo, transformando-os em seres humanos capazes de analisar a si próprios e a cultura de onde vivem.

NOSSOS OBJETIVOS, NOSSOS SONHOS, NOSSA LUTA ANTIRRACISTA

Diante do exposto, nosso objetivo pedagógico geral foi desenvolver um trabalho interdisciplinar com as disciplinas de EF, História e Matemática sobre as influências africanas e indígenas em manifestações culturais.

Como objetivos específicos buscamos identificar a visão de cada aluno de si próprio e a maneira com qual se classifica em relação a raça, possibilitando ainda o mapeamento desses alunos baseado em suas próprias respostas, a fim de desenvolver o espírito de auto aceitação e autoestima através da promoção de um olhar crítico e reflexivo sobre si mesmo e sua origem em relação a sua etnia, raça e cultura.

Também buscamos uma visão mais consciente e menos engessada de professores, despertando a criticidade e reflexão sobre a maneira de ensinar conteúdos de forma mais prazerosa e gratificante, tanto para os alunos quanto para os próprios professores.

PREPARAÇÃO DO TERRENO PARA A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Durante o desenvolvimento do projeto abordamos assuntos histórico-raciais e culturais do Brasil, dos capixabas e também do município de Serra. Evidenciamos a influência indígena e africana na cultura brasileira e local, com a finalidade de promover o conhecimento sobre elementos culturais como histórias, danças e lutas típicas.

O primeiro passo dado para o desenvolvimento deste trabalho foi a revisão bibliográfica, acompanhada de reuniões dos professores das disciplinas envolvidas, com o intuito de identificar questões e objetivos importantes, o que possibilitou a escolha de técnicas adequadas para coleta e avaliação de dados. Assim identificamos que o projeto deveria ser desenvolvido baseado na pesquisa descritiva que é caracterizada pela observação, registro, análise e interpretação de fatos ou fenômenos (GIL, 2008).

Vale frisar que desde o surgimento da ideia até a finalização do projeto foi previsto que seriam necessárias diversas reuniões, após cada atividade, a fim de verificar e comparar as atividades planejadas com as realizadas. O planejamento foi realizado durante as reuniões entre a pedagoga e os professores das disciplinas envolvidas. Durante essas reuniões foi definido que as ferramentas técnicas mais convenientes para serem usadas na coleta, avaliação e interpretação de dados seriam a observação e o questionário por serem técnicas de baixo custo e aplicação rápida. Foi calculado um cronograma a ser seguido com uma estimativa de mais ou menos 60 aulas de duração abrangendo os horários das 3 disciplinas envolvidas (EF, História e Matemática), compreendendo parte do segundo e do terceiro trimestre letivo de 2018.

O questionário foi elaborado de comum acordo entre os professores, com a supervisão da pedagoga, com 8 (oito) questões fechadas simples e de fácil entendimento para os alunos, a fim de identificar o conhecimento dos mesmos acerca de questões étnico-raciais e culturais. Em seguida esse questionário foi aplicado aos alunos e analisado quantitativamente, ou seja, através dos números e dos percentuais obtidos. Através dos resultados foi possível escolher os conteúdos étnicos raciais que fossem mais relevantes para trabalhar com os alunos.

Foi combinado entre os professores de cada disciplina envolvida que cada um se responsabilizaria pela parte do assunto tocante ao seu componente curricular. Então, a professora de EF cuidaria da parte de atividades que envolvessem movimentos corporais como lutas, danças e outros. O professor de História ficaria com a parte que envolvesse as teorias sobre etnias, raças e culturas, ficando para o professor de Matemática a aplicação do questionário e o processamento dos dados obtidos a fim de apurar os resultados que seriam analisados conjuntamente pelos mesmos.

Assim houve a divisão do trabalho de maneira entrelaçada entre as disciplinas para que cada um realizasse determinada tarefa até que todo o planejamento estivesse desenvolvido. Por ser um projeto pioneiro dentro da escola foi necessário a participação conjunta da pedagoga e professores para realização do mesmo.

A amostra utilizada na coleta de dados foi de 182 alunos que responderam todas as perguntas na data de aplicação do questionário. A aplicação e manipulação dos dados foram realizadas nas aulas de Matemática, nas quais o professor desenvolveu tanto o assunto principal do projeto, como também a parte de cálculos que deu origem aos resultados em números percentuais e gráficos em formato de pizza, o que despertou o interesse dos alunos.

A VISÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM DIAGNÓSTICO

Para verificar as visões dos estudantes e também os interpelar sobre as influências africanas e indígenas em suas comunidades e em sua vida, partimos da seguinte pergunta: **Qual a sua raça?** Baseado nas respostas dos 182 alunos chegamos aos seguintes resultados: 61,5% dos alunos responderam que eram pardos; 27,5% negros e 11% brancos.

Vale ressaltar que a questão **“Qual a sua raça?”** foi elaborada com base no caso relatado inicialmente sobre mãe e filho que não viam a si próprios como negros. Observamos que por meio de perguntas simples é pos-

sível constatar que o caso daquele aluno e sua mãe é mais comum do que se pode imaginar dentro das comunidades que compõem as escolas públicas. Outro aspecto importante observado durante a aplicação do questionário foi o fato de que alguns desses alunos se mostraram confusos sobre qual resposta deveriam dar sobre sua raça, somente uma minoria respondeu com mais segurança a esta pergunta.

Quanto ao conteúdo da história do Brasil, quando questionados sobre a chegada dos negros africanos ao nosso país, a maioria (81,3%) dos alunos responderam que os negros vieram forçados, enquanto 18,7% dos alunos apontaram que os africanos vieram por vontade própria. Foi possível perceber que alguns alunos ainda não conhecem bem a história triste dos africanos e o tormento que enfrentaram até chegar e viver no Brasil.

Quanto ao assunto Zumbi dos Palmares, percebemos que a maior parte (76,4%) dos alunos já ouviram falar dele e apenas 23,6% nunca tinham ouvido falar. Já sobre a capoeira, 42,9% dos alunos desconhecem sua origem, mas 57,1% disseram conhecê-la.

Foram apontadas para os alunos quatro tipos de danças para que os mesmos escolhessem aquela que é considerada patrimônio cultural capixaba. Assim, 5,5% escolheram o carimbó, 11,0% escolheram o frevo e apenas 17,0% dos alunos reconhecem o congo como uma dança de origem capixaba. A maioria (66,5%) acredita ser o samba a dança típica do Espírito Santo. O que demonstra certo desconhecimento pela cultura do Estado.

Em relação à cultura municipal, quando questionados sobre a história de Chico Prego (figura cultural da cidade de Serra/ES), grande parte dos alunos (78%) afirmaram desconhecer sua história e apenas 22% admitiram conhecer vagamente e sem riqueza de detalhes o assunto. O fato da maioria dos alunos desconhecer a história de Chico Prego nos causou estranheza, pois, grande parte deles já havia visitado o monumento, porém, não demonstraram curiosidade acerca da estátua enorme desse guerreiro que, por sinal, é muito bonita e está localizada na praça Almirante Tamandaré, situada no coração do município de Serra.

Ao questionarmos sobre outro elemento que faz parte do patrimônio cultural de Serra, nos surpreendemos mais uma vez com o resultado das respostas. 28,6% conhecem superficialmente sobre a história de Queimado, enquanto a maioria (71,4%) dos alunos desconhecem totalmente este elemento cultural. Este quantitativo pode ser relacionado ao percentual anterior relacionado a história de Chico Prego, pois, uma história está entrelaçada à outra dentro do mesmo contexto cultural, então se um aluno não conhece uma, dificilmente conhecerá a outra.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA

Após os resultados obtidos através do processamento dos dados gerados pela aplicação do questionário, foi possível definir o conteúdo a ser trabalhado. Assim, foi possível traçar os caminhos a serem percorridos de modo a levar o aluno a entender, de maneira autônoma e reflexiva, um pouco dessa diversidade cultural entrelaçada na origem do povo brasileiro.

O trabalho foi desenvolvido, tanto em sala de aula quanto na quadra da escola. Na sala de aula foram realizadas as atividades teóricas e oficinas para confeccionar os artigos necessários para as apresentações culturais como instrumentos, vestuários entre outros. Nas aulas de Matemática foram desenvolvidas atividades para processar os dados da pesquisa, de modo que o professor trabalhou simultaneamente cálculos matemáticos, utilizando as respostas obtidas dos alunos para melhorar o entendimento da matéria.

O professor de História pôde contar com a ajuda da Cartilha Igualdade Racial na Serra: História e Identidade Negra II (CASTRO, 2016), cedida pela própria Prefeitura do município de Serra. Nessa cartilha encontramos a Lei 12.228 aprovada em 2010 pelo Congresso Nacional destinada: “A garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (CASTRO, 2016, p. 8). Utilizando como base a Cartilha Igualdade Racial na Serra, foram elaboradas cruzadinhas com perguntas e respostas sobre o assunto.

Foi possível ainda estudar alguns patrimônios históricos como Queimado e a Igreja dos Reis Magos, o que levou os estudantes a conhecerem a chamada “Revolta de Queimado” entre outras histórias que fazem parte do patrimônio cultural do município de Serra e de outras regiões do Brasil. Observamos que o maior encanto dos alunos foi entender e conhecer a história da estátua de um homem de característica negra, sem camisa e que era conhecido por Chico Prego, um dos líderes da Revolta de Queimado, cujo o nome de nascimento é Francisco de São José (porque era devoto de São José) (CASTRO, 2016).

Imagem 1 - Aula de História utilizando a cartilha



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Uma cartilha tão pequena, mas com um conteúdo riquíssimo que aborda personalidades negras do Espírito Santo. Um homenageado nessa cartilha foi Naly da Encarnação Miranda, nascido no Município de Serra, em 1916, eleito vereador em 1954, eleito prefeito em 1958 e reeleito em 1966 (CASTRO, 2016).

Os alunos puderam aprofundar ainda mais o conhecimento usando um jogo de tabuleiro com trilhas. Na capa da cartilha, uma marca d'água apresentava aos alunos alguns bairros do Município de Serra e a fronteira com outros municípios. O interesse foi grande por parte dos alunos, pois estavam lidando com algo do seu convívio nas aulas de História.

Já nas aulas de aulas de EF foram desenvolvidas atividades sobre capoeira, maculelê, congo, dança indígena, musicalidades e seus instrumentos. Os estudantes puderam aprender a tocar instrumentos como tambor (improvisado e enfeitado por eles), pandeiro e berimbau. Para finalizar, os alunos aprenderam sobre sua própria cultura até então desconhecida, como patrimônio histórico cultural do local onde vivem.

Por meio dessas vivências foi possível montar, em conjunto com os discentes, um teatro musical, no qual fizeram uma apresentação para toda escola com o seguinte roteiro:

- Confronto entre índios e portugueses: Momento em que alguns alunos, vestidos de índios, encenam o ritual em círculo cantando música indígena e em seguida outros, com traje de portugueses, os observavam e atacavam;
- Chegada do navio negreiro: Alguns alunos acorrentados simulavam estar em um navio e cantavam músicas africanas durante a cena;
- Hino da África dançado pelos estudantes vestidos como africanos;
- Roda de Capoeira;
- Dança do Maculelê;
- Dança do Congo;
- Dança do Olodum (a pedido dos alunos).

Para finalizar as apresentações aconteceu um desfile étnico-racial onde uma das estudantes, que gosta de usar o cabelo *black power*, desfilou junto com uma colega assumindo seu orgulho e sua beleza (deixando de lado a chapinha), passou a usar um lindo rastafári como método de transição capilar. Assim que dançaram ao ritmo de samba, os alunos que participaram das apresentações fizeram uma roda de samaba espontânea e se despediram com alegria, naquela manhã de sol escaldante.

O mais curioso é que a quadra onde as apresentações estavam sendo realizadas não possuía cobertura e, mesmo assim, os alunos não colocaram obstáculos para participar das atividades.

Foto 1 - Apresentação com o tambor improvisado



Foto 2 - Desfile étnico racial.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

AVALIAÇÃO

Para avaliar a aprendizagem foi acordado entre os envolvidos no trabalho, pedagoga e professores, que o projeto teria como culminância uma partilha relacionada a elementos identificados na cultura como danças indígenas e africanas, bem como sobre o entendimento dos alunos relacionado ao tema etnias raciais e culturais. Os estudantes foram avaliados a partir de sua participação e presença nas aulas e nos eventos relacionados ao projeto, pois, é sabido que nesses casos a maioria dos alunos ensaia e no dia da apresentação não comparece. Porém, pudemos observar o nível de interesse dos alunos já que a maioria compareceu e participou contribuindo voluntariamente e com grande entusiasmo.

Um outro elemento avaliativo que julgamos necessário ressaltar, se deu por meio de uma roda de conversa, onde os estudantes puderam expor suas ideias e relatar suas experiências positivas e negativas acerca do conteúdo ensinado e das apresentações. Em meio a algumas reclamações sobre assuntos como a infraestrutura da quadra, houve fatos surpreendentes, como o caso de um aluno que não tinha hábito de participar de diálogos na classe. Neste momento, este se mostrou mais acessível e participou da conversa questionando

sobre o afinamento da “casaca”, um dos instrumentos utilizados na apresentação da dança do Congo. E, antes que algum professor se manifestasse, outro aluno entrou na conversa, com entusiasmo e orgulho, explicando tudo sobre o tal instrumento, contando sobre a fabricação e explicando que sua família há várias gerações lida com a casaca.

Também foi mencionado a todos que para se ter um instrumento como este de qualidade, existe toda uma técnica utilizada durante sua fabricação, como a escolha da madeira correta, o tempo de amadurecimento da madeira, o entalhamento e sua afinação, esclarecendo assim a dúvida que foi lançada. Uma das alunas mudou seu estilo visual assumindo suas mechas *black power* e iniciando uma transição capilar para voltar a usar seu cabelo natural.

Foi animador, nos meses que se seguiram à realização do projeto, perceber certa mudança de comportamento de alguns estudantes, que passaram a falar de determinados assuntos envolvendo etnia racial e cultural com mais entendimento e segurança, demonstrando que sua participação no projeto proporcionou maior entendimento sobre o assunto.

Através das diversas manifestações que foram percebidas antes, durante e depois do projeto concluído, foi possível perceber o quanto foi gratificante para os alunos terem participado do evento. E, para nós que viabilizamos o projeto, foi mais gratificante ainda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias acerca da educação, principalmente as concebidas por Paulo Freire, nos direciona como educadores, a uma reflexão sobre a maneira de ensinar praticada até os dias atuais. Nos leva ao entendimento de que o chamado “chão da escola” é o local onde o professor deve cumprir o seu papel de educar com amplitude, valorizando a bagagem de conhecimento que o aluno traz em si, usando-a como base para um processo de aprendizagem bem sucedido e experiência auto renovadora para os educadores.

Apesar disso, muitos são aqueles educadores que não acreditam na aprendizagem de mão dupla, onde o professor também aprende com o aluno. Para falar a verdade, nem eu mesma acreditava que isso fosse possível, até a realização desse projeto. Mas, ao ouvir as experiências e histórias dos alunos, pude constatar o quanto aprendemos e temos a aprender com os mesmos.

A realização deste projeto reforçou o conceito de que as práticas de ensino devem se desenvolver em conjunto, a partir da observação e da “escuta atenta”, ou seja, ouvir o que nossos educandos têm a nos dizer, seu ponto de vista e sua contribuição. Dando atenção a esses aspectos, acreditamos ser possível o desenvolvimento da consciência e da autonomia de aprendizagem no educando, proporcionando a ele o papel de protagonista e cidadão crítico, capaz de transformar o meio no qual está inserido.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm > Acesso: 15 jul. 2018.

CASTRO, H. A. de. **Igualdade Racial na Serra E.S.**: Secretaria Municipal De Educação. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição São Paulo: Atlas, 2008.



UNIDADE III

JOGOS, BRINCADEIRAS E ESPORTES

Capítulo X- Jogos e Brincadeiras como conteúdo das aulas de Educação Física

Samuel Coelho da Silva

REFLEXÕES SOBRE OS JOGOS E BRINCADEIRAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Entendemos que o significado da palavra jogo tem sua origem do latim *ludus*, que remete ao divertimento, gracejo. Pode-se dizer que o ato de jogar é tão antigo quanto à própria humanidade, portanto, jogar é uma atividade cultural.

Ao longo da história, o ato de brincar é uma atividade inerente à condição humana que está relacionada à evolução social, psicológica e cognitiva da espécie. Varia apenas as formas de uso no tempo e no espaço, sob influências históricas, culturais, sociais e educacionais.

No contexto escolar, o jogo acaba cumprindo a função de desenvolvimento da imaginação, da socialização, do espírito de colaboração, da compreensão e da transformação do mundo e da organização do pensamento lógico. Para Macedo, Petty e Passos (2005) joga-se e brinca-se porque é divertido e desafiador, possibilita estar junto em um contexto que faz sentido. Além disso, pode desenvolver nos sujeitos participantes a concentração, a atenção e o prazer num processo relacional, mesmo que haja frustração e não se consiga a realização esperada.

Portanto, a formação continuada de professores denominada “O trato didático-pedagógico dos conteúdos da Educação Física: danças, lutas, ginásticas e esportes”¹⁶, realizada em 2018, estimulou a produção deste relato de experiência, pois proporcionou a troca de experiências em um seminário de práticas pedagógicas, no qual os docentes apresentaram seus “saberes-fazer” materializados em projetos pedagógicos.

Este relato de experiência parte do princípio de que o jogo e a brincadeira podem ser um conteúdo potente para desenvolvermos uma intervenção nas

16. Tratou-se de uma formação continuada oferecida pela Secretaria de Educação de Serra em parceria com o Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

aulas de Educação Física (EF). Sendo assim, o trato didático-pedagógico desse conteúdo no espaço escolar deve ser integrador e facilitador do processo de ensino aprendizagem.

Conforme constatado por Macedo, Petty e Passos (2005) a frustração também foi uma importante questão em nossa experiência com os jogos e brincadeiras, uma vez que nos primeiros trimestres do ano letivo conseguimos constatar que os alunos tinham dificuldades em trabalhar com a derrota nas atividades propostas. Por conta dessa constatação, pensamos em trabalhar a cooperação-competição por meio dos jogos nas aulas de EF.

Algumas questões norteadoras foram importantes para a nossa intervenção, dentre elas destacamos algumas primordiais para nosso relato, são elas: Por que trabalhar os jogos nas aulas de EF? Como os jogos podem ser trabalhados? O que eu, enquanto professor de EF, preciso saber para trabalhar com esse conteúdo? Como avaliar o desenvolvimento dos jogos nas aulas de EF?

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS

Esse trabalho foi fruto de ações desenvolvidas nas aulas de EF na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof^a Valéria Maria Miranda, localizada no bairro Vila Nova de Colares, no município de Serra/ ES. Na oportunidade, desenvolvemos o Projeto “Copa do mundo”, com os seguintes objetivos: experimentar os fundamentos técnicos do futebol de forma lúdica (passe, chute, drible, condução de bola, finta, ações do goleiro e desarme); vivenciar o futebol por meio do jogo, e; conhecer brincadeiras e jogos das Regiões (Nordeste, Sul, Centro-oeste, Sudeste, Norte).

Foi uma experiência riquíssima, pois, possibilitou fazer um resgate de alguns jogos e brincadeiras ressaltando as suas origens históricas. Para a elaboração das atividades, ficou estipulado que cada professor regente das turmas de 1º aos 4º anos, ficaria responsável por trabalhar a história cultural dos países que iriam disputar a Copa do Mundo de Futebol no Brasil, em 2014. Paralelamente, os professores de Arte, EF e Inglês deveriam trabalhar o projeto dentro de suas especificidades de conhecimento.

Em reunião com a equipe pedagógica, comprometemo-nos a trabalhar os jogos e brincadeiras comuns das regiões do país, respeitando os projetos que estavam sendo desenvolvidos na escola de acordo com cada turma. Como os países iriam ficar distribuídos pelas regiões do Brasil, a estratégia pedagógica encontrada foi abordar, além do futebol, os jogos e brincadeiras típicas das Regiões Sudeste, Sul, Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

Com o conteúdo futebol, procuramos desenvolver vivências dessa modalidade em que prevalecesse a produção cultural de um esporte próprio “da” escola com seus códigos e funções (BRACHT, 1992). Dentre elas, destacamos atividades como o chute ao alvo, pebolim humano, linha, dedobol, jogos reduzidos, dentre outros, sempre no intuito de trabalhar com o futebol “da” escola e não meramente com o futebol “na” escola.

Diante dessa realidade, pudemos pesquisar uma diversidade de jogos e brincadeiras para que pudéssemos vivenciar nas aulas de forma lúdica¹⁷. O site Mapa do Brincar¹⁸ nos possibilitou pesquisar as origens, a forma de realizar, os diferentes nomes dentre outras especificidades dos jogos e brincadeiras de cada região. Após realizar a pesquisa procuramos vivenciar atividades, como corda, palmas, roda, pique-pega e os jogos de campo, como a queimada e o pique bandeira, que teve, inclusive, grande aceitação pelas crianças nas aulas.

O projeto foi implementado no segundo trimestre letivo de 2014 (de 20 de maio a 04 de setembro) uma vez que culminaria com o período de realização da Copa do Mundo de Futebol em nosso país (de 13 de junho a 13 de julho de 2014). De acordo com as orientações da equipe pedagógica da unidade de ensino, apresentamos o caminho a ser percorrido e o que seria necessário para a sua implementação.

Portanto, realizamos o projeto em 28 aulas, sendo necessário nos orga-

17. Para a pesquisa dos jogos e brincadeiras do país, consultamos o site mapa do brincar que foi bastante útil para a elaboração das atividades. Disponível em: <<http://mapadobrinicar.folha.com.br/brincadeiras/regioes.shtml>> . Acessado em: 24 set. 2018.

18. Também estava sendo trabalhado o Projeto Regiões do Brasil (Centro-oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul) com as crianças. O objetivo era discutir os locais, as cidades e as regiões onde os estádios foram construídos para receberem as partidas de futebol da Copa do Mundo. Para viabilizar o projeto, cada ano, iria trabalhar uma ou duas regiões, isso, de acordo com o andamento da turma e do próprio regente. Exemplo: Os 1º anos ficaram com a Região Nordeste, os 2º anos ficaram com a Região Norte, os 3º anos com a Região Sudeste e assim por diante.

nizarmos para trabalhar os conteúdos nas duas aulas previstas na semana. Em uma aula era abordado o futebol e na outra abordamos os jogos e brincadeiras típicos das regiões em que cada turma estava estudando com a professora regente.

Para a elaboração das aulas, tomamos como orientação os três aspectos da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's (BRASIL, 1998) da área de EF, que representam pontos relevantes para desenvolvermos uma abordagem dos conteúdos com melhor qualidade. Nesse sentido, utilizamos como parâmetros as dimensões: Conceitual, Procedimental e Atitudinal.

Segundo Zabala (1998), para que se atinja os objetivos educacionais é necessário que os professores consigam trabalhar com alunos a dimensão conceitual que está relacionada ao “por que fazer?”; “o que se deve saber?”; “o que se deve saber fazer?”; e “como se deve ser?”. A dimensão está relacionada ao “saber fazer”, que é historicamente mais utilizada nas aulas de EF, visto que está ligada à prática. A dimensão atitudinal está relacionada ao “como se relacionar dentro desse fazer”, pois, a criança deve desenvolver a cooperação e a prática da cidadania, em que se socializa através de práticas corporais propostas e sugeridas tanto pelo professor, quanto pelos próprios alunos.

Gostaríamos de salientar que, ao tomarmos as dimensões do conteúdo como parâmetro, nos reportamos a Darido (2001) que afirma que na prática docente não dá para dividir de forma estanque os conteúdos na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal, embora, possamos dar maior ênfase em algumas dimensões.

Em nosso contexto, mesmo nos esforçando para trabalhar as três dimensões, a dimensão procedimental prevaleceu, visto que os alunos vivenciaram o futebol, os jogos e brincadeiras melhorando seu desempenho e desenvolvimento motor.

Com o intuito de facilitar esse processo, usamos as rodas de conversa para a introdução dos temas abordados, pois procuramos em todas as aulas detalhar as explicações do que seria desenvolvido no dia, sempre com o intuito de explorar ao máximo cada conteúdo trabalhado. Os materiais utilizados foram cones, cordas, bambolês, bolas diversas entre outros disponibilizados pela

própria escola. Além disso, utilizamos também materiais adaptados/alternativos como garrafas pet, bastões de madeira, dentre outros, por vezes criados pelos próprios alunos.

Assim, o intuito foi possibilitar aos alunos lidar com as diferenças e dificuldades, pois à medida que as crianças encamparam a proposta dos projetos, eles começaram a perceber que havia um movimento na escola, tanto nas aulas quanto nos murais. Isso foi possível porque a produção de desenhos, textos, dentre outros, era exposta e eles se identificavam, tornando o conteúdo dos projetos um grande potencial educacional.

Nossa intervenção teve como ancoragem os PCN's, principalmente no que trata sobre a EF, em que valoriza a participação dos alunos em jogos, lutas, danças, brincadeiras e esportes, dentro do contexto escolar. Para tanto, nosso desafio passa a ser promover, por meio das práticas corporais, a reflexão do indivíduo na sociedade sobre como estas constituem a sua identidade. Através dos conteúdos, o professor cria a possibilidade de que os alunos façam um elo entre o que aprenderam e o que eles vivem, por isso a importância de se trabalhar nas aulas as três dimensões, conceitual, procedimental e atitudinal (BRASIL, 1998).

Os jogos e brincadeiras como conteúdo nas aulas foi uma experiência riquíssima, pois nos possibilitou problematizar com os alunos o espaço de aula para a produção cultural a partir dos conteúdos vivenciados. Pudemos perceber que as crianças, ao participarem das aulas, não só praticavam os jogos de maneira refletida, mas, após conhecerem o jogo ou brincadeira em relação a sua origem, tinham a possibilidade também de reinventá-los.

O pique bandeira pode ser destacado como exemplo dessa materialização, pois os alunos vivenciaram a versão original e, em um segundo momento, os próprios alunos pensaram, individualmente, novas regras. A experiência gerou uma série de atividades construídas pelos alunos e possibilitou aproximar daquilo proposto por Freire (1996) quando este autor trata do respeito aos saberes dos educandos.

Conseguimos associar o conteúdo ministrado com as diferentes realidades vividas pelos estudantes, visto que na produção dos jogos, eles associavam

aquilo que lhes faziam sentido. Destacamos que os alunos pensavam nas aulas, inclusive, trazendo materiais como a bandeira, e também pensavam seus jogos usando os materiais da escola.

ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS

Diante dessa potencialidade, pensamos em como poderíamos avaliar o processo de ensino aprendizagem. O resultado final foi bastante interessante, uma vez que exploramos a criatividade dos alunos, pois, a partir do momento que os alunos entenderam a proposta do projeto, pedimos que cada um fizesse um desenho de uma ou mais atividades que haviam gostado. Assim, foram criados jogos e brincadeiras para que desenvolvêssemos nas aulas de EF. As ilustrações abaixo tratam da autoavaliação na qual os estudantes deveriam representar uma das atividades vivenciadas que mais se identificaram ao longo do trimestre por meio de texto e desenho.

Figura 1 – Autoavaliação: Brincadeira Pedra, papel e tesoura



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 2 – Autoavaliação: Brincadeira de pique alto com bastão, dedobol, pique bandeira com bastão, futequeimada e corda



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 3 – Autoavaliação: Brincadeira do Pique litro (variação do pique bandeira) e Futequeimada.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Além do desenho representativo, utilizamos como parâmetro a participação ativa (envolvimento) nas atividades e a identificação das atitudes diárias dos alunos durante as aulas. Para coletar essas informações, sempre que possível eram realizadas rodas de conversa para registrar as impressões dos estudantes. Vale salientar que o que foi utilizado para a avaliação não é o fato de o aluno ter conseguido ou não, obter sucesso nas atividades, mas sim, o esforço e envolvimento na tentativa de solução dos problemas e as suas tomadas de consciência.

EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL

Nessa seção, apresento como o projeto implementado em 2014 tem influenciado a minha prática, principalmente no quesito da avaliação. Ressalto porque me tocou, pois me fez dar sentido aquela experiência fruída. Corroboramos com Bondía (2002) quando o autor entende que as palavras determinam nosso pensamento, e são elas que dão sentido ao que somos e dão também subsídios para compreender o que nos acontece. E isto acontecer é o que nos levou a provocar experiências diversas nas aulas.

As figuras abaixo remetem aquilo que foi desenvolvido no ano de 2014 e como aquela experiência tem influenciado em minha prática docente ao longo desses anos. Ela se soma com a busca constante por capacitação de iniciativa própria e pelas trocas de experiências nas formações propostas pela Secretaria de Educação do município.

Figura 4– Autoavaliação: variação da queimada denominada de “Derruba cone”

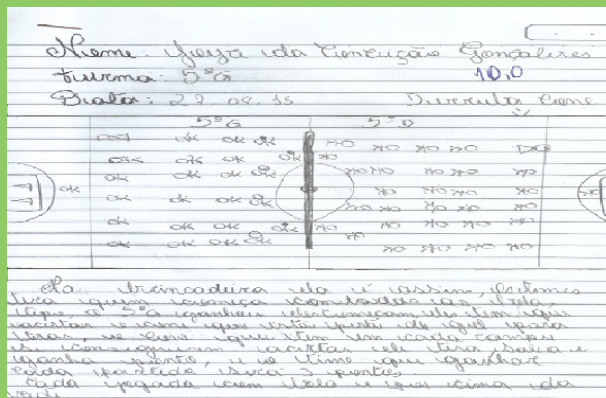


Figura 5– Autoavaliação de duas estudantes: Brincadeiras de pique alto, pique parede e um pique pega em que as meninas boiavam os meninos e vice-versa.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 6– Autoavaliação: brincadeira peixinho-tubarão



Fonte: Arquivo pessoal do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com os jogos e brincadeiras nas aulas de EF, possibilitou ao profissional fazer uma intervenção pedagógica lúdica, em que o saber do aluno é valorizado, dando condições ao indivíduo conhecer o próprio corpo, as suas limitações e possibilidades de superação. Para tanto, requer do profissional a disposição de participar da multiplicidade cultural do universo lúdico da criança.

Avalio como uma experiência ímpar, pois foi por meio dos projetos “Copa do mundo” e “Regiões do Brasil” que tive uma vivência importantíssima para minha prática profissional. Destaco a avaliação por meio do desenho, que me proporcionou conseguir, de alguma forma, avaliar o aprendizado das crianças de maneira lúdica, e ainda explorar sua criatividade na elaboração de novas atividades, dando sentido ao processo de ensino aprendizagem no espaço escolar.

A experiência vivida na EMEF, possibilitou refletir sobre minha prática, uma vez que poderíamos ter trabalhado ainda o resgate de brincadeiras populares realizadas pelos familiares dos alunos, discutir a diversidade cultural, compreender os conceitos das capacidades físicas nas brincadeiras realizadas, desenvolver atividades com enfoque na leitura e na escrita relacionadas com o conteúdo proposto e debater a importância de se movimentar para a saúde, dentre outros.

Assim, compreendemos que tanto nós professores, quanto os alunos, nos encontramos em um constante processo de aprendizagem, pois, o conhecimento é dinâmico e a cada dia tem exigido mais dos trabalhadores da educação. Portanto, para se pensar em uma intervenção pedagógica qualitativa, é necessário além de um movimento individual de pesquisa, também formação entre os pares. No que se refere à formação continuada oferecida pela SEDU/Serra, este espaço surge como um fórum potente que possibilita a troca de experiências dos professores, com vistas a uma melhor intervenção pedagógica.

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**, 3º e 4º ciclos, v. 7, Brasília: MEC, 1998.
- DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói, v. 2, n. 1, p. 5-25, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Capítulo XI- Jogos e Brincadeiras na Educação Física: Uma releitura de Ivan Cruz nas aulas de Educação Física e Arte

Renata Bernardo Narcizo, Renata de Souza Santos

Nossa sociedade está cada vez mais ligada ao mundo tecnológico. Como consequência disso, as crianças por sua vez, aderem muito mais à tecnologia no seu dia a dia do que às brincadeiras, mais comuns à infância.

No início do ano letivo de 2019, logo no primeiro encontro de professores, identificamos a necessidade desse projeto, visto que os relatos dos demais docentes da escola traziam uma carência de atividades correlacionadas que colaborassem com o processo de ensino-aprendizagem de forma lúdica e dinâmica.

Dispor de uma cultura lúdica é dispor de um número de referências que permitem interpretar como jogo atividades que poderiam não ser vistas como tal para outras pessoas. O desenvolvimento da criança determina as experiências possíveis, mas não produz por si só a cultura lúdica. Esta se origina das interações sociais (KISHIMOTO, 2008, p. 24-27).

Considerando que a infância de nossas crianças precisa ser respeitada e preservada, torna-se relevante a utilização destas brincadeiras no ensino das disciplinas de Arte e Educação Física (EF), pois, favorece consideravelmente o processo de produção e criação das crianças, bem como as expressões corporais, a orientação espacial, dentre tantos outros aspectos pertinentes a estas duas áreas correlatas ao projeto.

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Vantuil Raimundo Bessa” fica localizado no bairro Lagoa de Jacaraípe, no município de Serra/ES. Fundado em 02/03/2016 atende na Educação Infantil 326 (trezentos e vinte e seis) crianças nas faixas etárias de 03 a 05 anos, distribuídas em 08 (oito) turmas no matutino, totalizando 163 (cento e sessenta e três) crianças e 08 (oito) turmas, no vespertino, totalizando 163 (cento e sessenta e

três) crianças, sendo esse último o turno no qual realizamos o projeto.

Sob a direção da professora Milene Saraiva Prudêncio do Nascimento, que prontamente apoiou e incentivou a realização desse projeto, juntamente com a pedagoga Joclaudia de Oliveira Wandekoken, responsável em acompanhar e avaliar o desenvolvimento do projeto. Houve a participação dos professores, principalmente, em reforçar a temática do projeto através da aplicação de outras atividades relacionadas.

Para tanto, este projeto tem por referência didática o artista plástico Ivan Cruz, o qual, nos anos 90, preparando-se para uma exposição em Portugal, pintou seus primeiros quadros com a temática da infância. A partir destas pinturas surgiu a série das “Brincadeiras de Criança”, que reúne diversas brincadeiras, de modo que algumas delas foram utilizadas neste projeto.

A escolha do artista partiu da análise de seu trabalho, que apresenta brincadeiras populares através de imagens de cores fortes, variadas e de fácil leitura para as crianças; e primordialmente por ser um artista brasileiro, com o intuito de que as crianças pudessem conhecer e valorizar a arte nacional. Aidar (2019, p. 1) afirma que:

As pinturas de Ivan Cruz, normalmente em grandes proporções e formato quadrado, exibem corpos infantis em movimento. Para o artista, o movimento é essencial para dar vida ao trabalho, sendo mais importante do que a forma. São utilizadas cores intensas, muitas vezes puras, o que aproxima ainda mais as crianças das imagens produzidas.

Ferreira (2001) afirma que as artes são produções culturais que devem ser conhecidas pelos alunos, pois é na cultura que nos constituímos como sujeitos humanos. Partindo desse princípio, as crianças tiveram acesso a algumas brincadeiras propostas nas obras de Ivan Cruz, nas aulas de EF e nas aulas de Arte, sendo trabalhadas a contextualização destas brincadeiras, dentro da linguagem visual, através da releitura dessas obras. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI (BRASIL, 1998, p. 22), o brincar é:

[...] uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Acreditamos que esse projeto contribuirá para o aprendizado e formação humana importantes na Educação Infantil tais como: liberdade de expressão, autonomia, confiança, sustentabilidade, respeito, cooperação, respeito às regras, aceitação às diferenças e convivência com o outro. No documento, “Brinquedos e Brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica” (BRASIL, 2012, p. 49), encontramos a afirmação de que:

As manifestações artísticas criam sempre oportunidades para inúmeras brincadeiras. A diversidade de experiências culturais favorece brincadeiras coletivas e dão oportunidade para as crianças se relacionarem. Tais experiências no campo das artes devem fazer parte da vida diária das crianças na programação curricular.

Durante a elaboração do projeto, as orientações do Projeto Político Pedagógico (PPP) do CMEI foram consideradas. Dentre elas encontram-se a utilização de brincadeiras que trabalham o equilíbrio entre os movimentos espontâneos e controlados para que as crianças avancem no desenvolvimento de sua motricidade global e se desloquem no espaço, aumentando a confiança em suas capacidades.

De acordo com o PPP do CMEI (SARAIVA, 2018-2019), o corpo e o movimento devem ser pensados como dimensão do ser humano que dão o próprio sentido de existência humana ao sujeito. Portanto, são dimensões a serem consideradas não apenas pela área da EF. Nesse documento

também há instruções para a prática de atividades que prestigiam as habilidades motoras em movimentos de: pular, saltar, subir, descer, escorregar, correr e rodar, e em brincadeiras de: piques, amarelinhas e jogos com bola e jogos com regras. Dessa maneira, as atividades propostas no projeto foram pensadas de modo a garantir que tais orientações fossem abrangidas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recomenda seis direitos de aprendizagem que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Tais direitos foram observados e inseridos no projeto de modo a respeitá-los. Em tal documento percebemos a preocupação com a garantia da aprendizagem dos estudantes.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendem em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convida a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p.37).

O projeto foi incluído nos planos de aula e aplicado sob supervisão pedagógica até sua completa conclusão. Quando necessário, foram feitas alterações durante o percurso de execução. Por ser uma atividade interdisciplinar fizemos reuniões e debates com todos os profissionais envolvidos.

PLANEJAMENTOS DAS AULAS DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O objetivo da disciplina de Educação Física foi inserir atividades físicas no ambiente escolar aprimorando o sentimento de valorização e prática das brincadeiras e jogos tradicionais, que fazem parte da cultura brasileira, evidenciados nas telas do artista Ivan Cruz. Resgatando vínculos através do brincar em família, onde a criança pode compartilhar suas novas descobertas no brincar e se apropriar do conhecimento prévio de seus familiares sobre as diversas brincadeiras que conheceram em sua infância.

Dentre os objetivos específicos, buscamos desenvolver nas crianças as seguintes aprendizagens:

- Expressões corporais;
- Habilidades;
- Coordenação motora;
- Cooperação;
- Orientação espacial;
- Interação sociocultural;
- Oportunizar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se conforme recomendação da BNCC;
- Alcançar os oito campos do conhecimento que também fazem parte das orientações da BNCC: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

As crianças participaram de oficinas para confeccionar os brinquedos como: pipas, petecas, vai-e-vem, passa bolinha, barquinho de papel entre outros, além de atividades recreativas como: pula corda, cabo de guerra, pula elástico, amarelinha e bambolês. Sempre acompanhando a mesma atividade desenvolvida nas aulas de artes que ocorriam concomitantemente. Todos os brinquedos foram confeccionados com a participação ativa das crianças que, em seguida, os utilizaram nas brincadeiras.

A origem de cada brinquedo e brincadeira foi apresentada para as crianças, bem como o contexto histórico do período em que surgiram, para facilitar o entendimento da forma como esses brinquedos e brincadeiras eram praticados, dos tipos de materiais utilizados e quem poderia usufruir dessa prática no período. Nesse sentido Kishimoto (2008, p. 68) afirma que “O brinquedo aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcan-

ce da criança. É seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e a representação, o agir e o imaginar”.

Durante as aulas foi realizada uma análise comparativa dos períodos históricos da criação dos brinquedos, com os dias de hoje, através de rodas de conversa e contação de história, onde as crianças se apropriaram dos conhecimentos e levaram para casa possíveis questionamentos que surgiram durante essas atividades, para dialogarem com suas famílias.

PLANEJAMENTOS DAS AULAS DA DISCIPLINA DE ARTE

A disciplina de Arte elegeu como objetivo geral a ampliação do repertório visual das crianças, através da apreciação de diferentes obras de arte, bem como despertar a atração e gosto pela arte, tendo como foco as obras do artista Ivan Cruz. Dentre os objetivos específicos temos:

- Apreciar e conhecer as obras de arte de Ivan Cruz;
- Compreender o contexto em que está situada uma obra de arte;
- Desenvolver o processo criativo da criança;
- Possibilitar as expressões e opiniões dos estudantes;
- Explorar movimentos, texturas e cores;
- Ampliar seus saberes sobre cultura;
- Criar suas próprias produções artísticas, exercitando a autoria coletiva;
- Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais;
- Alcançar as seis dimensões do conhecimento conforme orientações da BNCC: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Tais objetivos foram pensados considerando o desenvolvimento integral da criança, que passará por um processo de trocas de experiências sociais na Educação Infantil e que resultará na formação de sua identidade.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Apresentadas as obras a serem trabalhadas, as crianças interagiram, perceberam as diferenças e as semelhanças, as cores, e as figuras geométricas presentes em cada uma das obras trabalhadas.

Essa leitura das obras, em um primeiro momento, não foi feita de uma forma minuciosa, por serem muitas em uma mesma aula. Após as crianças terem tido acesso às obras, surgiram alguns questionamentos, sobre como eles imaginavam que seria o artista que desenhou e pintou cada obra apresentada. Em seguida foi apresentada a foto do artista, biografia e trabalho.

Outros questionamentos induzidos pela professora e que surgiram foram: Do que se trata a imagem? Ela tem relação com o brinquedo apresentado na aula de EF? Quem são as pessoas que estão presentes nela? O que elas estão fazendo? Há algum detalhe faltando nas crianças? Quais são? Por que será que as duas crianças não têm olhos nem boca? Quais as cores presentes na imagem?

Um dos objetivos foi fazer com que as crianças reconhecessem as brincadeiras trabalhadas de forma interdisciplinar entre as aulas de Arte e de EF. E em alguns momentos as atividades foram realizadas em parceria na mesma aula ou até mesmo em conjunto com os professores regentes, motivando a participação coletiva de todos os profissionais no CMEI.

Quadro 1 -Cronograma de Execução das Atividades do Projeto

MÊS/2019	AULAS DO PROJETO							
	ARTE X EDUCAÇÃO FÍSICA							
	IIIC	IIID	IV D	IV E	IV F	V D	V E	V F
Março	04	04	04	04	04	04	04	04
Abril	04	04	04	04	04	04	04	04
Maiο	04	04	04	04	04	04	04	04
Junho	04	04	04	04	04	04	04	04
Julho	X	X	X	X	X	X	X	X
Agosto	04	04	04	04	04	04	04	04
Setembro	04	04	04	04	04	04	04	04
Outubro	04	04	04	04	04	04	04	04
Total de aulas	28	28	28	28	28	28	28	28

Fonte: Construído pelas autoras

Observações:

-As aulas têm duração de 50 (cinquenta minutos) cada.

-Faixa etária das crianças:

Grupos III-crianças com faixa etária de 03 anos

Grupo IV-crianças com faixa etária de 04 anos

Grupo V-crianças com faixa etária de 05 anos

ESTRATÉGIAS AVALIATIVAS

A avaliação foi processual e contínua, ao longo das aulas os alunos foram avaliados em seu processo criativo. Considerando os três eixos de aprendizagem: a produção, a apreciação e a contextualização.

Conforme a BNCC (BRASIL, 2017) aponta, a avaliação deve ser um instrumento de reflexão sobre as práticas pedagógicas e o educador deve refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações. Sendo assim consideramos os avanços e os aprendizados da criança individualmente e em grupo.

As avaliações relativas ao projeto estão inseridas no relatório de acompanhamento de turma que é feito semestralmente pelos professores de Arte e EF do CMEI.

Ao término do período pré-estabelecido para efetivação do projeto foi realizada a sistematização dos resultados dos trabalhos no evento escolar “Mostra Cultural”. Nesse dia foi possível apresentar para as famílias e demais membros da comunidade escolar as obras e brinquedos produzidos pelas crianças ao longo das aulas de Arte e EF, bem como fotos das práticas advindas dessas produções.

A comunidade escolar pôde avaliar se os objetivos do projeto foram alcançados de modo a contribuir com sugestões, críticas ou elogios para o próximo ano. Também foram distribuídos folders com um breve resumo do projeto, as obras trabalhadas e a história de cada brinquedo.

Foto 1 – Amarelinha



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 2 - Pula-elástico



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Imagem 1 - Crianças do Grupo IVD utilizando a técnica de pontilhismo para recriar as telas de “Ivan Cruz”



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Imagem 2 - Brincadeiras representadas nas obras de Ivan Cruz



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Imagem 3 - Pintura com tinta guache, Textura com algodão e Construção de Mosaico



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Foto 3 - Releitura da Obra de Ivan Cruz Foto 4 - Material produzido para Mostra Cultural



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alcançamos uma experiência enriquecedora durante todo processo de produção e realização efetiva desse projeto, visto que a satisfação das crianças em produzir, imaginar, desenvolver e brincar estava notória no brilho do olhar de cada uma delas, bem como o feedback de troca de saberes entre professor e aluno ocorreu de forma agradável e positiva.

Acreditamos ser relevante compartilhar que algumas situações adversas como dias chuvosos, material escolhido errado, indisposição da turma ou até mesmo dos professores, entre outros problemas, podem ocorrer, mas não devem

ser suficientes para prejudicar os objetivos. Os professores devem pensar no planejamento flexível para resolver tais situações.

A parceria realizada entre as disciplinas de Arte e EF foi fundamental para a conclusão dos trabalhos. Tivemos momentos com aulas coletivas agrupando as turmas para realização das atividades. A proposta inicial do projeto foi alcançada, sendo desse modo, o resultado satisfatório. “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração” (CRUZ, 2019, p.1).

REFERÊNCIAS

AIDAR, L. **Ivan Cruz e suas Obras retratando a infância**. Disponível em: < <https://www.culturagenial.com/ivan-cruz-obras-sobre-a-infancia>>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em 19 de fev. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de creche**: Manual de orientação pedagógica. Brasília. MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI)**. Volume 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRUZ, I. **Ivan Cruz**. Disponível em: < <https://www.ivancruz.com.br>>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

FERREIRA, S. **O ensino das artes**: construindo caminhos. 3a edição, Campinas: Papyrus, 2001.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, Brinquedos, Brincadeiras e a Educação**. 11ª edição. São Paulo. Cortez, 2008.

SARAIVA, M. P. N. **Projeto Político Pedagógico**. CMEI “Vantuil Raimundo Bessa”-Serra, Espírito Santo, 2018/2019.

Capítulo XII- Copa do Mundo: O futebol da nossa escola

Fernanda Silva dos Santos

Atuo como professora de Educação Física Escolar (EFE) há onze anos e sempre busquei contemplar, em minhas aulas, atividades diversas que pudessem ampliar o campo de conhecimento dos alunos. Tomo como base conceitual a Educação Física (EF) como Cultura Corporal de Movimento. Por meio dessa perspectiva conceitual-metodológica, a EF é, segundo Soares et al. (1992, p. 50), “[...] uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança e ginástica”. Além disso, desenvolve uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representações do mundo, exteriorizadas pela expressão corporal.

Independente do conteúdo a ser trabalhado, procuro fazer com que meus alunos reflitam sobre sua prática e atribuam um sentido próprio às atividades desenvolvidas. Isso também se aplica quando utilizo o esporte como conteúdo. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular –BNCC (BRASIL, 2017), ao conhecer, vivenciar e problematizar as práticas corporais, o estudante pode construir conhecimento de forma significativa, compreendendo a diversidade cultural e os múltiplos sentidos atribuídos socialmente às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, buscando elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas na aquisição de novos conhecimentos ligados às manifestações da cultura corporal de movimento.

Segundo Rocha (2005), o futebol é o esporte mais influente do mundo, tendo praticantes em todos os continentes. Isso ocorre devido ao fato de o futebol ser um esporte democrático, imprevisível e fácil de ser praticado em qualquer local. Em 2018, tivemos a realização da Copa do Mundo, o maior evento esportivo relacionado ao futebol, que reúne desde a fase de classificação, cerca de 130 países, milhões de espectadores e movimenta a economia mundial, principalmente, no país sede e nos países participantes (ROCHA, 2005).

No Brasil, podemos perceber isso de perto, já que somos o país com maior número de títulos conquistados, o único a participar de todas as edições, e ser conhecido como o “País do futebol”. Culturalmente e tradicionalmente é o esporte mais praticado no país por crianças e adultos, chegando, muitas vezes, a ser chamado de “febre nacional”. Desde muito cedo as crianças começam a praticar o esporte apenas por diversão, depois torna-se a área de interesse de muitos adolescentes e jovens que sonham em se tornar jogadores profissionais com uma carreira de sucesso.

Abordar a Copa do Mundo de Futebol na Escola implica em não reduzir este evento a uma ação esportiva, mas em considerá-lo como fenômeno complexo que passa pela mediação pedagógica na área, social, intelectual, política e cultural visando o enriquecimento de nossas aulas através da história do futebol no mundo. Desta forma, tematizar esta forma da cultura (corporal) implica em propiciar um esclarecimento crítico a seu respeito, desvelando suas vinculações com elementos da ordem vigente e potencializando os sujeitos a interferirem nesse universo cultural.

A partir desta reflexão foi proposto um projeto interdisciplinar na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Jonas Farias”, localizada no bairro Nova Carapina, no Município de Serra/ES, com os alunos de 5º ao 9º anos do turno vespertino, no ano letivo de 2018, onde cada componente curricular trabalharia uma temática relacionada à origem do futebol, a Copa do Mundo, os países envolvidos, culturas diversificadas, país sede, entre outros, visando ampliar o campo de trabalho sobre essa temática, não limitando tal evento apenas a um torneio de futebol.

O objetivo do projeto foi promover uma educação para a cidadania, proporcionando uma convivência com a cultura do outro. Desta forma, damos um passo importante em prol de uma proposta educacional e curricular multiculturalista, na medida em que levamos a comunidade escolar a reconhecer o valor da pluralidade e da diversidade cultural, bem como a necessidade de formar para a cidadania com base no respeito às diferenças, como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) quando trata do tema Transversal “Pluralidade Cultural” (BRASIL, 1998b).

A tematização da cultura esportiva no espaço institucional pode significar uma ampliação do repertório imaginativo, assim como uma resistência concreta à perversa difusão da cultura, também esportiva, nos esquemas da indústria cultural. Segundo Malina et al. (2017, p. 55),

O esporte não é uma questão isolada, está inter-relacionado à totalidade social. Isto é, o esporte está interligado às questões políticas, econômicas, sociais, e, portanto, está unido à educação, trabalho e moradia e, visto nessa perspectiva, o esporte é fruto de uma construção social.

Trabalhar sobre a Copa do Mundo no ambiente escolar implica propiciar um esclarecimento crítico a seu respeito, desvelando suas vinculações com elementos da ordem vigente e potencializando os sujeitos a interferirem nesse universo cultural. O futebol possui um aspecto democratizante quando possibilita mobilização social e proporciona relações amplas, reunindo pessoas de origens diversas em torno de um assunto sobre o qual todos opinam.

De acordo com Kunz (2001), o esporte analisado sob a perspectiva pedagógica deve fornecer uma compreensão mais ampla, enquanto fenômeno sociocultural e histórico, que reflita sobre todas as manifestações que deram origem a muitas modalidades esportivas e continuam a influenciar estilos e formas de atuar no esporte de acordo com a característica cultural que o movimento humano assume em determinados contextos.

O futebol une pessoas, aproxima nações e desperta paixões extremas, atrai multidões aos estádios, movimenta milhões em dinheiro, muda a rotina de todo um país durante a Copa do Mundo. Isso faz com que nós, enquanto educadores, possamos levar o educando a conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura de diferentes países do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais, como recomenda os PCN's para a EF (BRASIL, 1998a).

O campo pedagógico do esporte é amplo para a exploração de novos sentidos e significados e permite a busca por ações pelos educandos envolvidos nas diferentes situações cotidianas. Trata-se de uma prática que exige a união de outros alunos em busca da vitória, orientando para uma melhor convivência com as demais pessoas, dentro e fora do esporte, conscientizando sobre a importância do trabalho grupal e do respeito pelo outro. Com isso pode possibilitar o aumento do ciclo de amizade e de vínculos sociais.

Segundo Rocha (2005), o futebol atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e à rivalidade entre as pessoas. Ele ainda reflete a mentalidade nacional e aspectos da cultura de cada país, o que nos possibilita desenvolver abordagens diversas no âmbito escolar.

Neste contexto, a EF possui um significado muito mais amplo do que a simples atividade corporal, visto que a intervenção pedagógica sobre o esporte atua em várias frentes, como comunicação, expressão e emoção, além de poder explorar outras áreas de conhecimento como história, geografia, matemática, artes, português, entre outras que possibilitam um diálogo multidisciplinar entre os componentes curriculares, fazendo com que os alunos possam perceber como o futebol e outros conteúdos podem permear em vários campos de atuação.

Ao pensar a educação e em especial a EF, é necessário levar em consideração os aspectos que geram reflexões coletivas a respeito dos conteúdos abordados, problematizando as questões que os abordam. Malina et al. (2017) aponta que na EF o movimento de exteriorização de uma concepção de mundo e de uma visualização da própria sociedade, revelam o que foi acumulado coletivamente através do processo histórico e cultural.

Corroborando com esta afirmação é necessário quebrar com o processo de esportivização maciça que ocorre em muitos ambientes escolares, buscando despertar nos estudantes uma reflexão sobre as questões coletivas presentes nos esportes coletivos, como no caso do futebol.

VIVENCIANDO O “MUNDO DO FUTEBOL”

Integrar os alunos no processo de construção e desenvolvimento do projeto, é uma das possibilidades para se problematizar os saberes a serem aprendidos durante o processo de ensino-aprendizagem. É fundamental que a escola, em sua trajetória educativa, desenvolva nos estudantes hábitos participativos por meio de um exercício constante e reflexivo da sua participação.

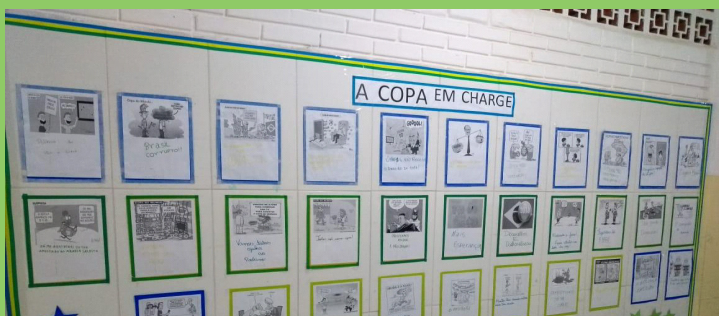
Segundo Vasconcellos (2000), quando o estudante se envolve de fato em um projeto e se vê diante de um problema ou questão colocada pelo professor, ele acaba se interessando mais e buscando informações muito além do que aquilo que o professor expôs em sala de aula ou foi exigido dele como estudo. Desta forma, o projeto foi elaborado tendo como base a integração e participação efetiva dos estudantes em todas as atividades desenvolvidas.

O desenvolvimento desta proposta ocorreu durante o segundo trimestre letivo do ano de 2018, de forma transversal e interdisciplinar; transversal porque incluiu temas relevantes para estudo e pesquisa; e interdisciplinar porque expôs as inter-relações entre os temas estudados e as disciplinas curriculares, desta forma o trabalho não teve uma perspectiva disciplinar rígida.

O projeto foi desenvolvido com uma proposta institucional, ou seja, desenvolvido por toda a escola, mas não de forma obrigatória, contudo todas as disciplinas integraram o projeto. Inicialmente foram sugeridas algumas atividades a serem desenvolvidas por disciplinas, porém, cada professor teve liberdade para desenvolver a temática do projeto de forma autônoma.

Foram realizadas pesquisas e estudos sobre: o futebol, a Copa do Mundo, os países participantes, sua história, geografia, política, economia e cultura. Foram confeccionados murais com charges, desenhos em tangram, informações sobre a história do futebol (e copa) e tabela interativa.

Foto 1 – Mural das charges confeccionadas pelos alunos dos 7º, 8º e 9º anos



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foto 2– Charges confeccionadas pelos alunos dos 7º, 8º e 9º anos



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foto 3– Tangran realizado pelos alunos de 7º e 9º anos



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Especificamente nas aulas de EF, trabalhou-se o surgimento do futebol e sua evolução ao longo dos anos; como surgiu a Copa do Mundo, suas curiosidades, o país sede deste ano, música tema, estádios, e os países envolvidos; as regras do futebol, fundamentos e iniciação esportiva. Tal proposta corrobora com a proposta de Malina et al. (2017), que aponta ser necessário que os estudantes se apropriem não só da técnica dos esportes, mas, da história e das relações sociais que estão presentes nas manifestações da cultura corporal, implicando em discussões e reflexões sobre o esporte abordado.

Iniciamos o trabalho com a exibição de filmes¹⁹ sobre o histórico do futebol, da copa do mundo e da Rússia (país sede), fazendo com que os alunos contextualizassem tal temática. Logo após, começamos a estudar os fundamentos do futebol, regras, e atividades práticas de iniciação ao esporte.

Foto 4 – Vídeos sobre a história do futebol e Copa do Mundo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

19. Foram exibidos os filmes “A origem do futebol”, “A Copa do Mundo-Enraizando#1”, “A evolução das bolas de futebol”, “Mascotes das Copas do Mundo”, “Official FIFA World Cup Russia 2018 (Official Video)”, e “A Russia e a Copa do Mundo”, todos integrantes do canal youtube.

No início do projeto, tivemos um pouco de resistência por parte das meninas, no entanto, com o desenvolvimento das atividades em toda a escola, houve um aumento no interesse e dedicação nas aulas práticas. A realização da “Copa Jonas Farias” também foi outro fator que auxiliou na ampliação da participação das meninas na prática do futebol.

Em uma roda de conversa sobre o país sede da Copa do Mundo e seus estádios, percebi que muitos alunos nunca tinham ido a um estádio de futebol. Tal fato me chamou atenção, uma vez que em nosso município e em municípios vizinhos existem alguns campos e estádios, que recebem clubes de futebol nacionais para períodos de preparação física no início do ano e inclusive recebem jogos de campeonatos nacionais, como o Campeonato Brasileiro.

A partir dessa constatação, consegui agendar uma aula de campo no Estádio do Kleber Andrade, localizado no município de Cariacica/ES, que é o maior de nosso Estado, com capacidade para receber 21 mil pessoas, e que tem recebido jogos a nível nacional. Contudo, devido a logística e orçamento escolar, só conseguimos levar seis turmas das doze envolvidas no projeto. A escolha das turmas foi feita através de sorteio.

A visita ao Estádio Kleber Andrade foi enriquecedora e grandiosa para os alunos que visitaram todos os espaços, como vestiários, sala de imprensa, campo e arquibancadas. A emoção estampada em seus rostos foi gratificante e tal experiência nos levou a pensar como seria importante e enriquecedor para os estudantes se eles tivessem contato com alguns jogadores de futebol profissional.

Foto 5 – Visita ao Estádio Kleber Andrade



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em nosso município possuímos um time de futebol que participa da série C do Campeonato Brasileiro, o Serra Futebol Clube, e através da professora de geografia de nossa escola, conseguimos agendar uma visita ao campo do clube em um dia de treino dos jogadores, para que eles pudessem conversar com nossos alunos. Novamente, não conseguimos levar todas as turmas envolvidas, sendo assim contempladas apenas as seis turmas que tinham ido ao Estádio Kleber Andrade para que pudessem fazer uma comparação com a experiência vivida anteriormente.

Foto 6 – Conversa com os jogadores do Serra Futebol Clube



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A possibilidade de assistir a um treino tático e a conversa dos alunos com os jogadores do time do Serra Futebol Clube, foi outro momento marcante de nosso projeto, os alunos puderam tirar dúvidas e perguntar sobre curiosidades do “mundo” do futebol, como formas de ingressar em times, salários, treinamentos específicos, entre outros. Os jogadores do Serra responderam prontamente a todas as perguntas e enfatizaram a importância dos estudos, pois, a carreira esportiva é cheia de altos e baixos e nem sempre consegue-se sobreviver exclusivamente do futebol, como alguns jogadores que tinham outras profissões além da esportiva.

Nas aulas posteriores às visitas ao Estádio Kleber Andrade e ao campo do Serra Futebol Clube realizamos uma roda de conversa com os

alunos para termos uma visão geral das impressões que os alunos tiveram dessas experiências. As diferenças das estruturas físicas dos campos, os tipos de treinamentos e as dificuldades nas carreiras foram os principais pontos observados pelos alunos.

Tal projeto teve como culminância a “Copa Jonas Farias”, onde apresentações culturais e um torneio de futebol masculino e feminino foram realizados, simulando a abertura e jogos da Copa do Mundo. O evento durou três dias, com a participação de toda a escola. Devido a diferença de faixa etária dos alunos, dividimos o torneio em dois: um com os alunos de 5º e 6º anos, e outro com os alunos do 7º ao 9º anos.

Foto 7 – Apresentação de dança na Abertura da Copa Jonas Farias (2018)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foto 8 – Copa Jonas Farias 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Foi priorizado o trabalho coletivo, em grandes ou pequenos grupos. Pois, segundo Vygotsky (1987), todas as funções do desenvolvimento do indivíduo aparecem duas vezes: primeiro no nível social e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológico) e, posteriormente, no interior do sujeito (intrapsicológico). Isto significa que o trabalho em grupo oportuniza maiores condições de aprendizagem.

PROCESSO AVALIATIVO

A avaliação ocorreu de forma processual e dinâmica buscando subsidiar a tomada de decisão para melhorar a qualidade da aprendizagem do educando, através de atividades orais e escritas. O papel da avaliação foi o de “diagnosticar, tendo em vista encontrar soluções mais adequadas e mais satisfatórias para os impasses e dificuldades” (LUCKESI, 2005, p. 33).

Valorizou-se a interação do aluno com o objeto de conhecimento, pois, segundo a perspectiva construtivista de Piaget (1973) o conhecimento acontece pela ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento, ou seja, o conhecimento se constrói na interação sujeito-meio e sujeito-objeto.

A participação, dedicação, entrosamento, engajamento, trabalho em equipe de toda comunidade escolar foi intenso. O projeto tomou uma proporção muito além do esperado, a visita dos alunos ao Estádio do Kleber Andrade e ao campo do Serra Futebol Clube foi sensacional e inesperado. A emoção e alegria de cada aluno com as conquistas e aprendizados durante o desenvolvimento do projeto foi contagiante e gratificante.

Cada professor avaliou os alunos de forma diferenciada levando em consideração o processo de desenvolvimento do projeto. Foram utilizados como instrumentos de avaliação as charges desenvolvidas, relatos de vivências, participação prática nas atividades esportivas, elaboração e apresentação de danças coreográficas, prova escrita, confecção de tangram, pesquisas extraclasse, entre outros instrumentos. Houve uma roda

20. De acordo com Rocha (2005), tal competitividade está relacionada a paixão que o sujeito sente por este esporte. Assim, o apaixonado pelo futebol não age de forma racional, a razão não existe, o outro lado não existe. Quem não pensa como ele passa a ser seu “inimigo”.

de conversa com os alunos para que eles pudessem relatar um pouco do que aprenderam e vivenciaram. Todas as atividades do projeto foram registradas através de fotografias e filmagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Futebol é um esporte extremamente competitivo²⁰, seja nos gramados ou fora dele. No âmbito escolar não é diferente, a competição acontece diariamente seja entre turmas diferentes ou colegas de classe, o que torna o ambiente propício a debates em classe, a fim de transformar o que seria simples discussão em algo que venha somar nas experiências diárias na vida de cada indivíduo em diversos aspectos, e esse objetivo foi alcançado através da abordagem transversal e interdisciplinar adotada neste projeto.

Desta forma, os conteúdos a serem abordados durante nossas aulas devem contribuir para a formação do sujeito, instigando os alunos a um processo de reflexão e compreensão dos aspectos abordados nas temáticas propostas. Nesse sentido, a aula numa proposta crítico-superadora deve aproximar o aluno do processo de percepção dos objetos da EF em sua totalidade, uma vez que lhe permite articular uma ação com o pensamento e sua problematização.

A temática “Copa do Mundo” nos possibilitou discutir temas ligados ao próprio esporte e ao torneio, como a diferença entre o futebol masculino e o feminino, os desafios para que um jovem se torne jogador profissional, os aspectos econômicos, políticos e sociais da Copa do Mundo, além de fazer com que os alunos percebessem que tal evento não se resume a um simples “jogar bola”. Alguns alunos que não tinham conhecimento e também não compreendiam o porquê da realização desse evento, passaram não só a entender, como também a criticar certas posturas e condutas.

Tal proposta foi uma ótima ferramenta de interesse comum, promovendo o conhecimento sobre a cultura dos países e seus idiomas, com o

incentivo a atividades esportivas e o conhecimento sobre o esporte, contribuindo para a ampliação do acervo de conhecimento dos alunos em diversos níveis de aprendizagem. Além de ter sido um meio de promover a interação entre os alunos e a equipe escolar.

Independentemente dos resultados da “Copa Jonas Farias”, ao final desse projeto ganhamos todos nós da comunidade escolar. Cada qual contribuiu da sua forma e participou dando o melhor de si. O aumento do interesse das meninas sobre o futebol foi nítido e gratificante, contribuindo para um maior diálogo sobre o preconceito a respeito das mulheres no futebol. O conhecimento adquirido e apreendido não foi apenas dos alunos, mas também de nós docentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, Vol. 10, 1998b.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MALINA, A. et al. **Matriz metodológica crítica para o ensino do esporte**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2017.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973.

ROCHA, M.N. **Futebol: paixão e guerra**. Vitória: Flor&Cultura, 2005.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico** Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia). VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Capítulo XIII- RUGBY: Uma abordagem didática “da” escola

Pedro Assunção Peito Macedo, Ubirajara de Oliveira, Fernanda Silva dos Santos

Minha trajetória²¹ como professor de Educação Física (EF) se deu através da minha curta experiência como jogador de futsal, em minha adolescência. Essa vivência esportiva me inspirou a continuar nesta área, porém, de forma diferente. Sabia que para continuar fazendo o que mais amava era necessário me aprimorar e estudar, então iniciei meu curso de graduação em EF com o objetivo de me tornar um treinador de futebol e assim realizar o meu sonho.

Os caminhos profissionais foram se desenhando na minha caminhada acadêmica de forma um pouco diferente do que eu esperava. Assim, passei pelo mundo das academias de ginástica, projetos sociais e alguns trabalhos esporádicos no meio do futebol. Mas foi o ambiente escolar que me proporcionou fazer trabalhos interessantes no aspecto da EF.

Minha primeira experiência como professor da Educação Básica ocorreu no município de Vila Velha, no estado do Espírito Santo (ES), onde trabalhei em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Essa vivência inicial me possibilitou o trabalho com o público infantil, me proporcionando um conhecimento relevante para a minha trajetória profissional.

Após essa primeira experiência, senti a necessidade de retomar meus estudos, e fiz uma Pós-Graduação em Educação Física Escolar pela CESAP no ano de 2016, e em 2019, fui aprovado no processo seletivo de Designação Temporária (DT) do município de Serra (ES), para atuar como professor nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Como assumi minhas funções docentes no mês de junho desse ano, peguei o planejamento pedagógico no meio do caminho e tive que “trocar o pneu com o carro andando”. Isso foi um complicador no

21. Essa experiência pedagógica foi desenvolvida pelo professor Pedro Assunção Peito Macedo nas escolas onde trabalhava, sob a orientação dos Professores Ubirajara de Oliveira e Fernanda Silva dos Santos. Portanto, embora o texto seja assinado por três autores, será escrito na primeira pessoa do singular.

processo de ensino, pois tive que buscar entender o que havia sido ensinado, para poder dar prosseguimento às aulas, sem repetição das atividades.

As escolas onde trabalhei eram inseridas em comunidades carentes, porém, com uma estrutura física que me permitia explorar atividades que abordassem tanto vivências motoras, quanto esportes tradicionais e não muito conhecidos. A partir desse diagnóstico inicial, e após conhecer as turmas do Ensino Fundamental I, comecei a trabalhar com aulas voltadas para as questões das capacidades coordenativas.

Segundo Greco e Silva (2013), as capacidades coordenativas são a base para o aprendizado das habilidades e das técnicas específicas dos esportes. Para a melhora da coordenação e aquisição de habilidades motoras, é importante que o técnico ou professor desenvolva primeiro as capacidades coordenativas, pois, capacitam os alunos a realizarem ações motoras previsíveis e imprevisíveis, além de auxiliarem no rápido aprendizado e domínio do movimento nos esportes.

Inicialmente, para o desenvolvimento das minhas aulas, usei essa referência para a construção das atividades, com o intuito de exercitar nos alunos tais capacidades coordenativas. No mês subsequente, para aprimorar as atividades, abordei o conteúdo “mini atletismo” para proporcionar novas experiências motoras aos estudantes. Depois, analisando o espaço físico, a composição das turmas e a possibilidade de iniciar algum esporte com os alunos, resolvi trabalhar com um esporte pouco conhecido no Brasil, tendo como objetivo propor algo diferente para os alunos. Assim, escolhi o Rugby, por ter uma origem teórica parecida com o futebol, que já me era familiar, para que fosse introduzido nas aulas.

O Rugby vem da família dos esportes de invasão, oriundo do futebol, criado na Inglaterra no ano de 1823, na Rugby School, na cidade de Rugby. Um aluno chamado William Webb Ellis pegou a bola com as mãos e saiu correndo em direção ao gol adversário, infringindo a regra do futebol, que não permitia o uso das mãos por parte dos jogadores de linha (BRASIL RUGBY, 2023).

Os esportes coletivos representam todos os esportes que passaram a ser “escolarizados”, sendo os mais populares o futebol, o vôlei, o basquete e

o handebol, tais práticas tem em comum uma organização técnico-tática variada favorecendo as relações interpessoais as quais são de suma importância para desenvolvimento psicológico, social e motor (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

A essência do Rugby no contexto esportivo sempre foi a amizade e o trabalho em equipe (BRASIL RUGBY, 2023). Como trabalho numa escola onde o bairro tem um cunho social difícil (com um ambiente violento), tive esse insight de colocar o Rugby no conteúdo das aulas com o intuito de melhorar essa perspectiva da realidade vivida pelos alunos.

O objetivo desta proposta foi desenvolver um trabalho de ampliação da cultura corporal de movimento através do Rugby, oferecendo uma aula de EF mais atraente e que proporcionasse aos alunos uma vivência esportiva nova, além de oportunizar uma forma diferente e lúdica de experimentação do Rugby, pois os estudantes, assim como eu, só conhecia essa prática corporal pelas partidas transmitidas na televisão.

O RUGBY NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O esporte é um elemento da Cultura Corporal de Movimento e seu trato pedagógico e didático na escola deve objetivar a inclusão de todos os estudantes. Segundo Darido e Rangel (2019), aprender o esporte no ambiente escolar, de modo geral, ou por uma modalidade esportiva específica, necessariamente implica na apropriação de um conjunto de valores, ações e atitudes que devem ser trabalhadas pelo professor. Para as autoras,

[...] identificar e analisar quais valores estão presentes no aprendizado e na vivência da modalidade escolhida caracteriza-se como um enfoque atitudinal a ser ressaltado e, por vezes, priorizado no ensino do esporte, sobretudo em se tratando do esporte na e da escola (DARIDO; RANGEL, p. 190, 2019).

Assim é preciso que se organize um plano de intervenção que tome como ponto de partida as características da comunidade escolar na qual se está inserido para que se avalie os valores e ações a serem trabalhados. Além

disso, é necessário propor atividades esportivas que atraiam os estudantes, despertando o interesse no desporto escolhido.

Para ensinar o Rugby nas séries iniciais, nos pautamos em Fonseca (2009), o qual defende que a primeira etapa seria a apresentação da modalidade aos alunos para que possam tomar conhecimento a respeito dos aspectos básicos. Ainda segundo o autor, o professor deverá conduzir seus alunos a uma prática que possibilite conhecer uma nova modalidade e não apenas aquelas comumente oferecidas e nas quais as crianças demonstram maior afinidade e domínio.

De acordo com Reverdito e Scaglia (2009), a relação ensino-aprendizagem não está firmada apenas no saber prático por experiências vividas, mas também no ato de saber transmitir o conhecimento de forma didática e com embasamento teórico que permite uma melhor adequação ao nível do aluno, possibilitando melhores oportunidades de aprendizagem na iniciação esportiva.

Quando se pensa em iniciação esportiva na escola, geralmente nos equivocamos e nos remetemos a limitar os estudantes a modelos já estabelecidos e legitimados pela própria prática já observada pelos jogadores formados (atletas de alto rendimento), a partir dessa ideia se ensina os esportes tendo por referência jogadores adultos e enxergamos nossos alunos como mini atletas.

No início do processo de ensino dos esportes, o professor deve levar em consideração o que o aluno já sabe (historicidade motora, social e cultural), pois, o aluno já traz parte de seu próprio conhecimento acerca de aspectos básicos das práticas esportivas. Estes conhecimentos podem ser relativos a princípios motores, sociais e culturais, que fazem parte do meio social inserido e que já puderam ser experimentadas e vivenciadas (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

As experiências prévias dos estudantes são relevantes, pois criam memórias motoras que podem ser aproveitadas em atividades futuras. Corroborando com essa afirmação, Bayer (1994) afirma que os sujeitos têm a possibilidade de desenvolver a capacidade de transferir os conhe-

cimentos adquiridos de uma atividade para outra. Essa capacidade é denominada de “prática transferível”, assim, essa capacidade ativa do sujeito de aproveitar experiências anteriores, de tratar situações semelhantes e descobrir que alguns conceitos podem ser aplicados para resolver tarefas diferentes, é importante de ser trabalhada nas aulas de EF.

Tais princípios foram chamados por Bayer (1994) de “princípios operacionais” e permitem aos jogadores atuar com autenticidade e decisão, pois, entendendo os elementos dos jogos é possível criar novas situações para a resolução de problemas que surgem no decorrer do jogo, proporcionando ao aluno um aprendizado amplo e diversificado.

Para que ocorra uma aproximação com o esporte é imprescindível levar em consideração os aspectos básicos observados e falados pelos alunos. Os professores precisam entender o contexto cultural no qual os alunos estão inseridos para gerir as aulas da melhor forma possível, oferecendo possibilidades pedagógicas adequadas ao público pretendido fomentando a experimentação.

De acordo com Graça e Oliveira (1995), é importante atentar-se para a adaptação e recriação de regras tendo como finalidade tornar as atividades o menos excludentes possível, objetivando que todos possam participar ativamente. A prática deve ser inserida de forma coerente e gradativa. É importante salientar que os professores devem ter como objetivo desenvolver competências no domínio social, estratégico, cognitivo, tático e técnico.

O Rugby faz parte de um grupo de jogos determinados por esportes coletivos que segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2009), podem ser conceituados como o conjunto de modalidades praticadas em um espaço determinado, por duas equipes que se utilizam da bola (ou outro implemento) a fim de defender seu alvo e conquistar o alvo adversário, dentro de regras específicas, em uma situação de rivalidade não hostil.

A inserção do Rugby na escola pode ser facilitada por meio da modalidade “Tag Rugby”, que é recomendado pela Confederação Brasileira de Rugby (2012) para se introduzir o esporte na escola por ter regras específicas e adaptadas. Tal jogo consiste no jogo de Rugby adaptado, reduzindo

de forma considerável o alto contato entre os praticantes, o que auxilia para a segurança dos alunos.

O Tag Rugby é um jogo fácil de jogar devido a sua baixa complexidade técnica, bem como da simplicidade de suas regras. Podendo ser praticado por equipes mistas com variadas faixas etárias, o que torna esse jogo também uma atividade com potencial de inclusão e integração. É possível ser desenvolvido nos espaços reduzidos, algo que podemos encontrar nas escolas. Suas regras são simples e apresentam os elementos principais do jogo de Rugby, porém, para retardar um ataque adversário, se tira uma fita que está presa a um cinto que fica na cintura dos jogadores (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY, 2012).

No ambiente escolar, o Rugby pode ser desenvolvido para além do conhecimento procedimental do jogo completo, de acordo com Melo e Piniheiro (2014), embora seja um esporte de muito contato físico, tal esporte estimula as tomadas de decisão, trabalho em equipe, compreensão, solidariedade entre adversários e companheiros, organização coletiva e a preocupação com a aprendizagem de todas e todos, diretamente vinculada a valores que qualifiquem positivamente a convivência.

VIVENCIANDO O RUGBY DA ESCOLA

Como dividia minha carga horária em 2 unidades de ensino do município de Serra (ES), resolvi desenvolver o trabalho em ambas. O projeto foi realizado nos meses de setembro e outubro de 2019, nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF's) Lacy Zuleica Nunes (LZN) e Antônio Vieira de Rezende (AVR), localizadas nos bairros André Carloni e Central Carapina, respectivamente.

Os sujeitos envolvidos foram os estudantes do 1º ao 3º anos da EMEF “LZN”, e do 1º e 2º anos da EMEF “AVR”, ambos do turno vespertino, compreendendo uma faixa etária de 6 a 9 anos. As aulas eram realizadas duas vezes na semana em cada escola, tendo uma duração de 50 minutos cada. Tal projeto foi realizado em um total de 8 aulas.

Em ambas as escolas não havia um projeto para a inserção do Rugby

nas aulas de EF previamente planejadas pelo antigo professor, no entanto, realizei uma reunião com a equipe pedagógica, na qual relatei minha intenção de trabalhar o esporte na escola. Tive o aval de ambas as escolas e iniciei minhas pesquisas sobre a melhor forma de inserção do esporte com os estudantes envolvidos.

Inicialmente busquei informações a respeito do Rugby, como foi criado, suas regras, o contexto internacional de competições e a participação brasileira no esporte, resultados, equipes que participam, torneios nacionais, o contexto capixaba do Rugby e se há atletas do estado do Espírito Santo que jogam em nível nacional e internacional. Posteriormente, procurei uma forma de adaptar o esporte na escola, e encontrei um vídeo²² com algumas formas de se utilizar o Tag Rugby nas aulas de EF.

Após essa breve pesquisa, separei algumas aulas para explicar como o Rugby havia surgido, seu aspecto histórico e o contexto atual, regras e contexto brasileiro da modalidade, além da exibição de alguns equipamentos que são utilizados no esporte, como a bola e o uniforme. Depois desse momento inicial, foi exposto aos estudantes como o jogo seria vivenciado na escola, o espaço e as regras adaptadas.

Como a proposição do Rugby na escola ocorreu no meio do ano letivo e não estava contemplado no Projeto Político Pedagógico (PPP), a compra de materiais específicos desta modalidade esportiva por parte das unidades de ensino ficou comprometida. Desse modo, a partir dos materiais pesquisados, adaptei alguns com o que havia nas escolas, e comprei (com recursos próprios) alguns equipamentos como bola, cinto e tags.

O espaço físico a ser utilizado nas unidades de ensino era um ponto de preocupação. Na EMEF “AVR” a quadra esportiva estava sendo construída e o espaço disponível para as aulas era o pátio de cimento na frente da escola que era compartilhado com a outra professora de EF. Já na EMEF “LZN”, dispúnhamos de uma quadra e um terreno de terra batida. Sendo

22. O vídeo mencionado é o “Como Jogar Tang Rugby (Formas de Jogar)” do canal FPRPortugalRugby. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-sV>

assim, houve um revezamento dos espaços com o outro docente da área. A ocorrência de chuvas impossibilitava a realização das aulas nos locais abertos.

O projeto foi iniciado com a exibição de um vídeo²³ que resumia o que era o jogo, quais suas principais regras e jogadas. Foi conversado com os estudantes se eles já tinham visto ou ouvido falar sobre tal esporte e quais suas primeiras impressões sobre o que haviam assistido no vídeo exibido. Após este momento foi explicado como as próximas aulas ocorreriam.

Foram propostas atividades nas quais os estudantes aprendessem alguns aspectos do jogo, como o passe e a recepção da bola, que pelo formato oval, gerava um pouco de dificuldade no momento de receber um passe do colega. Situações táticas do jogo foram inseridas de forma reduzida, para que os alunos pudessem ter um aprendizado eficiente e ajudar no desenvolvimento da atividade.

A organização das aulas foi feita sob a metodologia do Tag Rugby (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY, 2012), para adequar o Rugby à realidade dos alunos e facilitar o entendimento do jogo por parte deles. Vejamos abaixo como ocorreu esse processo:

- 1ª semana:** Foi realizada uma atividade simples de passe de um aluno para outro, sem interceptação. Na parte Defensiva, foi utilizado o posicionar do corpo para uma abordagem defensiva eficiente, propiciando a retirada da fita do aluno que estava de posse de bola.
- 2ª semana:** Proposição de uma atividade onde os estudantes ficavam um contra um, para que o aluno compreendesse a necessidade de drible que o esporte necessita.
- 3ª semana:** realização de uma dinâmica de situação de jogo de dois contra um, para que os estudantes pudessem criar e desenvolver um jogo mais coletivo, melhorando o jogar e a colaboração com

23. O vídeo exibido foi o "Guia para Iniciantes - O Rugby em 3 minutos!" do canal Portal do Rugby. Disponível em: <https://youtu.be/GZz2yj1r3M0>.

os colegas de equipe, evitando a individualidade excessiva.

•**4ª semana:** Aplicação do jogo “Tag Rugby”, utilizando os jogos reduzidos, priorizando a prática do jogo por parte dos alunos, objetivando o prazer em jogar em equipe.

Em algumas atividades os estudantes sentiram dificuldades em entender a dinâmica de execução e, por vezes, foi necessário interromper a aula para esclarecer as dúvidas. As turmas dos 3º anos (por terem estudantes mais velhos e vivenciado outras experiências motoras anteriormente) tiveram mais facilidade em desenvolver as atividades. Já os estudantes das turmas de 1º ano necessitaram de uma atenção maior, além de uma linguagem mais simples e com proposições adaptadas ao seu desenvolvimento cognitivo-motor.

Algumas questões como a ética no esporte, durante o jogo ou não, respeito pelo adversário, árbitros, professores e demais sujeitos envolvidos na prática, reconhecimento digno do adversário, tanto na posição de vencedor quanto na posição de derrotado, foram pontos trabalhados em todas as aulas propostas do Rugby e do Tag Rugby.

Após as vivências foram realizadas rodas de conversa com os estudantes de todas as turmas nas duas unidades de ensino para tentar compreender o que havia sido apreendido e compreendido pelos discentes. Foi indagado o apreço pelo jogo, se eles haviam gostado ou não dessa experiência, o que haviam aprendido de mais interessante, e como reagiriam diante de uma proposta de aprendizagem de um novo esporte.

Foi solicitado aos estudantes que realizassem um desenho com suas impressões e sentimentos despertados durante o processo de vivência do Rugby, expressando o momento que mais o marcaram. O desenho é interpretado por Vygotsky (1989) como um estágio preliminar do desenvolvimento da escrita, tendo ambos (desenho e escrita) as mesmas origens de construção: a linguagem falada.

Enquanto a escrita não oferece segurança para refletir o pensamento desejado, a criança utiliza o desenho como meio mais eficiente para

expressar seu pensamento. Para Vygotsky (1989), as crianças desenhavam aquilo que representam seus pensamentos, seus conhecimentos e/ou suas interpretações sobre uma dada situação vivida ou imaginada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte, por muitas vezes, é marginalizado nas escolas e rejeitado por alguns professores que não compreendem sua importância para o desenvolvimento dos estudantes. No entanto, é necessário que o esporte seja trabalhado de forma diferenciada nas aulas de Educação Física Escolar, priorizando a vivência de práticas diversas e adaptadas à realidade dos estudantes e não objetivando a performance física ou o desenvolvimento de atletas.

Trabalhar com um esporte incomum da cultura brasileira é um tanto difícil, pois eu nunca imaginei trabalhar com o Rugby, tampouco achei que as crianças das escolas onde lecionava fossem receber com empatia esse novo esporte. Foi muito interessante descobrir que os alunos tiveram paciência para aprender e demonstraram boa vontade em receber um conhecimento novo e utilizar-se dele para descobrir novas potencialidades em seus movimentos.

Durante esse processo, pude perceber que a maioria dos estudantes estava curiosa em saber mais sobre o Rugby e isso foi um fator positivo para que eu tivesse um resultado satisfatório na inserção desse conteúdo nas minhas aulas. Os alunos demonstraram terem gostado bastante do envolvimento com um novo esporte, tendo em vista o pouco ou quase nenhum conhecimento sobre o Rugby que os alunos e até mesmo eu, tínhamos sobre essa modalidade.

Percebemos que o Tag Rugby pode ser uma alternativa de conteúdo para as aulas de EF, possibilitando aos estudantes uma perspectiva diferenciada em relação ao excesso de contato físico que o Rugby possui. Desse modo, concluímos que o Rugby, por meio do jogo Tag Rugby, pode ser uma opção interessante para ser desenvolvida no ambiente escolar, principalmente considerando as inúmeras possibilidades e facilidades de sua prática.

Algumas das dificuldades de se trabalhar com o Rugby na escola se dão através da obtenção de materiais e o próprio espaço físico para o desenvolvimento das aulas. Porém, são obstáculos que podem ser superados pelo professor com auxílio e ajuda do corpo técnico pedagógico da escola, para o desenvolvimento de um trabalho interessante e de um planejamento prévio realizado no início do ano letivo, integrando o projeto ao PPP da escola.

Para que esta prática seja a mais rica possível se faz necessário conhecer diferentes métodos de ensino que podem ser inseridos na prática do ensino dos esportes. O professor deve proporcionar uma vivência de várias práticas esportivas sem se importar com o refinamento da técnica nas séries iniciais do Ensino Fundamental, visando aumentar o repertório de experimentações corporais para que se possa estimular a prática esportiva de uma maneira positiva e adaptada à realidade da comunidade escolar, contribuindo assim para a ampliação dos conhecimentos e enriquecimento da formação cultural dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BRASIL RUGBY. **Confederação Brasileira De Rugby**. História do Rugby. Disponível em: <https://brasilrugby.com.br/historia-do-rugby/> . Acesso em: 25 mar. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY. **Tag Rugby nas escolas**. Manual do professor, 2012.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2019.

FONSECA, C. R. S. **Basquetebol:** aspectos pedagógicos e técnicos. / Carlos Roberto de Souza Fonseca, Moacir Átila Pinto Moreira. – Manaus/AM: UEA Edições, 2009. –(Educação física ; v.19)

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos.** Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GRECO, P. J.; SILVA, S. A. O treinamento da coordenação motora. In: SAMULSKI, D.; MENZEL, H. J.; PRADO, L. S. **Treinamento Esportivo.** São Paulo: Manole, 2013. p.183-215.

MELO, J. B.; PINHEIRO, E. S. O rugby na educação física escolar: relato de uma prática. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 20-32, mar. 2014.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte:** jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.600-610, jul./set. 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

AUTORES

Alexsandra Evangelista Quadra

Bacharel em Educação Física pela Faculdade Estacio de Sá do Espírito Santo. Graduada em Educação Física Escolar pela Faculdade DOCTUM. Especialista em Educação Física Escolar e em Educação Especial. Professora nas EMEF Irmã Dulce e Anna Gomes, ambas no município de Serra/ES. Possui 14 anos de experiência de trabalho como docente de educação escolar. E-mail: lekabr319@hotmail.com

Ana Paula Endlich Pereira Bastos

Graduada e Especialista em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora nos CMEI's Luciano de Souza Rangel e Marília Modesto Monteiro, ambos no município de Serra/ES. Possui 10 anos de experiência na educação básica. E-mail: anap_epbastos@hotmail.com

Antonio Junior Rodrigues de Barros

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Educação Física Escolar e Gestão Educacional. Professor de Ginástica no Colégio Linus de Jacaraípe, da EMEF Anna Gomes e da EEEFM Elice Baptista Gáudio, ambas em Serra Dourada, todas no município de Serra/ES. Possui 10 anos de experiência na educação básica. E-mail: prof.antoniojrb@gmail.com

Bianca Jahel Boreli

Licenciada Plena em Educação Física pela UVV. Professora no Cmei Profa Sandra Maria N. Dallabernardina, no município de Serra/ES. Possui 13 anos de experiência na educação básica. E-mail: biajahel@hotmail.com

Elisângela Moreira Dias Amaral

Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialização em Educação Física Escolar pela UFES. Técnica de Ginástica Artística da Equipe Marista e Escola Monteiro de 1997 a 2006. Professora no Cmei Luciano de Souza Rangel, no município de Serra/ES e na EMEF Marechal Mascarenhas de Moraes, no município de Vitória/ES. Possui 13 anos de experiência na educação básica. E-mail: elisangym@gmail.com

Fernanda Silva dos Santos

Mestra e Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Gama Filho. Professora na EMEF Antônio Vieira de Rezende, no município de Serra/ES e na EMEF Prof. Verceñílio da Silva Pascoal, no município de Vitória/ES. Possui 13 anos de experiência na educação básica, e 2 anos no ensino superior. Atuou como tutora no curso de Licenciatura Plena em Educação Física EaD (Prolicen) na UFES por 4 anos. E-mail: nandasantos_edfisica@yahoo.com.br

Kenia Broedel Andrade

Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Fisiologia e Cinesiologia da atividade física e saúde pela Universidade Gama Filho. Faixa preta de Taekwondo 1º DAN desde os 16 anos, ministrando aulas deste esporte. Professora na EMEF Altair Siqueira Costa, no município de Serra/ES. Técnica Esportiva pela Prefeitura Municipal de Vitória/ES, atuando em projetos sociais e esportivos. Possui 13 anos de experiência na educação básica. E-mail: keniavix@hotmail.com

Lorena Nascimento Ferreira

Mestra e Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Educação Especial pelo Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio. Professora na Faculdade Capixaba da Serra - Multivix nos cursos de Pedagogia e Educação Física. Professora na EMEF Rubem Alves e na EEEFM Francisca Peixoto Miguel, ambas no município de Serra/ES. Possui 8 anos de experiência como docente na educação básica e no ensino superior. E-mail: lorena_nferreira@hotmail.com

Maria Aparecida Passini

Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina/PR. Especialista em Educação Física Escolar e em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora de Educação Física nas redes municipais de ensino de Serra e Vitória desde 2002 e atualmente está na função de Diretora na EMEF Juscelino Kubitschek de Oliveira, no município de Vitória/ES. Lecionou na rede estadual de ensino do Espírito Santo por 14 anos. E-mail: cidapassini@outlook.com

Maria Riziane Costa Prates

Doutora em Educação. Professora do Programa de Mestrado em Segurança Pública. Pedagoga do Núcleo de Acessibilidade – NACE-UVV. Professora da Graduação em Pedagogia e Coordenadora da Pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Vila Velha. Professora da Educação Infantil do município de Serra. Líder do grupo de pesquisa CNPq: Aprendizagens afetivas na diferença: Direitos humanos e educação por uma ética e estética da existência e produção de segurança pública. E-mail: rizianeprates1@gmail.com

Pedro Assunção Peito Macedo

Licenciado Pleno em Educação Física pela Universidade de Vila Velha. Pós-Graduado em futebol pela Universidade Federal de Viçosa. Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro de Estudos Avançados-CESAP. Treinador de futebol de categorias de base há 5 anos. Analista de desempenho em futebol há 10 anos. Possui 2 anos de experiência na educação básica. E-mail: pedromg18fut@hotmail.com

Poliana Nery de Castro Bispo

Mestra e Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Educação Física Escolar e Educação Inclusiva. Professora da Rede Estadual de Ensino (SEDU/ES), atuando como técnica da Equipe de Apoio às Atividades Escolares-Projetos e Ações. Possui 12 anos de experiência na educação básica na rede pública de ensino. Atuou por um ano na rede privada no Ensino Superior e na tutoria EaD. E-mail: poporuiva@gmail.com

Renata Bernardo Narcizo

Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Brasileira Cristã – Fabra. Especialista em Educação Física Escolar e Artes. Professora no CMEI Professora Vera Lucia Lorençon Barcelos, no município de Serra/ES. Possui 5 anos de experiência na Educação Infantil. E-mail: farewery2@gmail.com

Renata de Souza Santos

Licenciada Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciada Plena em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Aracruz. Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade Brasileira Cristã – Fabra. Possui 3 anos de experiência na educação básica. Professora na UMEFTI Professor Rubens José Vervloet Gomes (Vila Olímpica), no município de Vila Velha/ES. E-mail: renatadesouzasantos@hotmail.com

Renata Rodrigues Marques

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra e Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui 11 anos de experiência como docente na educação básica e no ensino superior. Membro do grupo Andora/UFES. E-mail: renata.m.rodrigues@hotmail.com

Samuel Coelho da Silva

Mestre e Licenciado Pleno em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Educação Física para a Educação Básica pela UFES. Professor na rede municipal de Serra e na rede Estadual de Ensino do Espírito Santo (SEDU). Possui 11 anos de experiência docente na rede pública de ensino, 5 anos de experiência em projetos sociais e esportivos e 11 anos no Ensino Superior a Distância (EaD) na Rede Privada como tutor. E-mail: samuel.ef@bol.com.br

Thacia Ramos Varnier

Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra e Graduada em Educação Física pela UFES. Especialista em Educação Infantil. Professora nos Cmei's Tio Leandro e Olindina Leão Nunes, ambos no município de Serra/ES. Possui 8 anos de experiência docente nos Ensinos Superior e Básico da rede pública de ensino. E-mail: thacia_151@hotmail.com

Ubirajara de Oliveira

Doutor em Ciências na Saúde da Criança e do Adolescente pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Ciências da Educação e Valores Humanos pelo Centro Universitário Capital SP. Especialista em Treinamento Individualizado pela FMU/SP. Licenciado Pleno em Educação Física pelo Centro Universitário Metropolitano de SP. Professor do Departamento de Desportos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo e do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) núcleo CEFD/UFES. E-mail: ubioliveira@gmail.com

Ueberson Ribeiro Almeida

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor adjunto do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFES e do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) núcleo CEFD/UFES. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Membro do Laboratório de Estudos em Educação Física-LESEF/CEFD/UFES. E-mail: uebersonribeiro@hotmail.com